



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - FFCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - PPGCS

VANILTON CAITANO SOARES DE SOUZA

**NAS TRAMAS DA VIOLÊNCIA: (DES)CONSTRUINDO OS SENTIDOS
DOS HOMICÍDIOS NAS PERIFÉRIAS DE SALVADOR**

Salvador

2017

VANILTON CAITANO SOARES DE SOUZA

**NAS TRAMAS DA VIOLÊNCIA: (DES)CONSTRUINDO OS SENTIDOS
DOS HOMICÍDIOS NAS PERIFERIAS DE SALVADOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia - UFBA, como requisito obrigatório para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Professora Dra. Maria Salete Souza de Amorim.

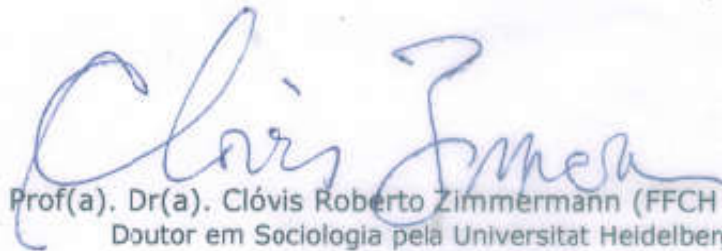
Salvador

2017

VANILTON CAITANO SOARES DE SOUZA

**NAS TRAMAS DA VIOLÊNCIA: (DES)CONSTRUINDO OS
SENTIDOS DOS HOMICÍDIOS NAS PERIFÉRIAS DE
SALVADOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais e, aprovada em seis de abril de dois mil e dezessete, pela Comissão formada pelos professores:



Prof(a). Dr(a). Clóvis Roberto Zimmermann (FFCH - UFBA)
Doutor em Sociologia pela Universität Heidelberg



Prof(a). Dr(a). Riccardo Cappi (UNEB)
Doutor em Criminologia pela Université Catholique de Louvain



Prof(a). Dr(a). Maria Salete Souza de Amorim (FFCH - UFBA)
Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Modelo de ficha catalográfica fornecido pelo Sistema Universitário de Bibliotecas da UFBA para ser confeccionada pelo autor

Souza, Vanilton Caitano Soares de
Nas Tramas da violência: (des) construindo os sentidos dos homicídios nas periferias de Salvador / Vanilton Caitano Soares de Souza. -- Salvador, 2017.
123 f.

Orientadora: Maria Salete Souza de Amorim.
Dissertação (Mestrado - Ciências Sociais) -- Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2017.

1. Homicídio. 2. Periferia. 3. Juventude. 4. Violência. 5. Estigmas Sociais. I. Amorim, Maria Salete Souza de. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é resultado de uma produção individual, mesmo quando a sua concepção e esforços foram coletivos na árdua trajetória que o estudante de pós-graduação teve que trilhar no processo de qualificação profissional. Embora produzido para obtenção do título mestre em Ciências Sociais, as inquietações abordadas no texto antecedem o curso e provavelmente continuarão existindo. Deste modo, mesmo sendo um trabalho individual, a sua construção foi coletiva, seja por um incentivo familiar, uma palavra amiga ou leitura comentada de amigos.

Tantas são as pessoas as quais desejo agradecer e de forma especial agradeço...

Às mulheres que aquecem a minha vida Luiza, Andréa e Edneia, ao carinho e incentivo recebido por toda a minha família nessa caminhada de crescimento e qualificação profissional.

Aos colegas de curso do Mestrado em Ciências Sociais na Universidade Federal da Bahia, representados na menção a Thaisa Ferreira, colega e companheira de jornada na pesquisa, e não citarei mais nomes para evitar esquecimentos.

Agradeço ao Programa A Cor da Bahia, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH/UFBA) pela oportunidade de fazer parte da primeira turma do Curso de Formação para o Acesso à Pós-graduação. Com uma menção especial ao professor doutor Cloves Oliveira coordenador do curso de extensão que me auxiliou na construção e no amadurecimento necessário para lograr êxito na seleção de mestrado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa concedida durante todo o curso regular de mestrado, condição importante para a manutenção do estudante e realização desta pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS), da Universidade Federal da Bahia, pela oportunidade de ingressar nestas fileiras, aos coordenadores do PPGCS, enquanto fui estudante, professor doutor Clóvis Zimmermann e professora doutora Maria Salete Amorim, por toda atenção dedicada a mim. Aos professores que fazem parte do PPGCS representados na menção especial ao professor doutor Luiz Claudio Lourenço, agradeço por todos os ensinamentos que tive, pela oportunidade de realizar o estágio docente

na disciplina Estudos Prisionais, além das primeiras orientações para o desenvolvimento desta pesquisa. Aos professores do Laboratório de Estudos em Segurança Pública, Cidadania e Solidariedade (LASSOS), grupo em que tive a oportunidade de desenvolver meus estudos, agradeço ao professor dr Eduardo Paes-Machado pelos saberes disseminados na disciplina Sociedade e Violência e a professora Mariana Possa pela oportunidade de participar o Workshop Métodos de apreensão da realidade social - Técnicas de Entrevista em estudos de violência, ofertado conjuntamente com o professor doutor Riccardo Cappi.

Um agradecimento especial a professora dourutra Maria Salete Souza de Amorim, minha orientadora, por me aceitar como orientando, por compartilhar o seu tempo, disposição e saberes para a construção deste trabalho. Pelo olhar atencioso, pelas críticas e sugestões dispensados com a sutileza necessária e a palavra de conforto capaz de motivar o estudante a descortinar horizontes reais e imaginários e superar os desafios cotidianos que se interpõe a construção da pesquisa, com o cuidado de entender o tempo do estudante e elaborar uma agenda dinâmica e flexível de orientação para a construção da pesquisa.

Aos professores que formaram a banca de qualificação deste trabalho juntamente com a professora doutora Maria Salete Amorim (orientadora), o professor doutor Clóvis Zimmermann, e o professor doutor Riccardo Cappi. Os comentários, questionamentos e horizontes possíveis indicados pelos professores que generosamente participaram da minha banca. Dentro do possível as questões levantadas foram levadas em consideração e eu tentei respondê-las na versão final da dissertação.

Aos meus colegas de graduação e pós-graduação que se tornaram amigos para a vida obrigado Ivan, Thaísa, Makini Oluchi Ndiaye, Taiala, Rebeca, Zosimo, George, Miguel, Iago, Letícia, Natasha, Jalusa, Laiane, Lucimeire e Bebito. Dentre os meus amigos para vida que contribuíram de forma direta para a realização deste trabalho, destacam-se o professor mestre Cícero Muniz, pelo incentivo e motivação para a realização da prova, além da disponibilidade para ler e comentar o meu projeto de pesquisa, enquanto estudante de pós-graduação na fase final de curso, muito obrigado Cícero. A minha amiga Lilian Alves, por ser o meu ouvido amigo, meus olhos atenciosos, a toda amizade e dedicação, eu sei que pedi mais do que poderei retribuir a vocês, mas se posso confortar os seus corações eu não teria conseguido sem a ajuda de vocês.

Muito obrigado a todos que direta ou indiretamente me ajudaram na construção deste trabalho e no meu crescimento profissional.

*A tarde finda em minha cidade,
dizem que na escuridão, da noite,
eu sumo.
Às vezes, queria acreditar,
sinto-me vigiado,
Há sempre um olhar fixo em mim.
Olho para o lado
será que as pessoas que passam
sentem-se também vigiadas?
intimidadas...
Já era, fui visto,
flagrado a caminho de casa
dizem que onde moro é um gueto
e por isso preciso prestar contas
a sociedade, como qualquer cidadão de bem.
Pois bem, estou paralisado,
tento não pensar em nada.
Minha vontade é fugir,
perco o equilíbrio,
uma força bruta atinge a minha perna
Ouço vozes, talvez...
Olho em revolta, retruco
sou surpreendido,
como que tomado de assalto...
meu rosto arde,
meu olhar fixo em casa,
Não olho para o outro,
quando olho, me vejo,
as vezes ninguém quer se ver no espelho,
sinais de desaprovação
refletem nas faces das pessoas em trânsito
(o que estarão pensando?)
ainda sobre o efeito do ocorrido
o som no ouvido zumbindo,
o grito entalado na garganta,
num silêncio que inquieta.
Na boca um gosto metálico,
quase como o aço
que corta a carne.
Uma mulher, como minha mãe
se aproxima e grita (como eu tentei).
Não posso...
enfim retomo os passos,
entendo o injustificável
de todas as ações que pesam
sobre o meu corpo,
agradeço poder chegar.
Se aqui moro,
não seria estranho sumir nas quebradas,
-em silêncio, alguém sentirá minha falta?-
sinto toda raiva daquele (meu) olhar me perseguindo.
Doem os estigmas que não deixam marcas,
que não ferem a pele,
apenas machucam a alma
quando não há em mim dignidade humana
para mim ou para o "eu"
por isso, num verbo encontro sentido: luto.*

Vanilton Caitano S. de Souza, Tramas de um Caminhar

NAS TRAMAS DA VIOLÊNCIA:(DES)CONSTRUINDO OS SENTIDOS DOS HOMICÍDIOS NAS PERIFERIAS DE SALVADOR

RESUMO

Com o aumento exponencial na violência urbana nas últimas décadas no Brasil, capaz de colocar o país em evidência nos índices globais como um dos países mais violentos do mundo, esta pesquisa se debruça na realidade social da cidade do Salvador, capital da Bahia, como uma das capitais de maior violência letal contra a juventude. Busca-se conceber, nesta dissertação, os sentidos dos homicídios nas periferias e guetos locais, com o objetivo de (des) construir a forma como a violência letal povoa o imaginário social da população soteropolitana à luz da teoria sociológica específica. A pesquisa, do tipo qualitativo, alicerçada com auxílio de alguns métodos de pesquisa, como o estudo de caso, técnica necessária para execução do trabalho, responsável por delimitar o estudo, produzindo o recorte do local de concentração dos homicídios, selecionando a região da cidade detentora de elevado número de jovens assassinados todos os anos, que se desenvolveu num ponto de interseção entre quatro bairros periféricos da cidade. Na qual o pesquisador como observador interessado insere-se na realidade local numa perspectiva etnográfica, dada a capacidade ofertada de descrever os meandros e peculiaridades nas quais os bairros periféricos e/ou populares e os guetos da cidade foram historicamente construindo e excluídos, traçando um perfil ético-social e econômico da região estudada, apresentando a dinâmica cotidiana do lugar. As entrevistas (em profundidade) realizadas com moradores locais, policiais, seguranças, agente de saúde, membros da associação de moradores constroem as narrativas de morte em que os interlocutores vivenciaram ou ficaram marcadas na sua memória como uma situação de violência, que permitem ao pesquisador ao se deparar com cenas de violência explícita nos guetos da cidade produzir análises e interpretar os fatos, atribuindo sentidos às mortes, criar uma tipologia dos personagens (espectadores da morte, X-9, colaborador, papa defunto) que compõem o cenário de violência, dos tipos matáveis (estuprador, ladrão e traficante), que se perpetuam nos corpos delinquentes, marcado nos corpos, vestimentas e na linguagem corporal dos jovens negros moradores das periferias da primeira capital do país.

Palavras-Chave: Homicídio; Periferia; Juventude; Violência; Estigmas Sociais.

ABSTRACT

With the exponential increase in urban violence in the last decades in Brazil, capable of putting the country in evidence in the global indices as one of the most violent countries in the world, this research focuses on the social reality of the city of Salvador, the capital of Bahia, as one of the capitals of the most lethal violence against youth. In this dissertation, we try to conceive the meanings of homicides in the local peripheries and ghettos, in order to (des)construct the way in which lethal violence populates the social imaginary of the metropolitan population, in the light of specific sociological theory. The qualitative type research, based on the aid of some research methods, such as the case study, which is a necessary technique for the execution of the work, responsible for delimiting the study, producing the cut of the homicide concentration site, selecting the region of the holding city of a large number of young people murdered each year, which developed at a point of intersection between four outlying districts of the city. In which the researcher, as an interested observer, inserts himself into the local reality in an ethnographic perspective, because of the capacity offered to describe the meanders and peculiar in which the peripheral and / or popular neighborhoods and the ghettos of the city were historically constructing and being excluding, drawing an ethical-social profile and economic situation of the region studied, presenting the daily dynamics of the place. The interviews (in-depth) conducted with local residents, police officers, security guards, health agents, members of the residents' association construct the death narratives in which the interlocutors lived or were marked in their memory as a situation of violence, allowing the researcher, when confronted with scenes of explicit violence in the ghettos of the city, produce analyzes and interpret the facts, assigning meanings to the deaths, create a typology of the characters (spectators of death, X-9, collaborator, undertakes) (rapist, thief and drug dealer), perpetuated in delinquent corps, marked on the bodies, clothes and body language of young black people living in the outskirts of the country's first capital.

Keywords: Homicide; Periphery; Youth; Violence; Social Stigmas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|-----|
| Mapa 1 Bairros em que mais se concentram os homicídios em Salvador | 59 |
| Tabela 1 Os 20 bairros mais negros e mais brancos de Salvador | 62 |
| Gráfico 1 Mudança na pirâmide etária brasileira 1980/2010 do IBGE | 69 |
| Figura 1 Propaganda do governo da Bahia de combate ao uso do <i>crack</i> | 103 |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| INTRODUÇÃO | 12 |
| 1 ESTRANHANDO O MEU LUGAR OU SENDO AFETADO PELO CAMPO: NOTAS METODOLÓGICAS | 18 |
| 1.1 NOTAS METODOLÓGICAS: TÉCNICAS DE PESQUISA EM AMBIENTE URBANO | 23 |
| 2 O CRIME VIOLENTO E O SEU LUGAR, O COVIL: NOTAS DE UM ESTUDO DE CASO | 31 |
| 2.1 O COVIL: UM LUGAR QUE PRECISA SER ENXERGADO | 34 |
| 2.2 ESTRANHANDO O LUGAR: TRANSITANDO ENTRE AS RUAS DE CIMA E AS RUAS DE BAIXO | 37 |
| 2.3 O (SUB)MUNDO DO COVIL | 39 |
| 3 SALVADOR SOB PERSPECTIVA: EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIAS NAS PERIFERIAS | 46 |
| 3.1 POR QUE SALVADOR DEVE SER PENSANDO COMO PERIFERIA AO INVÉS DE FAVELA OU COMUNIDADE? | 52 |
| 3.2 CRIME VIOLENTO EM SALVADOR: O HOMICÍDIO E O SEU LUGAR | 57 |
| 4 JUVENTUDE E PERIFERIA: SOCIABILIDADE E VIOLÊNCIA EM BAIROS POPULARES DE SALVADOR..... | 64 |
| 4.1 SALVADOR ENTRE BECOS E VIELAS | 70 |
| 4.2 JUVENTUDE, SONHOS E CAMINHOS | 75 |
| 5 OS TIPOS MATÁVEIS OU POR UMA MORTE CONCORRIDA | 77 |
| 6 CORPOS DELINQUENTES, CONTROLE DO ESTADO E O DIREITO À VIDA..... | 89 |
| 6.1 FOUCAULT E BOURDIEU: PODER, VIOLÊNCIA E DOMINAÇÃO | 90 |
| 6.2 OS 12 MORTOS DO CABULA: VIOLÊNCIA POLICIAL, NOTAS DE UM ESTUDO DE CASO | 92 |
| 7 MORTE COMO UM ESPETÁCULO: (DES)CONSTRUÇÃO DOS HOMICÍDIOS NOS GUETOS | 102 |
| 7.1 OS SENTIDOS DA MORTE | 104 |
| 7.2 ATORES QUE COMPÕEM O CENÁRIO DE MORTE | 107 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 116 |
| REFERÊNCIAS | 119 |

INTRODUÇÃO

A literatura sociológica acerca do crime, da violência e do encarceramento não se configura como objeto novo de estudo nem mesmo surgiu nas últimas décadas nas ciências sociais, visto que alguns dos pais fundadores dedicaram-se a escrever textos relacionados à temática. Durkheim analisou a função do crime e da violência na manutenção da coesão de uma dada sociedade. Weber, por sua vez, buscou compreender a relação complexa entre a postura desviante e a assimilação da conduta delituosa na sociedade e a forma em as instituições sociais atuam.

No entanto, é no pós-guerra do século XX, que ocorreram análises minuciosas acerca dos diversos temas que envolvem o crime, a violência, o sistema jurídico, a importância dos meios de comunicação e métodos que possam sanar os problemas existentes nestes quesitos em diversas sociedades na modernidade. Seja na Europa ocidental, nos Estados Unidos ou mesmo na América Latina, onde nas últimas décadas pesquisadores tem se debruçado sobre o tema com especial atenção (GARLAND,1990; WACQUANT,2001).

Os estudos relacionados à questão da violência urbana vêm ganhando destaque nas ciências sociais brasileira desde meados da década de 1970, os primeiros estudos voltados para esta temática retrataram principalmente a realidade social das duas maiores cidades do Brasil: São Paulo e Rio de Janeiro, na região sudeste do país (LIMA; RATON, 2011). O crescimento vertiginoso dos estudos voltados para a violência vem ocorrendo desde o final dos anos 1990, a partir do momento em que a violência urbana tem um aumento exponencial em todo o país, bem como, acompanhando os deslocamentos das zonas de violência letal nas diversas regiões do país.

Entre os anos 1990 e a primeira década dos anos 2000, houve um aumento significativo da violência urbana em todo o país, com um deslocamento da violência da região sudeste, dos estados de São Paulo e Rido de Janeiro, que nos anos 1990 encontravam-se entre as cidades mais violentas, para as regiões norte e nordeste, principalmente para os estados de Pernambuco, Alagoas e Bahia, no caso específico da cidade do Salvador os índices de homicídio aumentaram 350% nos últimos dez anos, segundo dados do livro de Júlio Waiselfisz: *Mapa da violência 2012 os novos padrões de violência homicida no Brasil*, lançado pelo Instituto Sagari, que também apresenta a cidade de Salvador como a 7º cidade mais violenta do país, sendo o estado da Bahia o 7º mais violento do país, e a cidade de Simões Filho a cidade mais violenta do Brasil, dentre as cidades com mais de 100 mil

habitantes. Os índices de violência em Salvador saltam de 315/100.000 em 2000 para 1771 e 1883/100.000 no biênio 2008/2009. No entanto, ao se levar em conta os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Ibge) no censo de 2010, podemos perceber que não houve aumento demográfico em Salvador, no ano de 2000 tínhamos 2.480.790 de habitantes, em 2010 havia 2.443.107 de habitantes, contrariando a premissa de que com o aumento da população, da densidade demográfica, além das condições de vulnerabilidade social, os crimes e situações de violência tendem a aumentar, como já tinha sido refutado por Coelho (1980) e Misse (1995).

Entretanto, o mapa da violência demonstra a migração da violência do eixo sul/sudeste para o eixo norte/nordeste, como aponta o Atlas da Violência 2016 (CERQUEIRA et al 2016), publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA). No entanto, é importante ressaltar, que não há consenso entre os números apresentados nas diversas pesquisas que tratam da questão do aumento da violência urbana e dos homicídios no país, posto que a metodologia utilizada pelas diversas Secretarias de Segurança Pública contabilizam de forma diferenciada os números de mortes e homicídios em seus estados.

Mediante este cenário de aumento exponencial da violência urbana é que este trabalho foi realizado na cidade de Salvador entre os anos 2014 e 2016, com o intuito de contribuir para os estudos das ciências sociais concentrados no eixo temático do crime e violência, pois a Bahia, na última década, tem se destacado pelo elevado índice de homicídios tanto na capital, Salvador, como na região metropolitana (Simões Filho, Lauro de Freitas e Camaçari), como algumas das cidades mais violentas do país.

A presente dissertação tem como objetivo geral compreender, a partir da análise das representações sociais de violência presentes nas narrativas dos sujeitos entrevistados, como se dá o processo de construção das diversas formas de violências nas periferias de Salvador, em especial o homicídio doloso que acomete prioritariamente a população jovem soteropolitana. Foram traçados os seguintes objetivos específicos, tendo em vista o alcance do objetivo geral da pesquisa: 1) Analisar, sob a perspectiva sociológica, questões como exclusão social e violência, no caso específico de Salvador; 2) Investigar e interpretar os processos de sociabilidade dos jovens nos bairros periféricos localizados entre o subúrbio ferroviário e o miolo da cidade e analisar como eles gerem a violência que os cerca; 3) Interpretar as principais formas de gestão da violência em bairros periféricos, bem como os

atores sociais que praticam a violência, cujo o resultado seja a morte; 4) Construir tipos ideais para os tipos matáveis: sujeitos/criminosos que são mortos nas periferias cotidianamente.

Para alcançar os resultados pretendidos nesta pesquisa que é de cunho qualitativo, alguns métodos foram mobilizados, dois merecem destaque o etnográfico (MALINOWSKI, 1976) e o estudo de caso (GOLDENBERG, 1997). Pois estas técnicas possibilitaram a construção do campo de estudo e a inserção do pesquisador que vislumbra explorar temas relacionados à violência urbana. O estudo foi realizado numa região de concentração de casos de homicídios, numa área de interseção entre o subúrbio ferroviário e o miolo da cidade, na região noroeste de Salvador, totalizando sete bairros¹.

A minha aproximação e a construção dos meus interlocutores deram-se primeiramente a partir dos contatos produzidos através de laços de amizade. Não realizei nenhuma entrevista com parentes e amigos, mas consegui muitos interlocutores por indicações de conhecidos. Realizei mais de 30 entrevistas exploratórias com pessoas diferentes dentre elas: professores das escolas municipais e estaduais localizada na região, porteiros das escolas, vendedores, ambulantes, em especial os seguranças dos estabelecimentos comerciais, a vendedora de cachorro-quente e o pipoqueiro que ficam no final de linha de três dos sete bairros estudados, policiais militar e civil que vivem ou trabalham nos bairros e os agentes de saúde.

A perspectiva etnográfica foi importante por dois motivos: pela necessidade do estranhamento ou desnaturalização das relações cotidianas e rituais de interação comuns aos locais, pois como me enquadro diretamente no público alvo deste estudo (jovem, negro e morador de bairro periférico de Salvador), foi um exercício interessante o fazer sociológico. E o segundo motivo, pela observação interessada das situações de violência comuns em certas áreas dos bairros. Além da produção do diário de campo, que serviu para observar o processo de saturação das entrevistas em relação a determinadas situações de violência, para o melhor entendimento e aprofundamento do pesquisador no campo e principalmente para preservar as narrativas dos meus interlocutores, que por questão de segurança e para preservar a veracidade dos relatos pediam para desligar o gravador ou só aceitavam ser entrevistados sem este.

¹ - Por se tratar de uma pesquisa relacionada à violência num local de grande vulnerabilidade social e para resguardar o anonimato dos interlocutores para a construção desta pesquisa os nomes dos bairros foram ocultados. O local em que foi realizado o estudo de caso recebeu o nome fictício de Covil.

Por sua vez, o estudo de caso, no primeiro instante, da construção teórica do objeto de estudo e contextualização do problema, não representou um desafio muito grande. Porém, no exercício da produção escrita desta dissertação revelou-se um trabalho hercúleo, para tentar dar conta de descrever com alguma riqueza de detalhes as nuances que a cidade de Salvador apresenta para o trabalho de campo, evidenciando que muitos elementos deverão ser explorados para o aprofundamento de questões relacionadas a elementos conceituais como o entendimento da cidade como periferia, comunidade, favela, bairros populares, subúrbio ou questões basilares como a ocupação e povoamento dos bairros da cidade, sociabilidade entre os moradores do bairro e gestão da violência nos diversos locais da cidade.

Contudo, é importante ressaltar que a fase da escrita é uma etapa à parte do trabalho de campo, que é o da elaboração do pensamento que almeja a construção de uma teoria social por parte do etnógrafo e que não faz mais parte do estar no campo. É um processo desenvolvido no ambiente da universidade, do gabinete, da biblioteca, do lar do pesquisador - quando se pensa nos estudos de campo realizado em sociedades exóticas e distantes da do pesquisador -, por isso não leva em consideração o trabalho de escrita exercido na elaboração do diário de campo, posto que teve de ser (re)interpretado no momento da construção do texto final, bem como as entrevistas e toda a teoria produzida sobre aquela realidade na qual o pesquisador tiver acesso devem ser revisitados. Assim sendo o ato de escrever deve ser balizado pela disciplina e sensibilidade do pesquisador, alicerçados nos conceitos produzidos na sua área de conhecimento. Sobretudo, quando o pesquisador tem de estranhar o seu lugar e interpretar uma realidade social natural aos seus olhos humanos e entendimento de mundo, como foi de estudar a minha cidade e bairros.

O presente trabalho está estruturado em cinco capítulos. O primeiro capítulo *Estranhando o meu lugar ou sendo afetado pelo campo: notas metodológicas* busca apresentar ao leitor o processo pelo qual o pesquisador se insere no campo de estudo. Como foi o processo de imersão no campo, as benesses e dificuldades de estudar uma realidade social próxima do pesquisador, problematizando esse elemento. Apresenta as técnicas de pesquisa mobilizadas para apreensão da realidade e a construção artesanal do trabalho de campo.

O crime violento e o seu lugar, o Covil: notas de um estudo de caso, segundo capítulo, representa a construção do campo e o objeto de estudos materializados. É o local no qual a pesquisa foi desenvolvida, além do aspecto descritivo do lugar, da organização social, da

sociabilidade dos moradores, dois conceitos analíticos são relevantes para o entendimento do Covil: a noção de gueto que resgato de Wacquant e o estado de exceção, de Agamben.

Salvador sob perspectiva: exclusão social e violências nas periferias, terceiro capítulo, busca contextualizar o processo de formação da sociedade soteropolitana, evidenciando elementos basilares para a estratificação social baseada no sistema escravocrata, que repercute num sistema de exclusão social e violências para grande parcela da população e de privilégios para outros, num recorte étnico, social e econômico explícito na capital da Bahia. Destaca-se também a forma como a sociedade foi organizada e o desenvolvimento social e econômico da população soteropolitana com ênfase para o surgimento dos bairros populares, conjuntos habitacionais no miolo e na periferia de Salvador a partir dos anos 1970.

Juventude e periferia: sociabilidade e violência em bairros populares de Salvador, quarto capítulo, busca apresentar a partir da contextualização de alguns estudos clássicos das ciências sociais elementos que subsidiam o debate ~~põe~~ de que os jovens moradores de periferia, em sua maioria negros, têm o seu processo de sociabilidade no imaginário social relacionado a situações de violência.

Os tipos matáveis ou por uma morte concorrida, quinto capítulo, o autor se propõe, a partir das narrativas dos seus entrevistados e interlocutores, elaborar os tipos ideais de indivíduos os quais a sociedade apoia sua morte, um pensamento que tem subsídio no *Homo Sacer* do Agamben. No qual o autor destaca personagens cujas mortes são justificadas socialmente em ambientes como o Covil, os tipos matáveis são: ladrões, estupradores, traficantes (pessoas que possivelmente tem envolvimento com o tráfico de drogas).

O sexto capítulo *Corpos delinquentes, controle do estado e o direito à vida*, de forma sucinta, busca apresentar como a ação (in)direta do Estado, das suas instituições e agentes que regulam a violência e controlam os corpos dos jovens que se enquadram no perfil de cidadãos que podem ser mortos, no cenário de violência urbana como ocorre em Salvador. Os corpos delinquentes são lidos pelo outro e rapidamente produzem a sensação de insegurança no local em que se encontram os elementos utilizados para diferenciar um cidadão de bem de um suspeito ou delinquente em potencial é feito de forma veloz pelos signos que se expressam nos seus corpos como tatuagens, corte de cabelo, relógios, correntes, sandálias, bonés ou bermudas que são associadas a pessoas ou grupos criminosos, tornando o usuário de algumas marcas de roupas famosas, amplamente consumida pelo público juvenil, como um suspeito

típico para abordagem policial injustificada, ou como elemento que compõem a justificativa para o uso excessivo da força ou violência letal a depender do contexto da abordagem.

Morte como um espetáculo: (des)construção dos homicídios nos guetos, sétimo capítulo, busca explicar como o fenômeno da morte é socialmente construído ou justificado, dentro de um cenário específico. Como a morte altera a dinâmica de sociabilidade no âmbito comercial e o no processo de relações sociais entre os moradores dos bairros estudados, além de apresentar personagens que têm as suas vidas cotidianas modificadas a partir do momento em que o indivíduo recebe a notícia ou presencia um cenário de morte. O que possibilitou ao pesquisador construir alguns tipos sociais que agem diretamente na composição dos cenários de morte e auxiliam a memória social reverberando ou produzindo novas narrativas, significados e sentidos para as mortes que ocorrem em seu entorno.

CAPÍTULO 1: ESTRANHANDO O MEU LUGAR OU SENDO AFETADO PELO CAMPO: NOTAS METODOLÓGICAS

A imersão no campo de estudos, para aqueles pesquisadores que desejam produzir conhecimento embasado em material empírico, não é uma tarefa simples. Ao invés, trata-se do primeiro grande obstáculo do pesquisador, pois certamente haverá reveses e percalços que inviabilizam o contato direto com o objeto de estudo, seja limitando o acesso do pesquisador ou mesmo vetando-o.

Nas Ciências Sociais existem inúmeras formas de se produzir uma investigação de campo, empreitada enfrentada pelos três eixos básicos: antropologia, sociologia e ciência política. No entanto, dentre as inúmeras formas de limitação de acesso ao campo duas se destacam: barreiras formais e barreiras informais. O que se entende por barreiras formais, são os mecanismos de controle ou acesso a informações, grupos sociais ou instituições impostas por questões técnicas ou amparadas em questões legais, por exemplo, um estudo realizado numa unidade prisional, o acesso do pesquisador pode ser delimitado a certos espaços da prisão, os dias de visitas e a possibilidade de entrevistas podem ter empecilhos legais precisando de autorizações e a depender dos sujeitos da pesquisa se internos ou profissionais que desenvolvem trabalho na unidade e estão sujeitos a avaliação e disponibilidade de diretores da unidade para liberarem as visitas e entrevistas. Enquanto limitações informais são aquelas em que não há barreiras legais, nem mecanismos que objetivam travar as incursões do pesquisador no campo, mas a falta de acesso e conhecimento dos códigos culturais locais, a falta de espaço de interação com atores sociais locais.

Esta pesquisa confronta-se de imediato com as limitações informais, dada a natureza do objeto e do campo de estudos. Trata-se de uma pesquisa no âmbito da Sociologia Urbana, cujo objetivo é analisar o processo de construção das narrativas de crimes violentos (homicídio) nos bairros periféricos de Salvador, investigando as representações sociais de temas como violência urbana, estigmas sociais e limites ou controle da (i)legalidade experienciados pelos moradores de bairros populares junto a escalada da violência e dos crimes na primeira década do século XXI na capital baiana.

Antes de abordar as técnicas empregadas para apreensão da realidade e construção dos dados desta pesquisa convém problematizar algumas questões, que até certo ponto, compõe o cenário: O que é o trabalho de campo? Qual o papel do pesquisador e o seu lugar? O que é ser afetado pelo campo? Entende-se o campo a partir dos conceitos propostos por Pierre

Bourdieu nas obra *O Poder simbólico* (1989), e depois expandido em outros textos como *Questões de Sociologia* (2007) como um espaço social, no qual os atores sociais e instituições existentes em seu interior têm suas ações balizadas pelas normas e distribuição de poder local, que são limitadas pelo acesso ou possibilidade de expressar o poder no campo (cultural ou econômico) na lógica antagônica de dominantes e dominados. Neste sentido, para entendimento deste estudo, o trabalho de campo será numa perspectiva de uma etnografia, mais especificamente o estudo de campo desenvolvido no ambiente urbano, nas cidades e metrópoles, como é o caso de Salvador.

O estudo de campo, clássico em Ciências Sociais, caracteriza-se com o empenho do pesquisador em desenvolver um estudo com sociedades distantes, consideradas como simples. Na qual o etnógrafo ao imiscuir-se em campo, numa sociedade geograficamente distante da sua de origem, com outros códigos culturais, língua e costumes, realiza um contato prolongado. A pesquisa desenvolve-se com papéis bem definidos tendo o etnógrafo o papel de observador, que busca a partir do estranhamento com os rituais de interação e práticas coletivas descobrir a lógica que produz a coesão social neste local. O exemplo maior desta prática foi o estudo realizado por Bonislaw Malinowski, entre os Mailu na Melanésia resultando na obra *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* (1976), na obra que dita os métodos de pesquisa etnográficos: observação participante, diário de campo e entrevistas.

Contudo, essa perspectiva de que o trabalho etnográfico só poderia ser aplicado em sociedades distantes, ou consideradas simples, foi superado ainda na primeira metade do século XX, com as pesquisas realizadas nos Estados Unidos pelos Sociólogos da Escola de Chicago. O Antropólogo Gilberto Velho escreveu um texto intitulado *Antropólogos pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia* (1980), que trata dessa nova forma de se utilizar os métodos da etnografia para entender e analisar os problemas sociais existentes nos grandes centros urbanas como é o Rio de Janeiro, cidade estuda por Velho.

Gilberto Velho inicia a sua argumentação questionando o lugar e o papel do antropólogo e o seu status como cientista, apresenta inúmeros estereótipos possíveis, seja como um aventureiro que desbrava sociedades ainda não conhecidas, como um sertanista ou intelectual que vive em meio a pesquisas, numa biblioteca cercado com livros raros. Ao passo que o texto avança, questiona as críticas que sofreram os primeiros pesquisadores, que se lançaram nos estudos etnográficos urbanos e afirma ser possível desenvolver uma etnografia no ambiente urbano. Posto que a antropologia é uma ciência que tem por objetivo central o

estudo das culturas e sociedades humanas, tendo como limiar a questão da diferenciação cultural. E como a vida numa metrópole é envolta em complexos fenômenos culturais imensuráveis é possível, ao etnógrafo urbano desenvolver um trabalho de qualidade, mesmo pesquisando em sua cidade, no seu lugar, pois existe uma heterogeneidade nas trajetórias dos seus habitantes, na forma como foram inseridos no mundo do trabalho, sociabilidade, moradia e acesso aos meios culturais que a cidade oferta aos seus habitantes.

Com isso, duas pessoas morando na mesma cidade podem partilhar valores, experiências e trajetórias distintas. No caso específico desta pesquisa, moradores de um mesmo bairro a depender da localização da sua casa, se é perto de um ponto de ônibus, escola, se tem posto de saúde ou unidade policial pode diferenciar a percepção da violência no local e a representação dos crimes. Como por exemplo, um morador da rua de cima², que tem ligação direta com o final de linha ou região comercial do seu bairro possivelmente sua experiência com a criminalidade ou violência no seu bairro estará restrita a roubos de lojas e mercados, sem contato algum com experiências ou crimes violentos, a não ser por narrativas de amigos e parentes que moram em outros locais do bairro.

Por essas questões e pela complexidade que se assume as formas de sociabilidade existentes nas grandes cidades brasileiras, Velho acredita ser possível o estranhamento ou exotizar o que lhe é familiar, posto que o comum é o lugar, não as interações sociais. Disso decorre que os primeiros estudos realizados no contexto urbano tiveram como objeto de estudo as minorias sociais, isso ocorreu nos Estados Unidos na escola de Chicago no primeiro quartel do século XX, bem como no Brasil com os estudos pioneiros de pesquisadores dos anos 1970 como Gilberto Velho, Edson Nunes, Luis Antônio Machado, Alba Zaluar, Luis Eduardo Soares, Teresa Caldeira, Vera Telles entre outros.

Rompida a barreira epistêmica e metodológica, que trata da capacidade do pesquisador estranhar o seu lugar e a cultura que lhe é familiar permanece a questão de qual é o papel do pesquisador no campo?

Sobre essa questão o professor e pesquisador Roberto Cardoso de Oliveira proferiu uma série de palestras na década de 1990 por várias partes do Brasil, que culminou no texto *O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir e escrever* (1996). De forma sucinta será apresentado os pontos centrais deste texto, que segundo o autor, serve para expor os caminhos da pesquisa

² - Esta diferenciação morador da rua de cima, rua direta, centro comercial será abordado em outro momento neste texto.

e percalços da construção de uma teoria social, seja para o neófito ou para reavivar certas questões ao pesquisador experiente. Em linhas gerais, o que é central no papel do pesquisador é o olhar sobre a pesquisa empírica (percepção) e a interpretação sobre os resultados (pensamento). A prática da pesquisa deve ter três pontos centrais baseados no olhar, ouvir e escrever, que são etapas necessárias para a construção epistemológica do conhecimento e para a formulação da teoria.

Assumindo que o pesquisador busque um estudo empírico, o primeiro sentido que lhe permitirá ter uma noção do campo é o olhar. Nas palavras de Malinowski, ao observador nenhum detalhe deve passar despercebido, contudo com o passar do tempo os pequenos atos serão naturalizados e logo ignorados pelo observador. Por isso, Oliveira (1996) propõe o estranhamento no olhar - o que é imprescindível em pesquisa em ambiente urbano -, que é disciplinado ou sensibilizado pelo pesquisador no seu processo de formação intelectual e profissional. Guiado pelo olhar, que têm o poder - quando sensibilizado - de mapear as estruturas e organizações sociais dos grupos ou sociedade estudada, traçando um perfil e formulando hipóteses.

Entretanto não permite ao pesquisador avançar nas hipóteses, nem almejar uma interpretação para aquela realidade social, uma vez que, o ver e ouvir foram a etapa da percepção do pesquisador no campo estudado, por isso não podem ser visto como elementos independentes e nem por isso deve ser interpretado como uma fase menor do que a escrita, pois no ato de ouvir o pesquisador deve tentar eliminar os ruídos das falas e narrativas existentes no campo, apenas na fase da escrita é que o pensamento dotado de criatividade ganha uma roupagem científica.

Contudo é importante ressaltar que a fase da escrita é tida como uma etapa à parte do trabalho de campo, que é o da elaboração do pensamento que almeja a construção de uma teoria social por parte do etnógrafo e que não faz mais parte do estar no campo. É um processo desenvolvido no ambiente da universidade, do gabinete, biblioteca, do lar do pesquisador - quando se pensa nos estudos de campo realizado em sociedades exóticas e distantes da do pesquisador -, por isso não leva em consideração o trabalho de escrita exercido na elaboração do diário de campo, posto que deve ser (re)interpretado no momento da construção do texto final, bem como as entrevistas e toda a teoria produzida sobre aquela realidade na qual o pesquisador tiver acesso devem ser revisitados. Assim sendo o ato de

escrever deve ser balizado pela disciplina e sensibilidade do pesquisador, alicerçado nos conceitos produzidos na sua área de conhecimento.

Este processo de desenvolvimento do trabalho de campo segundo Oliveira, que traz uma formulação proposta por Geertz em *Trabalhos e vidas: o antropólogo como autor*, na qual oferece duas proposições: "Estando lá" (*Being there*) e "Estando aqui" (*Being here*), que respectivamente respondem as etapas de percepção (ver e ouvir/campo) e construção do pensamento (escrever/gabinete). O que nos leva a uma terceira proposição e quanto o campo é aqui? Quando um pesquisador resolve estudar a sua própria sociedade, numa realidade próxima da sua?

Seguindo a linha de raciocínio proposta por Jeane Favret-Saada no que diz respeito ao trabalho do etnógrafo e o quanto o pesquisador é afetado pelo processo de interação com o campo e envolvimento com o seu objeto de estudo resultou na tradução do seu texto *Ser afetado* (2005), além de artigos revisitando o seu pensamento como de Marcio Goldman *Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia* (2005), os textos versam acerca de um estudo de campo realizado pela autora cujo objeto de estudo era a feitiçaria no Bocage francês, num contexto em que a maioria das etnografias indicavam essa prática extinta em toda a Europa, pertencente apenas a sociedades exóticas nos continentes africanos ou asiáticos. Este breve texto que busca apresentar as etapas de como o seu trabalho foi desenvolvido nesta sociedade tem três objetivos basilares: dimensão central do trabalho de campo (ser afetado), antropologia das terapias e repensar a antropologia. Para efeito deste texto, será abordada apenas a questão de ser afetado no campo.

Sem conceituar o que é ser afetado no campo, Favret-Saada diz-nos o que não é ser afetado, na qual afirma que sua pesquisa não foi baseada na observação participante, nem na empatia, duas propostas de interação social que vislumbra descortinar uma realidade desconhecida por duas categorias de pesquisadores sociais distintos: o etnólogo (entendido como folclorista), utilizando a empatia e o etnógrafo (Antropólogo) a observação participante. O que se entende por observação participante - além das caracterizações expostas no decorrer do texto - é o processo de interação social, no qual o pesquisador estar no campo, observando as práticas sociais e os seus diálogos e inserções são mediados por informantes que são pagos pelo pesquisador. Enquanto o Etnólogo, que por sua vez, não realiza trabalho de campo, produz o seu conhecimento com base em conversas com mercadores e atores sociais postos no topo da hierarquia econômica local, quando não utiliza instrumentos de pesquisa para

produzir um panorama geral sobre aquele povo, além de basear-se nas lendas e mitos que são compartilhadas a esmo e povoam o imaginário social e as crenças populares.

Entretanto, a autora afirma que para poder pesquisar feitiçaria numa cidade francesa para romper a barreira de proteção feita pelo silêncio da população - mecanismos informais - precisou deixar-se ser afetada pelas práticas sociais locais e participar de centenas de rituais de desenfeitiçamento, assumindo diversos papéis ora sendo desenfeitiçada, ora dando orientações nas quais os atores sociais acreditam que ela detinha a capacidade de desenfeitiçar, ora como observadora. Em resumo, o que Favret-Saada nos quer dizer é que para se fazer um estudo de campo de profundidade o pesquisador deve buscar a imersão total - seja em comunidade simples ou complexas -, deixando-se ser afetado pelo campo. Isto é, participando dos processos de interação, buscando compreender - ao seu tempo - os códigos sociais locais, participando da interação como um igual - mesmo não sendo um nativo, na posição de *outsider* mesmo. Participando da interação em sua completude, sem a necessidade de imersão por comerciantes ou ter de pagar um informante, ao invés, ter um interlocutor. Mas não um interlocutor que sirva para lhe explicar as práticas sociais locais, sim como uma pessoa na qual você partilha os mesmos códigos e sentidos do lugar.

1.1 NOTAS METODOLÓGICAS: TÉCNICAS DE PESQUISA EM AMBIENTE URBANO

Neste ponto do texto serão tratadas as formas pelas quais ocorreu o processo de imersão do pesquisador no meio urbano. Além das técnicas utilizadas para a construção do trabalho para apreensão da realidade. Nesse momento do texto e da pesquisa convém apresentar o perfil do pesquisador que vislumbrou descortinar as representações sociais de violência entre os moradores do seu entorno, isto é, também sou morador de um bairro periférico de Salvador, homem, jovem e negro.

A inserção do pesquisador no campo de pesquisa advém do seu local de fala, seu lugar de nascimento - de outra forma ou modo seria uma tarefa ainda mais hercúlea de produzir conhecimento com menos de seis meses de trabalho de campo, mesmo sendo um pesquisador que estuda violência, em outras instâncias junto ao Laboratório de Estudos sobre Crime e Sociedade - LASSOS (UFBA) há quatro anos. Não obstante, o lugar de nascimento e fala não autoriza, nem o pesquisador pode acreditar que apenas ele possui o poder de fala em nome deste lugar e de todos os mais variados processos de sociabilidade e interação social existente nas periferias de Salvador. Ao invés, o pesquisador que também é um local, busca apresentar

algumas interpretações possíveis para a complexa realidade social dos moradores das periferias de Salvador.

A legitimidade advém, parafraseando Oliveira, da imersão no campo de estudo, da sequência das etapas do processo de ver, ouvir e escrever, embora a vivência que precede o desejo de se debruçar sobre este tema deve ser igualmente valorizada. Na legitimidade, na capacidade do pesquisador de estranhar o seu lugar e exotizar o que lhe é familiar e a partir de sua criatividade construir uma teoria social ou no caso uma dissertação como produto de seu trabalho como investigador. Contudo no decorrer deste texto e do desenrolar da pesquisa descobri - sem espanto - que as coisas me eram familiares, mas nem tanto. Mesmo para uma pessoa local, estabelecida no bairro e inserida numa relação complexa que envolve status social, a partir da localização da sua residência, sociabilidade, formas de circulação no próprio bairro e na região adjacentes, na qual um grupo se auto legitima a partir do reconhecimento do seu grupo social e de outros, pela tradição e pelos grupos sociais e prestígio que goza no local (ELIAS, 2000), porém com limites - mecanismos formais e informais de controle e acesso ao campo.

A imersão no campo deu-se a partir da necessidade provocada pela alteração no objeto de estudo, de se conduzir uma investigação exploratória, que foi a primeira etapa, posto que no âmbito da literatura conceitual, não ocorreram grandes mudanças dos autores, apenas a questão da mídia foi tangenciada.

Devido ao local estudado, no caso os bairros³, estarem localizados na periferia de Salvador num ponto de interseção que liga o subúrbio ferroviário ao miolo da cidade existe neste local uma grande concentração demográfica, ultrapassando a marca de 400 mil pessoas, além de uma infinidade de relações ilegais que ocorrem cotidianamente e fazem parte da dinâmica econômica do lugar, bem como outras séries de crimes e violências, sobretudo a prática de homicídios.

A escolha do lugar não se deu aleatoriamente, foram realizadas visitas exploratórias e entrevistas com moradores, interlocutores de diversos bairros populares de Salvador, de muitas partes da cidade, inclusive interlocução com pesquisadores que estudam a questão da violência urbana para além dos muros da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, com contatos com pesquisadores da área de Saúde Coletiva, Arquitetura, Geografia, Direito e

³ - Para efeito deste estudo, os nomes dos bairros foram suprimidos e o local de estudo recebeu o nome de Covil. O Covil será apresentado em outro momento deste texto.

Linguagens, muitos desses pesquisadores também moradores de bairros populares ou das periferias de Salvador. Ao passo que a pesquisa exploratória se desenvolvia encontramos um local onde a dinâmica de violência era *sui generis*, regulada até certo ponto, e que não extrapolavam aquele lugar, nem afetavam todo o entorno. Com condições reais de imersão do pesquisador.

Definido o local da pesquisa lancei-me ao campo em busca de interlocutores e sobretudo objetivando a coleta de dados. No primeiro momento pareceu-me complicado provocar o estranhamento do olhar e exotizar os processos de interações no qual fazia parte. Por ser um "local" - não no sentido, de estar pesquisando o meu próprio bairro, mas por ter os traços sociais comuns a todos os bairros populares da cidade - a circulação pelas ruas e locais comerciais dos bairros e contato com moradores não se mostrou um desafio que impossibilitaria a pesquisa. O problema residia justamente, nesta etapa da pesquisa, em ser comum ao lugar.

Deste modo todas as vezes que tive a oportunidade de desbravar ruas e lugares destes bairros sozinho e eu tinha o contato com outras pessoas, surgia uma barreira intransponível e de fazê-las perceber que eu era um pesquisador, e que buscava informações sobre a percepção destas acerca da violência no bairro. Se essas pessoas já tinham presenciado algum tipo de situação de crime ou violência, se já tinham presenciado ou foram ver locais de homicídios no bairro? Ou mesmo se elas acreditam que no bairro não existia crime/violência? As primeiras respostas diziam o seguinte: "rapaz, você sabe como é. Aqui assim não tem não." ou então: "como é que você me pergunta isso? Todo mundo aqui sabe. Já ouviu falar no João, filho do José ele estava metido com o tráfico e foi morto pela polícia, todo mundo sabe quem é José, rapaz." É a questão que a Favret-Saada colocou, para o desenrolar da pesquisa ser afetado pelo campo ou transpor essa barreiras, dos contatos e contextos são importantes, bem como desnaturalizar as falas e os saberes locais.

Entretanto, essa situação não perdurou por mais de alguns dias, conversando com um amigo/interlocutor que reside em um dos bairros estudados, ele me confidenciou algumas narrativas de violência no lugar, os locais em que mais incidiam de ocorrer situações de violência, as pessoas ou grupos de pessoas que estão "envolvidos" com a dinâmica de violência no lugar. Antes de seguir para os locais e observar os grupos que o meu interlocutor me apresentou resolvi descortinar os horizontes do meu próprio lugar, revistar alguns pontos

do meu bairro que fazia anos, talvez décadas que não passava, dada a dinâmica cotidiana e a rotina de estudo e trabalho.

Quando para minha surpresa, numa das ruas em que já disputei campeonato de futebol de rua - o popular golzinho - fui abordado por um conhecido com um meio riso e a sobranceira franzida chamando meu nome e dizendo: - Amigo, o que você faz aqui. O que tá procurando? você não pode passar daqui não. Tentei ponderar explicando que era morador do bairro, quando de imediato ele diz: - Eu sei quem você é, onde você mora, mas isso aqui não é lugar para você. Vasa daqui irmão, não vai passar. Retornei e fiquei intrigado por morar no mesmo lugar, por mais de duas décadas e não perceber quando as coisas se tornaram assim. Conversando com moradores da minha época percebi que alguns tinham conhecimento do fato e outros não.

O que me intrigava era que aqueles que moravam nas ruas de cima desconheciam ou não se importavam com o fato, enquanto as pessoas que moram nas ruas mais para o fundo demonstravam preocupação com a situação.

A partir deste momento como pesquisador não sabia o que iria encontrar, mas fui buscar entre os meus interlocutores e pesquisadores da questão da violência urbana em Salvador saber se este fato ocorria em outros locais, o que foi confirmado. Pois como pesquisador eu tinha como foco a relação mídia e violência, tinha notícia dos casos de toque de recolher e o controle do lugar pela força, isto é, pessoas com arma em punho ameaçando e impondo uma ordem marcial no local. Ao invés, o que encontrei foi um campo estabelecido, controlado possivelmente por acordos tácitos entre os atores sociais envolvidos na dinâmica de violência e crime no lugar, sem o uso ou demonstração de armas de fogo. Tinha como meta, antes de tratar da questão dos homicídios, tentar vislumbrar o que seria aquele lugar e quais os processos de interação social e espacial aquelas pessoas tinham ali. Daí surge a proposta do estudo de caso do lugar e da dinâmica de violência que o cerca, antes mesmo de perseguir um corpo e saber da motivação dos espectadores, quando ouvem a notícia de um homicídio pararem abruptamente os seus afazeres cotidianos em busca de notícias de morte.

Dentre as muitas andanças e tardes passadas por ruas e bairros distintos conheci e principalmente revi muitas pessoas. De algum modo retornei a viver o meu bairro, a participar de conversas e a circular com pessoas que ainda mantinha contado, mas sem a proximidade dos tempos idos. Com o retorno às velhas formas de sociabilidade fui me inserindo em novos grupos e a partir desses grupos adquirir novos conhecimentos e códigos sociais, além de

informações de crimes e violências, mas sobretudo homicídios que ocorriam no lugar - mesmo que eles não me enxergassem como um pesquisador, absolutamente eles sabiam que eu não era tão igual.

A partir desse reencontro obtive o contado com três grupos diferentes e que partilhavam informações distintas sobre a vida cotidiana no bairro. Esses grupos eram formados, às vezes, por quase as mesmas pessoas, mas tinham propostas distintas, o que as unia além do elemento humano era que a interação e os encontros eram mediados pelas redes sociais, via *Facebook*, mas principalmente pelo *Whatsapp*⁴. Os três grupos eram: *Lan house*, futebol, e barbearia. Em linhas gerais, os membros do grupo *Lan House* publicavam todos os tipos de oferta de produtos ilícitos, além de compartilharem situações de violência não apenas no bairro, mas no entorno. Enquanto o grupo do futebol tinha um fim específico, mas proporcionava a possibilidade de adentrar pontes inacessíveis de outros bairros, como campos localizados em ruas dominadas por traficantes, por exemplo.

O grupo especial era o da Barbearia, neste grupo tem-se informação sobre quase todas as coisas e pessoas no âmbito local, no que diz respeito a questões ilícitas, especulações sobre a vida alheia, oferta de produtos contrabandeados, peças de automóveis roubadas e principalmente notícias de violência na região, em especial homicídios. As informações circulam de forma frenética, especificamente, porque além de ter um número maior de membros, o que esses indivíduos têm em comum é o fato de cortarem cabelo no mesmo lugar. Não raro, situações de homicídios são narrados nesse grupo em tempo real, quando possível seguido de imagens dos corpos. Às vezes, as notícias de um homicídio que circula no grupo das pessoas da barbearia levavam dias ou semanas para circular nos outros grupos.

Uma questão importante a ser apresentada antes de tratar das técnicas utilizadas para a construção do trabalho. Com o passar dos dias no campo e com a sensibilização do ouvir e olhar, aliado a muita pesquisa, descobri que existe um grupo de pessoas que podem circular livremente por todos os locais do bairro que são os operadores da área de saúde: agentes comunitários e de zoonoses. Por causa disso, busquei o contato nos postos de saúde dos bairros e entrei em contato com alguns agentes de saúde, descobri que eles são organizados por zonas, descobrindo as zonas consideradas mais violentas busquei entrevistá-los. Tive contato com duas moças e um rapaz, dentro de um universo de dezenas de agentes, que

⁴ - O *Facebook* é um site de serviço de rede social e o *Whatsapp* é um aplicativo que pode ser utilizado em alguns modelos de celular, que funciona como forma de interação com os contatos da sua agenda. Tanto no *Facebook* como no *Whatsapp* é possível enviar mensagens de texto, vídeos, imagens ou mensagem de voz.

tinham trajetórias das suas vidas marcadas por experiência de violência, tendo parentes assassinados. No primeiro momento busquei o contato para a realização de entrevistas, mas com o passar do tempo a relação com essas pessoas foram adquirindo confiança e estas se tornaram minhas interlocutoras no campo.

As principais técnicas utilizadas no desenvolvimento desta pesquisa foram: estudo de caso, entrevista, observação participante e diário de campo. Entende-se por estudo de caso uma investigação empírica de um dado fenômeno, cujo objetivo é analisar as fronteiras ou limites do fenômeno que não se encontra facilmente identificado seja para o pesquisador, para os atores sociais que experienciam o fenômeno, por isso a necessidade de mobilizar inúmeras fontes de evidência (GIL, 2008). Por ser oriunda de uma tradição das ciências biológicas, que buscava compreender e resolver casos específicos de doenças, o estudo de caso tornou-se um importante mecanismo de pesquisa qualitativo para as ciências sociais, dada a sua perspectiva holística de compreensão do fenômeno, independente de se o seu objeto de estudo seja um indivíduo, uma instituição ou uma comunidade, tem a perspectiva de apreensão do todo em seus próprios termos, sem buscar criar relações homogêneas, nem escamotear as posturas desviantes (GOLDENBERG, 2004). Deste modo essa técnica serviu para buscar compreender, analisar e investigar o que neste trabalho se denomina Covil, observando o processo de interação social dos seus principais atores sociais que participam direta ou indiretamente da dinâmica de violência do lugar, dos moradores que são estigmatizados por pertencerem ou terem suas identidades sociais construídas a partir do seu local de pertencimento, sua moradia.

Observação participante, que foi um dos elementos mais trabalhados neste capítulo, que trata da imersão do pesquisador na cultura estudada. Essa imersão que foi problematizada pela natureza desta pesquisa em que o pesquisador na realização do seu trabalho precisa exotizar o seu lugar, estranhar o que lhe é familiar para poder descortinar as tramas sociais que lhe são naturais. Nesta pesquisa a observação manifesta-se sobre as inúmeras visitas e passeios realizados pelo pesquisador pelos bairros estudados, pelas formas de interação e observação das práticas coletivas de sociabilidade e sobretudo pelas observações *in loco* das cenas de homicídios, quando pude perceber os diversos atores que preenchem a cena, para além de um corpo de um cidadão que teve sua vida ceifada pela violência urbana, os diversos personagens que tem suas rotinas interrompidas e lógica da sua vida ordenada por este fato, seja perseguindo o corpo ou perpetuando as notícias de morte.

As entrevistas ocorreram neste trabalho de duas formas e sobre lógicas distintas. No primeiro momento ela teve um caráter exploratório, o pesquisador buscou conhecer mais acerca do universo a ser estudado, aceitando entrevistar qualquer pessoa solícita disposta a falar, e entrevistas com pessoas que se supunha maiores conhecedoras da temática naquela região, por isso o pesquisador esteve em contato com lideranças comunitárias, pessoas engajadas em movimentos civis que lutam contra a violência policial, professores, comerciantes e pesquisadores de áreas adjacentes com o intuito de construir o contexto ou cenário ideal para imersão de fato. Tendo apenas uma exigência para as entrevistas, o entrevistado deveria conhecer alguém ou ter presenciado uma cena de violência letal, homicídio.

No segundo momento, a partir da construção do elo de confiança entre o pesquisador e os entrevistados e interlocutores foram realizadas entrevistas que buscam uma apreensão profunda acerca da realidade estudada, pois os entrevistados de alguma forma já tinham vivenciado alguma situação de violência letal seja com um parente próximo ou com um amigo. Essa relação de confiança criou a oportunidade a partir da técnica conhecida como bola de neve (*snowball*), na qual o entrevistado indica outras pessoas para serem entrevistadas com situações ou experiência de vida similares. Essas entrevistas tinham como características ser aberta da modalidade livre (GIL, 2008; GOLDENBERG, 2004), o pesquisado geralmente dirigia ao entrevistado duas ou três perguntas gerais sobre o entendimento deste sobre a questão da violência no bairro.

Geralmente as entrevistas tinham duração entre 45 minutos e 1 hora e 30 minutos. A depender do entrevistado e se for da vontade deste as entrevistas podem ser gravadas e quando gravadas o aparelho foi ser desligado a pedido do entrevistado. Muitas entrevistas com interlocutores e entrevistados se repetiram, seja no intuito do pesquisador dirimir dúvidas sobre as narrativas abordadas ou por vontade do entrevistado de apresentar novas versões ou narrativas. Até o momento foram realizadas entre entrevistas exploratórias e definitivas pouco mais de 30 entrevistas com pessoas diferentes, tendo em torno de 10 entrevistas gravadas contabilizando mais de 15 horas de entrevistas. As entrevistas foram realizadas no período entre 2014 e 2016, não havia um roteiro fixo, as entrevistas eram abertas seguindo apenas duas ou três questões guia e gerais para evitar o direcionamento do pesquisador nas respostas. A primeira pergunta era se o entrevistado considerava Salvador e o seu bairro violento? Seguida de questão, você já presenciou alguma situação de violência? Teve algum parente, amigo ou conhecido que foi vítima de homicídio? A partir dessas questões, o pesquisador

deixava o interlocutor narrar os fatos sobre sua perspectiva, as vezes, no contextos surgiam questões pontuais.

Faz-se necessário ressaltar que dada a natureza desta pesquisa e da forma como o pesquisador encontra-se imiscuído no campo, a presença do gravador não resulta em na melhor forma de capturar informações e narrativas de crimes e violência, pois inibe os entrevistados e mesmo entre os interlocutores, estes ficam fixos e preocupados com o aparelho. Por isso, nos casos de entrevistas sem gravador ou quando estes eram desligados o pesquisador munido de caneta e papel, apenas destacava palavras-chave da narrativa, após a entrevista a narrativa dos entrevistados eram transcritas no diário de campo e os pontos destacados nas narrativas, quando não bem explicados ou em caso de dúvida do pesquisador o interlocutor era consultado novamente para uma esclarecimento da questão. Outro ponto utilizado para validar as informações e narrativas de homicídios e outros crimes é a partir da triangulação de informação, porém sem confrontar o interlocutor com a assertiva de que outro entrevistado tinha dito algo, mas num segundo momento buscando a melhor compreensão de um fato ou nova explicação por parte deste. Além de outra questão que perpassa as narrativas de violência, como os homicídios, de algum modo, quebram as rotinas das pessoas no lugar do crime, isto gera diálogos e conversas espontâneas nos diversos grupos sociais e as pessoas expõem a partir do seu lugar uma explicação lógica para o ocorrido, que pode ser contestada ou confirmada por outros membros do mesmo lugar.

Ainda sobre essas versões e contestações dos motivos de morte ou das pessoas que foram o serão assassinadas dentre desta dinâmica de violência é que o diário de campo é imprescindível. Pois, de algum modo, as narrativas dos homicídios por partes dos entrevistados ou mesmo em conversas em grupos, giram em torno de outras mortes que poderiam explicar aquele fato. Seja porque a vítima esteve envolvida na morte de outro que é nomeado, seja por se associado ao mesmo morto. E quanto mais tempo duram as conversas, mais algumas mortes de pessoas especiais⁵, que por vezes, ressurgem e a depender do local e os papéis desempenhados por estas pessoas as causas do homicídio, bem como seus executores podem mudar assumindo outra lógica⁶.

⁵ - Personagens que povoam o imaginário social local, seja um bandido no estilo Robin Hood, um traficante que exercia seu domínio através da violência e da força ou ainda um policial famoso por participar de grupos de extermínio.

⁶ Essa questão será abordado em outro momento, em um capítulo específico que irá tratar das vítimas e das principais motivações para a execução dos homicídios.

CAPÍTULO 2: O CRIME VIOLENTO E O SEU LUGAR: notas de um estudo de caso

Ao pôr em perspectiva e com o intuito de apresentar a cidade do Salvador que não encontra a sua representação nos cartões postais da cidade o sociólogo Gey Espinheira escreveu: "Ao referenciar o subúrbio ferroviário de Salvador, como lugar sujo, feio, desumano, logo um lugar discriminado, habitado por pessoas também discriminadas e marcadas como seres impuros, doentes e desvalorizados" (ESPINHEIRA; SOARES, P. 3, 2006). A partir dessa breve, porém esclarecedora representações e estigmas sociais do lugar e dos seus habitantes, que têm início esse capítulo.

Numa encruzilhada específica da cidade do Salvador localizada entre o subúrbio ferroviário e o miolo da cidade é o ponto de partida e chegada da minha imersão de cunho sociológico acerca do universo das violências que ocorrem cotidianamente nos guetos da cidade. Este local, neste texto será chamado de O covil⁷.

O Covil é um ponto de interseção, isto é, um local que para os conhecedores das tramas da cidade, das ruas, becos e vielas serve como conexão para os quatro cantos de Salvador, passando pelo coração de diversos bairros populares. No entanto, para os soteropolitanos e migrantes que não residem nestes bairros populares ou estão de passagem pelos bairros, eventualmente podem se deparar num caminho sem saída, que liga o nada a lugar algum. Obviamente este não é o único lugar de Salvador com tais características, possivelmente existam mais três ou quatro guetos, que sirvam como ponto de interseção com acesso direto a outras partes da cidade e concentrem um elevado número de violência, sirvam como pontos estratégicos para negociação de produtos ilícitos, mas nenhum destes guetos possui as singularidades do Covil.

Como ponto de interseção o Covil está localizado entre sete bairros populares em Salvador, os moradores destes bairros tem a possibilidade de se deslocar pela cidade a partir das ligações diretas para o centro da cidade ou para a orla (ao atravessar grandes avenidas), a depender da direção que se escolha tomar. Entretanto, os moradores destes bairros, quando sentem a necessidade de se deslocar de um bairro para o outro, não precisam utilizar os transportes coletivos, mesmo porque não existem linhas regulares que cruze as fronteiras da

⁷- O covil é um nome fictício, dado a natureza da investigação, utilizado para preservar o anonimato do bairro e das pessoas que possam de alguma forma serem prejudicadas pelas informações contidas neste texto.

maioria dos bairros estudados - inclusive, alguns bairros não possuem transportes coletivos próprios com final de linha.

A forma como os moradores transitam de um bairro para o outro, sem a utilização de transportes coletivos, ocorre pelo conhecimento da geografia local. Existe a possibilidade de cruzar as fronteiras de um bairro para outro por dentro, ao adentrar as ruas de trás ou de baixo (depende da formação geográfica dos bairros), seguindo por mais uma ou duas ruas numa distância não maior do que 500 metros cada, essas ruas se desdobram num emaranhado complexo de bairros que ultrapassam as fronteiras dos sete bairros eleitos para esta pesquisa, criando ligações para outros bairros totalizando uma rede de aproximadamente vinte bairros com trânsito por vias que linhas regulares do transporte coletivo não passam. Por isso pessoas que não moram na região e não tem amigos e parentes lá, dificilmente conhecem esses caminhos. Além de ter ligação direta por três grandes vias da cidade gerando assim um ambiente propício para as pessoas que precisam se deslocar por toda Salvador e região metropolitana com velocidade e em um curto espaço de tempo.

Para precisar, o Covil está localizado no final⁸ de cada um dos sete bairros que fazem conexão direta com o lugar. Compõem o Covil dois inferninhos⁹, um morro e uma invasão¹⁰, além é do fato de que boa parte da região é resultado de aterramento de áreas antes inundadas. Nenhum destes bairros tem ônibus que passam dentro do Covil, os moradores locais assumem uma identificação com o seu bairro pelo local em que pega o ônibus coletiva para ir ao trabalho, escola ou precisa resolver alguma coisa no centro da cidade. Essa escolha se dá pelo final de linha mais próximo de sua casa, local em que o ônibus é mais vazio e pela maior oferta de serviços como mercados, escolas e farmácias.

Como abordado anteriormente as periferias de Salvador podem ser consideradas como verdadeiros guetos. E em locais específicos dentro de diversos bairros da Cidade existem

⁸ Para fim desse texto, entende-se o final de um bairro por os locais posteriores ao final de linha dos bairros - isto porque a delimitação dos bairros e as fronteiras na cidade de Salvador é uma questão urbanista complicada-, onde os ônibus chegam no seu ponto de partida e chegada. Porém, em muitos bairros populares o final de linha foi posto como local limite para ônibus transitarem para impedir os avanços dos moradores, terminado sempre próximo de uma invasão, encosta, pedreira, locais aterrados.

⁹ - Os inferninhos não existem formalmente. O local conhecido como inferninho, geralmente é uma rua ou conjuntos de ruas localizadas nas partes mais distantes dos bairros, nesse caso, as ruas de baixo. Geralmente sendo um dos locais que não há acessibilidade para utilização de automóveis e transportes coletivos. Recebe esse nome por parte dos moradores do bairro, que produzem um estigma social para as pessoas que residem nessa rua. Além de ser historicamente, no contexto dos bairros, os locais onde se concentram as mais diversas formas de violência e ações ilícitas.

¹⁰ - Invasão é o nome dado para ocupações irregulares, na qual populares invadem um espaço ocioso numa dada região, para o fim único de habitação popular. Para saber mais sobre o assunto ler: MOURA, Milton. Notas sobre o verbo invadir no contexto social de Salvador. Cadernos do CEAS, n°. 125, 1989.

locais que são ainda mais marginalizados. "Periferia dentro da Periferia" como me foi relatado por uma entrevistada: "assim, onde eu moro é plano. Por isso não tem rua de cima ou de baixo, lá é rua de frente e rua de trás. E na rua de trás da minha rua era tudo coberto de água e foi aterrado. As pessoas não gostam de ir lá. Eu mesmo não lembro quando fui lá. É a periferia dentro da Periferia" S, 26.

As pessoas que moram nesses locais após o final de linha tendem a ser estigmatizadas por diversos motivos sejam eles: étnico ou social. Ou seja, podem ser discriminados pelo seu lugar, bairro, localização da rua dentro do bairro, pela cor da pele ou ainda por sua situação social e econômica como pode ser evidenciado na epígrafe do capítulo, que é a resposta de uma interlocutora Dona M. ao ser questionada se o seu bairro era violento ou um local calmo para se morar: "Aqui nesse lugar sim, aqui em cima. Tem tudo, ponto de ônibus, carro na porta não tenho do que reclamar. Dali para lá é assim: - um bando de apenados, um monte de desacreditado. É tudo traficante, é tudo ladrão ". A fala da interlocutora evidencia, bem como a de Sandra, uma preocupação grande em diferenciar o seu lugar, onde mora, deixando claro que mora num rua "boa" dentro do bairro. Mas indicando que passando daquele local as coisas mudam, sejam por incidência ou por existir criminosos e, portanto criminalidade na área, seja por não ser uma ocupação regular. No entanto, o que é interessante para além da fala de Dona M. é que a casa dela é uma das primeiras casas da ponta da ladeira do Final de linha de um dos bairros que faz interseção com o Covil e que a pouco menos de 50 metros fica rua que é popularmente chamada de inferninho. Contudo, a entrevistada foi enfática a criar um perfil dos moradores desses locais, o que contribui para a manutenção e propagação de estereótipos.

Numa rápida olhada da janela no fundo da casa de Dona M. há uma vista panorâmica do Inferninho, não sei precisar ao certo, mas certamente encontram-se mais de 200 construções ao longo de uma rua de aproximadamente 350 metros com algumas ligações em vielas para pontos ainda baixos e uma escadaria. Quando a interlocutora faz a caracterização dos moradores do local em que apontou a direção ela está falando especificamente de alguns garotos não mais de seis ou sete situados em cada nas duas esquinas da rua, mais uma ou duas encostados na frente de uma viela.

Por outro lado, não na tentativa de relativizar a fala de Dona M., mas com o objetivo de elucidar algumas questões implícitas em sua fala, quando ela diz: "é tudo ladrão, é tudo traficante" é compreensível a confusão do tipo penal e dos sujeitos pelo fato de que Dona M.,

mesmo sendo uma morada antiga do bairro com mais de 20 anos residindo no mesmo local ter ido poucas vezes na rua abaixo da sua e como ela contou que fazia anos que não ia na sua rua além da sua casa. No entanto, não é difícil do observador flagrar, num final de semana, o entra e sai de carro, os meninos que moram nas ruas de baixo ou de trás passarem com roupas de marca e cordões de prata chamativos no pescoço e durante a madrugada eventualmente barulhos de tiro, algumas vezes incursões da polícia chamando atenção de toda a vizinhança.

2.1 O COVIL: UM LUGAR QUE PRECISA SER ENXERGADO?

Para efeito desta pesquisa o que faz o Covil ser um lugar diferenciado de outros pontos da periferia? E por que esse local específico? Muitas são as respostas possíveis para estas indagações. Poderia começar respondendo a partir do local de fala do pesquisador. Explico: jovem, negro, morador de bairro periférico mais especificamente num dos sete bairros que compõem a interseção do Covil. Por minha relação com as pessoas que moram na minha rua, meu bairro, com o meu lugar. Talvez pela vontade de conhecer mais e por questionar as diversas situações de violência que ocorrem cotidianamente nestes lugares. Ou ainda, por enxergar que o Covil não é apenas um local onde existe: miséria, pobreza e violência, mas porque ele faz parte ou melhor está num dos centros de distribuição do mercado de ilícitos¹¹ de Salvador e também por ser considerado um dos locais mais violentos da cidade, por seus bairros se encontrarem no topo das estatísticas de homicídio da cidade de Salvador.

Entretanto, o que me motivou a se debruçar acerca do fenômeno da violência urbana, que está em ascensão nas grandes cidade como Salvador, cujo recorte traça um local específico a ser analisado: os guetos da cidade. Não apenas com a intenção de desconstruir os estereótipos sobre violência e pobreza que povoa o imaginário social do soteropolitano de que esses bairros ou essas zonas cinzas que existem nos bairros das periferias de Salvador são locais que (re)produzem violências, no caso desta pesquisa os homicídios. Mas também pela necessidade de participar de um debate maior acerca da violência urbana nas grandes cidades do país. Pois, as situações de violência e as experiências cotidianas nas quais os moradores das grandes cidades são múltiplas. De forma geral, todos os moradores de grandes cidades já sofreram ou conhece alguém que sofreu algum tipo de violência.

¹¹ - Sobre essa questão do mercado ilegal: abastecimento e rota dos produtos ilícitos de Salvador. É objeto de estudo de outra investigação em andamento.

A experiência e proximidade com o tema legitimam todos os cidadãos a participar do debate e emitir opinião embasada na sua realidade, entretanto existem muitas realidades. Um morador de um bairro do subúrbio a depender da localização da sua casa no bairro, acessibilidade a ônibus ou mesmo a possibilidade de acesso de automóvel na porta da sua casa tem uma experiência em relação a situações de assalto ou mesmo presenciar um caso de homicídio em relação aos moradores das ruas de trás ou de baixo, que se encontram no fundo do bairro, muitas vezes tendo de caminhar mais de 15 minutos, passar por três ou quatro ruas, descer ladeiras e subir algumas escadarias após as 22 horas quando chegam do trabalho, faculdade ou de algum lazer.

Do mesmo modo, essa relação torna-se mais distante se comprada a situação de violências vivenciadas em comparação a jovens moradores de bairros periféricos com jovens moradores dos bairros nobres da cidade. As situações de violência experienciadas seja um homicídio, abordagem policial abusiva, roubos de um jovem morador do bairro de Periperi em comparação com de um jovem de mesma idade, também soteropolitano morador do Corredor da Vitória. A percepção destes jovens sobre a violência urbana, ação da polícia, punição - no sentido da crença das formas legais de repressão a crimes e acesso ao sistema de justiça - e homicídios - na relação vítima e algoz - podem ser construídas sobre pressupostos verdadeiros, embasados numa realidade vivida como soteropolitano que transita todos os dias em sua cidade e viveu as mais diversas situações de violência e invariavelmente com opiniões opostas sobre todas as situações apresentadas.

Por isso, como morador de um bairro localizado na periferia de Salvador, e porque muitos destes bairros têm pouco mais de 30 anos de existência ou teve sua expansão iniciada nos anos 1970 (SANTOS, 1978; VASCONCELOS, 2002; 2006). Portanto, fazer parte de uma das primeiras gerações de crianças nascidas no bairro. Por esse motivo, os guetos existentes em alguns bairros da cidade, esses locais que hoje povoam o imaginário social dos adultos com cenas de crimes e violências, e servem para amedrontar as crianças eram os locais em que existiam os diques e campos de futebol, onde se praticava toda sorte de diversões, ambiente de lazer dos meninos.

Por este motivo não me foi fechada nenhuma porta, sempre tive “livre acesso” as ruas do meu bairro, nunca fui abordado por nenhuma pessoa ao transitar por essas ruas tabu, seja por policias quando estes passam pela região ou por adolescentes que se encontram nas

esquinas das ruas. No entanto, um morador de um dos bairros estudados que prestou concurso para área de saúde para ser Agente de Combate à Endemias, relatou-me:

É isso, eu conheço cada canto dessas ruas, todos os becos. Sei disso que eu trabalho na Zoonoses, na prevenção contra a dengue. E lá por baixo é cheio de túnel aberto, cacos de vidros, pneus e tem o dique né! Uma vez estava cobrindo duas ruas de uma colega que estava de férias, quando fui lá... assim... entrei na rua... senti um clima estranho. Mas é normal, ninguém gosta de mostrar a sua casa assim pra outra pessoa. Mas todo mundo me conhece. Ai, quando virei tinha um cara perguntando:

- O que é que você tá fazendo aqui? Qual é a sua maluco? mostra a bolsa? O que é isso na cintura?

- Ai eu gelei, falei com ele que era da zoonoses, mostrei a camisa [estava fardado]. Ai ele me olhou na cara e disse:

- Qual é a sua branquinho? Tá fazendo o que aqui? Cadê a Priscila?

-Eu responde: - Ela tá de férias, vou cobrir ela esse mês. Mas assim, se vocês quiserem eu não volto mais aqui não.

Quando o cara olha para mim e diz: - é mesmo, você mora lá em cima, né? Eu saco você, mora ali na rua perto da Padaria de seu João. Tá certo. Vim só conferir. Nunca se sabe. Pode seguir ai. Ninguém vai mexer com você não. J.,25 anos.

No caso do meu interlocutor, ele estava vestido com a **farda** branca e o nome escrito zoonoses e estava cobrindo as férias de uma colega de trabalho. Estava numa rua que habitualmente ele não cobria e que fica na divisa entre um bairro e outro do Covil. A hostilidade e a revista com arma em punho por parte de um jovem que possivelmente compunha o quadro de traficantes daquele local deu-se não por ele ser uma pessoa estranha, mas pela função que o agente de saúde detém nesse ambiente. Os agentes de saúde transitam por todas as ruas do bairro, por isso para seleção do profissional, mesmo via concurso de provas e títulos é importante o profissional se cadastrar no seu bairro e numa região que seja a da sua rua. Pois como agente de saúde ele terá transito livre à casa de todas as pessoas, seja agente comunitário de saúde ou de controle de endemias, pois são os agentes comunitários de saúde que marcam as consultas médicas e visitas da equipe de saúde nas casas dos pacientes acamados ou de difícil locomoção. Outro ponto, é que o rapaz que abordou J. o reconhecia como morador do bairro, sabia quem ele era e onde ele morava. Mas ele não era uma pessoa que transitava comumente pelas ruas de baixo.

Em minhas incursões de pesquisas andei em poucas ruas do Covil sozinho ou por conta própria. Tive a preocupação de conhecer o lugar não como um morador do bairro despreocupado com o local que transita, mas como um curioso, procurando conhecer as nuances das ruas, perceber como os moradores ocupam aquele espaço, atento se as crianças brincam livremente por toda extensão do lugar, como os adolescentes e sua rede de sociabilidade se localizam.

2.2 ESTRANHANDO O LUGAR: transitando entre as ruas de cima e as ruas de baixo

No início não fiz muitas perguntas. Mas se há uma tarefa difícil é a de estranhar o seu lugar familiar. Busquei participar mais ativamente da vida na minha rua conversando com velhos amigos, participando de jogos de futebol, *lan house* e vídeo games com eles e principalmente, quando possível dando um rolé¹².

O rolé serviu para duas coisas distintas: 1 -para saber como os meus amigos e amigos dos meus amigos compreendiam o bairro que poderia ser notado pelo percurso, ruas escolhidas e pontos de parada para se chegar ao final de linha; 2 - para adequar a minha forma de andar e falar com a deles. Não que fosse uma forma estranha, mas é que existe uma prática e um ritual que se tem nas ruas. E para quem deseja andar nas quebradas¹³ da cidade é importante saber fazer a leitura do visual, gestual e da fala. Como pode ser evidenciado nas formas do jovem cumprimentar outro nas ruas de Salvador pelas gírias: "êa" e "é nois", cada uma dessas falas correspondem a grupos rivais que comandam o cenário do tráfico de drogas em Salvador. Pois como aconteceu com J. não importa se você é uma pessoa conhecida, se você não se portar como se deve em um determinado local você além de ser notado, será acompanhado de perto.

Com relação a minha abordagem ela era muito simples, já que depois de algum conhecido me apresentar ou eu buscar os contatos como nas instituições de educação e saúde dos bairros dizia que estava realizando um estudo de nível de pós-graduação para Universidade Federal da Bahia sobre violências nas periferias de Salvador e que gostaria de entrevistá-los. Os agentes de saúde foi ideia do vigilante de um posto de saúde, ele fica sentado próximo à senhora que vende cachorro - quente, por dois ou três dias conversamos. Não tinha me apresentado para ele como pesquisador ainda. Quando ele relatou que me conhecia do final de linha e a conversa tornou-se mais amistosa e num dado momento confidenciei ao vigilante G. que estava ali quase todos os dias porque estava querendo entender como as coisas funcionavam no bairro e que era difícil mesmo sendo morador local. Quando ele me diz:

então, meu jovem. É fácil você resolver isso e saber de tudo que acontece aqui no bairro. Dá para saber o que as pessoas tem em casa, o que comem. Tudo que

¹² - É o nome dado as voltas realizadas por jovens, geralmente em grupos, pelas ruas ou bairros vizinhos. Quase sempre para ir num ponto de encontro onde estão reunidos o maior numero de pessoas: praça, final de linha, lanchonete etc.

¹³ - Andar nas quebradas, diz respeito a se locomover de um ponto o outro da cidade, ou mesmo dentro do bairro por ruas de difícil acesso, cujo objetivo é encurtar o caminho evitando quando possível as ruas principais.

acontece. Se alguém morreu, quem está namorando com quem. É simples, os agentes de saúde sabem de tudo. Esses caras vão na casa de todo mundo. Nunca foram na sua casa, não? Então! Seu G., 51 anos.

Agradei a iniciativa, mas expliquei que existia um problema de não conhecer nenhum agente comunitário de quando eu estive no posto de saúde, não pude conversar com muitas pessoas e a gestão do posto me disse que eles eram pessoas difíceis de lidar e contaram-me todos os problemas do posto e da relação médicos e equipe de saúde, gestão e equipe administrativa, agentes de saúde. No entanto, Seu G. sorriu e me disse: "deixa comigo rapaz, olha vem aqui umas 16h, o posto fecha as 17h, mas vou ligar para um menino bom. Ele vai resolver o seu problema". Cheguei bem antes do horário combinado, falei com seu G., encontrei meu primeiro e um dos mais importantes interlocutores J. e a partir daí construí meu trabalho com a interlocução, ajuda e indicação de três agentes e entrevistei no total cinco agentes do universo de quatorze. Com os outros agentes não realizei entrevistas, pois eles trabalhavam nas ruas de cima e na parte mais comercial do bairro e não faziam parte do universo do ambiente que eu busquei estudar. Os agentes além de aceitarem realizar entrevistas, tornaram-se meus interlocutores, auxiliavam-me indicando moradores chaves, locais de bocas de fumos, grupos, movimento invisíveis que ocorriam no bairro, que passariam despercebido facilmente pelo meu olhar sociológico.

Foi exatamente a partir desses movimentos que passaram despercebidos por mim que pude perceber que muitos dos moradores locais, habitantes das ruas de cima e passantes da área comercial desses bairros certamente não faziam ideia do que era aquele lugar e do que nele acontecia. Os moradores das ruas de cima pelos medos que os estereótipos acerca dos moradores locais produziam, os passantes por ali não fazer parte do circuito do ônibus, nem ser um "centro comercial". Ao menos não é o tipo que eles esperam de centro comercial.

E por esse motivo é que o Covil se tornou meu objeto de estudo e um local interessante e disputado pelas pessoas que vivem no mundo da ilegalidade em Salvador. O Covil é um local relativamente bem localizado, com saída direta sem passar por linha de ônibus e geralmente, sem blitz ou risco de esbarrar com a polícia. A maioria das suas ruas não passa carro, o trânsito é todo composto por motocicletas e no seu núcleo é um emaranhado de casas e vielas, quem não é morador local facilmente se perde em suas ruas e mais facilmente ainda é notado.

2.3. O (SUB)MUNDO DO COVIL

Como atua o (sub) mundo no Covil com relação a dinâmica de violência existente nos bairros da periferia de Salvador? Como foi abordado anteriormente, o Covil é um gueto, que por sua vez é um ponto de interseção precioso para as pessoas que sobrevivem no (sub) mundo do crime, de práticas ilícitas, na compra e venda de produtos roubados, nos desmanches, no tráfico de drogas e por isso é um local que está sempre sendo associado a situações de violência, pois esta é a forma mais comum de arbitrar os conflitos que ocorrem neste local.

Como o objetivo ultimo deste trabalho é tratar dos homicídios que ocorrem nas periferias de Salvador e o Covil é um local que tem um elevado índices de homicídios, realizados dentro do seu perímetro, além de ter uma relação direta com a dinâmica de violências da região, sendo muitas vezes os homicídios praticados por seus habitantes ou seus habitantes são as vítimas preferíveis que possivelmente serão noticiadas nos jornais que exploram a violência cotidiana na capital e região metropolitana de Salvador.

O Covil é um local atípico, por ser um gueto, não estar localizado numa rua de frente (ou principal), não ter muito comércio, ficar afastado do centro do bairro e num ponto de conexão com outros bairros e por ser o epicentro da violência local no qual as leis e o exercício da cidadania são limitados, bem como, as instituições do estado não se apresentam de forma positiva para a população local. Ao invés, é comum que apenas as instituições de controle e segurança do estado se apresentem no local, numa lógica na qual a linguagem da violência arbitra as relações cotidianas dos moradores do covil.

Os governantes do estado da Bahia e suas instituições como as polícias (militar ou civil), do sistema de justiça, alimentam o imaginário social que auxilia na manutenção dos estereótipos de que nos guetos da cidade, por ser uma região habitada por pessoas em situação de vulnerabilidade social, em locais que não tem o estado presente, para além da repressão policial e o mínimo de saneamento básico, como um local de violências, berço para criminoso e propicio para o desenvolvimento do tráfico de drogas, possivelmente nessa perspectiva punitiva do estado como um local propicio a conflitos armados, uma zona de guerra. As justificativas do estado e dos meios de comunicação de massa para a manutenção da espiral de violências são muitas, entretanto o elemento catalisador e responsável pela disseminação de violências nos guetos e periferias fica por conta do tráfico de drogas e o governo do estado da Bahia representado na figura do petista Jacques Wagner nas proximidades da sua candidatura

à reeleição ao governo do estado em 2010, lançou uma campanha contra o uso de drogas que dizia: "*Crack* é cadeia ou caixaão"¹⁴

O filósofo italiano Giorgio Agamben escreveu a obra *Estado de Exceção* (2004), tendo como objetivo analisar a relação existente entre direito público e o fato político e entre a ordem jurídica e a vida, que se instaura em situações de guerra civil, insurreição e resistências. Embora, o contexto para a elaboração do texto que versa acerca do estado de exceção Agamben estava voltado para as experiências violentas ocorridas durante a II guerra civil mundial (expressão utilizada por Hannah Arendt), nas palavras do autor dentro do contexto o estado de exceção pode ser entendido como:

O totalitarismo moderno pode ser definido, nesse sentido, como a instauração, por meio de um estado de exceção, de uma guerra civil legal que permite a eliminação física não só dos adversários políticos, mas também de categorias inteiras de cidadãos que, por qualquer razão, pareçam integráveis ao sistema político. Desde então, a criação voluntária de um estado de emergência permanente (ainda que, eventualmente, não declarado no sentido técnico) tornou-se uma das práticas essenciais dos Estados contemporâneos, inclusive dos chamados democráticos. (AGAMBEN, 2004, P. 13)

No entanto, fora do contexto da II guerra civil mundial, das questões inerentes aos regimes políticos totalitaristas, o que deve ser ressaltado na outra, em especial no texto é a suspensão de direitos num estado de exceção, mesmo quando não declarados, mas incorporados a uma lógica, na qual é possível a eliminação física e da cidadania dos indivíduos, que se encontram nesses locais.

Neste sentido, é possível assimilar o debate proposto por Agamben e o conceito de estado de exceção pode ser apropriado para a realidade social brasileira, em especial para as periferias de Salvador, pois nos guetos da cidade os seus moradores tem os seus direitos básicos e a cidadania negada, tendo todos os seus direitos esvaziados. O estado não reconhece aos moradores dos guetos os direitos social e civil básicos, a começar pela forma de policiamento que é sempre punitiva. Corrobora a essa assertiva uma entrevista do ex-chefe de polícia civil do Rio de Janeiro (1995-1997) Hélio Luz, no documentário *Notícias de uma guerra particular Rio de Janeiro 1993 à 1998* (LUND; SALLES, 1999), quando Luz, dentre as muitas falas que ressaltam o viés excludente e punitivo do sistema de justiça e polícia carioca (brasileira), apesar de considerar a política de segurança eficiente quando afirma:

A política de segurança que se pratica aqui é eficiente. Agora, o questionamento é o seguinte: a sociedade quer uma polícia que não seja corrupta? É fácil, não é difícil

¹⁴ - Essa abordagem extremada com tom de declaração de guerra ao tráfico de drogas não é exclusividade dos governos petistas ou do estado da Bahia, ao invés é comum a todo país.

não. Isso eu não estou falando em teoria não. Eu já trabalhei com equipe nossa... e era fácil... ia pra cidade do interior com trinta homens e eles não levavam grana. Então nos passamos lá nos dois primeiros meses foram ótimos porque o carcereiro chefe tinha tomado conta da boca de fumo da cidade. Então a cidade estava em pânico.

Então nós passamos lá os dois primeiros meses, no terceiro mês o segurança do dono do supermercado deu um tapa no garoto que tava roubando uma garrafa de cachaça ai foi autuado o garoto e foi autuado o segurança.

Aí o dono do supermercado vem e fala, mas doutor é um ladrão. Eu disse, mas não pode. O segurança não pode bater no ladrão, foram autuado os dois. Ai os clubes de serviços pros jantares de quarta-feira, né. Ai parou

Ai um fazendeiro praticou um homicídio, foi autuado. Ai pronto, ai encrencou. Ai o que era bom já deixou de ser. Ai a gente coloca para a sociedade: há interesse da sociedade ter uma policia que não seja corrupta?

Porque uma policia que não seja corrupta vai ser que nem nos demais países, você não para no local proibido porque o cara vai chegar lá e lhe aplicar uma multa. Você não avança o sinal, começa no trânsito... não faz nada.

Então, agente chega e atua na favela e atua no posto 9. Para de cheirar em Ipanema. Vai ter mandado de segurança pé na porta na Delfim Moreira, né isso? Essa é uma policia que não seja corrupta. Ela não tem limite, a sociedade vai conseguir segurar isso? (LUND; SALLES, 1999)

Na fala do antigo chefe de polícia civil carioca é importante ressaltar a posição excludente da polícia com relação a população geral. Nota-se que ele repete o seguinte questionamento no início e no final da sua fala: "a sociedade quer uma policia que não seja corrupta?". É importante problematizar a qual sociedade o delegado está se referindo? Se é a parcela da sociedade que frequenta os clubes sociais das cidades do interior e participa de jantares com comerciantes locais ou os moradores de uma bairro de classe média que não poderão portar e utilizar drogas ilícitas livremente com o risco iminente de ter suas casas invadidas pelas forças policiais a qualquer hora do dia ou da noite, contrariado todo o direito processual penal, sem a existência de um mandado, como o "mandado pé na porta".

É possível que essa parcela da sociedade não esteja preparada para ações neutras das forças policiais, do sistema de justiça que excluem os privilégios perante a lei. Enquanto a maioria população excluída, aos moradores do subúrbio, das periferias da cidade e sem acesso a rede de privilégios sociais e vítimas de um sistema de injustiça social. Essa parcela da sociedade está preparada para essa atuação da polícia, pois elas sobrevivem com os seus direitos e a sua cidadania negligenciadas pelas forças policiais e pelo sistema de justiça brasileiro.

Retomando a discussão do estado de exceção existente numa sociedade excludente como a brasileira, na qual o fenômeno da violência urbana, sobretudo do homicídio tem

crescido, sendo no imaginário social e nas declarações de representantes do governo, do sistema de justiça e da força policial o tráfico de drogas a variável responsável pelo aumento exponencial da criminalidade urbana que aflige todo o Brasil.

No universo do tráfico de drogas observado no Covil há um ambiente propício para o conflito, sobretudo desta natureza, dado as facilidades de interação e os vários bairros que podem ser centralizados por esse lugar como satélite para controle e distribuição de narcóticos, além de outras modalidades de crime, produção e (re)distribuição de produtos ilícitos.

No entanto, a relação dos traficantes do Covil com o mercado de venda de drogas aparentemente, dar-se de uma forma bem simples. Cada bairro tem o seu grupo, um grupo não ultrapassa o limite do outro, como num acordo tácito. Uma vez que segundo os relatos dos meus interlocutores não existe liderança que se crie¹⁵ na área, são todos mortos ou presos. E os presos não voltam para seus bairros de origem. Quando existe mais de um grupo vendendo no mesmo bairro eles podem se dividir por região: baixada, inferninho, invasão ou por ruas e vielas, especialmente se essas vielas têm ligação direta para alguma praça, final de linha ou rua com comércio popular movimentado.

Acerca dos conflitos dos meninos envolvidos no movimento do tráfico de drogas a nível local quando questionei uma interlocutora, estudante, M, 24 anos, ela respondeu:

Não, aqui é tranquilo. Barulho mesmo é quando a polícia vem pegar o arrego¹⁶... Aí é assim quando eles querem eles fecham mesmo, faz zoadá, Chega e... mata os meninos tudo. Agora, entre eles não vejo isso não. Daqui da Janela ou mesmo quando vou comprar o pão eu vejo. O menino que trafica aqui no beco, passa o dia todo conversando com os meninos da Esquina da Rua X, e passa toda terça para jogar bola com os meninos da quadra Y. Ah. E entre nós moradores é assim... claro que você não vai passar lá altas horas da noite ou quando a polícia está ali, mas eles não mexem com ninguém não. Morador pode passar sim.

Na fala da interlocutora e nas observações realizadas no ambiente, de fato, o trânsito entre os jovens pelas diversas bocas de fumo era livre para os jovens e os moradores podem transitar livremente pelos locais. Com exceção de locais que tem rixa entre os seus moradores. Entre as extremidade do Covil existem dois bairros que nutrem rixa entre seus jovens desde final dos 1980. Conversando com moradores antigos sobre essas rixas e contendas muitos dizem ouvir rumores, mas que transitam pelas ruas principais sem problemas em outros

¹⁵ - Crie é utilizado no sentido de se perpetuar. De ficar tempo suficiente para poder deixar um legado.

¹⁶ Arrego significa Propina. A depender dos arranjos entre os traficantes e a polícia pode ser semanal, quinzenal ou mensal. Se não houver arranjo, a boca pode ser extorquida por um PM e/ou PC de forma individual ou simplesmente implodida por policiais.

bairros, alguns tem parentes e vão visitá-los periodicamente. Contudo, segundo relatos de alguns jovens, a rixa é mantida e alimentada periodicamente, como num ritual do Carnaval, quando os jovens se encontram para brigar. E os conflitos são deixados para serem resolvidos no próximo ano, no seu local específico na avenida.

Outro ponto importante é que M. diz que é a polícia quem perturba a ordem local. Mas não é a polícia que vem dar uma batida por denúncia para acabar com a criminalidade no local. Ao invés, são policiais corruptos que vão para extorquir os traficantes e quando não tem seus anseios atendidos usam de duas táticas: 1- ocupação, vem periodicamente aos finais de semana para enfraquecer o movimento de compra e venda de drogas; 2 - estourando as bocas de fumo, como prática de grupo de extermínio, homens encapuzados, as vezes em viaturas da própria polícia.

A relação entre as pessoas do (sub)mundo do crime e os moradores nesta região da cidade é amena. Aparentemente os moradores não se envolvem nos problemas do mercado de drogas e com o tráfico em geral, em contrapartida não há na região, como em outros locais de Salvador, toque de recolhe, saque de lojas, ocupação por parte do tráfico em casa de moradores. O local preferencial é a esquina.

Contudo fica a questão de como eles lidam ou interferem na dinâmica da violência local, no bairro ou no Covil? Essa é uma das questões interessantes da análise, muitas respostas e outros questionamentos surgiram ao passo em que as investigações avançavam. Ressalta-se que esse ambiente produz um número considerável dos mortos na cidade do Salvador. E como na fala da moradora e com base nas observações e relatos as pessoas que fazem parte do movimento não interferem na vida cotidiana, mas e na dinâmica da violência local:

Eu acho que lá é uma coisa equilibrada. Eu acho que quem... o equilíbrio na verdade está pautado em tudo que lhe falei: seja nos ex-policiais, seja nos próprios policiais e seja neles do tráfico. Eu não acho que seja uma coisa centralidade, que quem coloca a ordem no bairro. Porque tá todo mundo junto, não tem ninguém separado. Comerciante, S. 26.

O que se pode notar nas palavras de S. é de que existe uma linha invisível que separa as forças que operam na manutenção da segurança e paz na região. Essas forças estão bem divididas por atores sociais locais emblemáticos: policial, ex-polícia e traficante. No entanto não está bem definido o papel de cada um dos atores que compõem e arbitram as cenas de

violência na região. Quando questionada sobre essa relação policial *versus* ex-policial *versus* traficante na gestão da segurança local Sandra explica:

Assim, sou lojista, né. Tenho um comércio aqui na praça há 14 anos. Há uns 4 ou 5 anos estava tendo um surto de roubos nas redondezas. Então no final de ano um outro lojista, que é também policial pediu para conversar com todos os lojistas e explicou a situação da segurança para evitar roubos, furtos e confusão na rua da praça durante as festa de Natal. E que para isso ele iria contratar, se fosse da vontade de todos os lojistas um amigo dele, ex-policial. Homem de confiança. Então, por isso, o pedido vindo de quem veio e da forma que veio, nós aceitamos. Daí ele perguntou em Janeiro se tínhamos gostado do serviço e achou melhor deixar até o carnaval, ele está aqui até hoje. Mas o que eu penso é o seguinte: ele é um homem só, não é onisciente, nem onipresente. Ele não pode tomar conta da rua toda, das duas entradas. Acho que é por causa do nome e das histórias... desde então aqui tá tudo tranquilo. Quando tem qualquer movimentação diferente ele vem os avisar e dá logo um jeito.

O que foi relatado por S. é uma fenômeno fácil de se verificar nos bairros periféricos de Salvador, em especial, nos locais de comércio. Pois nestes locais quase sempre numa praça tem algum homem sentado numa cadeira, vestido como se fosse um segurança com *walkietalkie*, quase sempre em arma visível. E durante a noite geralmente em dupla ou trio circulando pela rua principal do bairro a partir da meia-noite. A relação desses seguranças com policiais moradores ou donos de lojas nas imediações é conhecida por todas as pessoas que circulam pelo local. Bem como sua fama e histórias de como o sujeito lida com ladrões e traficantes.

Por outro lado a figura do traficante não aparece na narrativa de Sandra. Entretanto, outro lojista que tem sua loja localizada no final da Praça, com sua parede fazendo divisa com um beco que liga direto para uma boca de fumo explica a participação dos traficantes:

É assim, o pessoal do movimento não entra em nada aqui em cima. eles ficam na dele. Mas é o caso, se um menino desses ai começa a dar pala¹⁷ de "miseravão"(sic), ficar dando pala de arma, porque tá novo no movimento e quer demonstrar poder e o chefe ficar sabendo, vão logo lá na pedreira, na casinha para ser educado. Ai depois de educado se ele continuar fazendo, vai receber uns avisos, se persistir ele some. Com o pessoal do movimento é assim, lá em baixo, na boca e até aqui na praça com o pessoal deles, eles não querem que chamem a polícia. São juízes e executores. Se um morador de lá de baixo, ou até alguém aqui de cima que tenha conhecimento for roubado, tipo um menino toma seu celular ou seu cordão¹⁸. Dai a pessoa vai lá e fala com alguém e o pessoal manda devolver, se não tiver mais o produto paga em dinheiro e depois vai ser descontado do menino. G, 37.

Ao analisar a narrativa do lojista G, percebe-se que as pessoas que tem envolvimento com o tráfico de drogas ou algum produto ilícito localizado no Covil ou em suas imediações não se importam com a gestão da segurança e paz das ruas de cima. O esforço deles é de

¹⁷ - Dar pala quer dizer ficar se exibindo.

¹⁸ - Corrente longas e grossas de prata, também chamado popularmente de batidão.

evitar a entrada da policia no local, por isso eles tentam arbitrar todos os conflitos locais e das imediações. Sobretudo punindo ou educando os seus funcionários que transitam entre as ruas de cima e de baixo para que evitem chamar atenção, provocar confusão ou gerar violência, em especial na praça. Para acalmar os ânimos dos moradores ou de pessoas que sofreram constrangimentos por parte de alguém que esteja ligado com o tráfico local, os chefes do tráfico punem os seus subordinados, em caso de roubo ou extorsão é devolvido quando possível o produto ou quantia de dinheiro para a vítima.

Num contexto peculiar como do Covil, ou mesmo nos guetos de Salvador, a partir dessa breve descrição e análise, com políticas publicas de segurança que incentivam a violência, criam um cenário de guerra as drogas não é estranho que surjam personagens que devem ser combatidos e eliminados, exibidos como inimigos do estado e elemento desestabilizador da paz no local.

CAPÍTULO 3: SALVADOR SOB PERSPECTIVA: EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIAS NAS PERIFERIAS

Temas relacionados a desigualdade social e pobreza são questões que provocam pesquisadores das diversas áreas do conhecimento, em especial das Ciências Sociais convidando-os à investigação, sobretudo uma realidade social como a brasileira. Na qual as mais variadas perspectivas de estudos e métodos de análises visam contribuir com o debate numa conjuntura de mudança social, mesmo em um país de dimensão continental que resguarda em suas práticas sociais um regionalismo típico da era colonial. É importante ressaltar que para a construção desse texto que visa em última instância discutir a questão da desigualdade, exclusão social e violência urbana nas periferias da cidade de Salvador, deve-se partir de uma análise mais geral apresentando o panorama brasileiro de forma sucinta para em seguida se debruçar para as questões locais.

Ao abordar a questão da desigualdade social e da pobreza no país algumas variáveis devem estar presentes como a distribuição de renda e mobilidade social. Para responder essas questões muitos pesquisadores assumiram o papel de tentar compreendê-la, como se observa nos textos: *Estrutura Social no Brasil: mudanças recentes* (2010) e *Desigualdade e Pobreza no Brasil: retratos de uma estabilidade inaceitável* (2000), um de autoria do pesquisador Marcio Pochmann e o outro resultado da parceria desenvolvida por Ricardo Paes Barros, Ricardo Henriques e Rosane Mendonça, respectivamente.

Em primeira análise do texto de esforço coletivo de Barros, Henriques e Mendonça apontam que o Brasil tem um passado de exclusão e injustiça social que marca fortemente a sua identidade social. No decorrer do artigo, entende-se que a proposta dos autores ultrapassa aos conceitos simples de renda, trabalho ou classe social no cenário histórico brasileiro, aproximando-se de temas como o racismo. Porém, ao abordar o tema, o racismo ultrapassa a questões étnicas e assume um caráter também geográfico que vai se disseminando no imaginário social brasileiro, como por exemplo, a construção do estereótipos de povo nordestino, no caso específico da representação do baiano no eixo sul e sudeste do país de pessoas preguiçosas, avessos ao trabalho, pouco instruídos, subservientes e ignorantes politicamente, povo capaz de trocar seus votos por uma política populista, assistencialista, não pensando no que é melhor para a nação, estas são algumas das justificativas que alimentam o racismo e preconceito social brasileiro. Ao invés de enxergar aquelas pessoas que migram do seu lugar, sua terra em busca de dias melhores e de um futuro para si e para os seus filhos.

Pessoas que vendem sua força de trabalho barata para construir grandes cidades em outras regiões do país, porém na primeira oportunidade, é sempre vista ou apresentado de forma jocosa por aqueles que são ajudados na construção física e cultural das suas cidades.

Entretanto os autores sinalizam o cenário de mudança social e melhoras no padrão de vida médio do brasileiro nas últimas décadas, segundo Barros e Pochmann é possível chegar a um entendimento da questão. Para Barros o Brasil não é um país pobre, mas um país no qual existem muitos pobres. Dada a conjuntura histórica de formação da nossa sociedade erguida com a força de trabalho de seres humanos escravizados (séc. XVI ou XIX) ou mesmo as formas de superação desse sistema para um trabalho assalariado e o surgimento da indústria no Brasil, o Estado sempre esteve atrelado a parcela da sociedade, produzindo uma elite. Essa situação não é saudável para o desenvolvimento do país, e com o Estado agindo em prol de uma elite sem produzir empregos, sem capacitar a mão de obra, sem aumento significativo do salário mínimo e sem políticas públicas de promoção da igualdade e redução da pobreza a sociedade brasileira inevitavelmente caminharia para estagnação.

Por outro lado, Pochmann escreve que no Brasil ocorreram três grandes mudanças na estrutura social nos últimos 50 anos, aqui vale ressaltar a última mudança ocorrida após 2003, na qual impera a lógica de mais renda *per capita* resultando numa redução da desigualdade social promovida via políticas públicas tendo como público alvo a população de menor renda, mais carente de auxílio básico do Estado seja na saúde, educação ou habitação.

Como essas questões são visíveis, além da redução da desigualdade pode-se observar o aumento na oferta de emprego, aumento no valor bruto do salário mínimo, política de inclusão social no ensino superior - cotas. No qual o contato num mesmo ambiente, seja numa empresa transnacional ou numa universidade, põe em perspectiva os avanços sociais produzidos nos últimos dez anos.

Seguindo por outro caminho, mas incidindo o olhar sob a questão da desigualdade social a pesquisadora Melissa de Matos Pimenta escreveu artigo intitulado *Diferença e Desigualdade (2010)*. O texto de Pimenta versa acerca das questões conceituais e da forma como são construídos socialmente os conceitos de diferença e desigualdade social. Pondo os conceitos em perspectiva em três eixos diferentes: desigualdade de gênero e salários; raça e etnia e; classe social para tratar dos dois conceitos propostos no cenário brasileiro, quando possível. Enquanto, em 2008 o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) publicou o seguinte relatório *Retrato das desigualdades de gênero e raça*, com o intuito de criar um raio

x da desigualdade social brasileira num recorte temporal proposto entre meados da década de 1990 e a primeira década dos anos 2000, utilizando variáveis como destaque para: população, habitação, saúde, educação, chefia de família, mercado de trabalho.

O texto de Pimenta e o relatório do Ipea criam uma interseção ao abordar a questão das desvantagens existentes na sociedade brasileira entre as mulheres e os homens implicitamente apresentando dois temas que margeiam o debate: a questão de gênero e o patriarcalismo.

Pimenta ao abordar questões relacionadas ao gênero apresentou duas perspectivas generalizantes, na qual compreende o sexo como a diferença entre homem e mulher numa concepção biológica, portanto natural. Na outra aborda o gênero numa perspectiva elaborada socialmente, construída segundo padrões específicos de sociabilidade, que recai num prisma que supõe o gênero como social, que se desdobram em outras discussões que as teorias feministas do século XX e XXI não esgotaram o debate.

Entretanto o texto busca responder, mesmo que de forma sucinta o questionamento de desvantagens entre homens e mulheres na sociedade como a brasileira é a lógica patriarcalista, que diz respeito ao processo de construção de desigualdade nas relações sociais, posto que o homem é colocado no lugar de comando, no topo da hierarquia social. Seguindo essa lógica num exemplo utilizado nos textos podemos tratar da situação da mulher em relação ao mercado de trabalho, pois mesmo estas mulheres tendo as mesmas habilidades e competências técnicas que os homens no mercado de trabalho o acesso ao topo da hierarquia e aos cargos de chefia dão-se em número menos expressivo que os homens e quando ocupam o mesmo cargo, em geral, recebem remuneração inferior aos homens. E a situação se agrava ao cruzar as duas variáveis gênero e raça/etnia, as mulheres negras estão na base da pirâmide da hierarquia social na sociedade brasileira. Pode ser observada também, em relação ao homem branco e as desvantagens existentes entre os homens negros e as mulheres brancas e mulheres negras seja na questão de tempo de trabalho, remuneração, expectativa de vida ou educação.

Como a educação é um dos pilares basilares para mensurar o nível de desenvolvimento e qualidade de vida de uma sociedade, junto com saúde, habitação, renda e segurança, como o país tem investido nas últimas décadas nessas áreas institutos de pesquisa tem se debruçado para avaliar essa questão. Para compreender melhor a questão da educação na sociedade brasileira o Diretor do Diretório de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do IPEA, Jorge Abrahão de Castro, publicou o texto *Situação da educação Brasileira: avanços e*

problemas (2012). Sobre uma lógica na qual a educação é tratada como um dos elementos mais importantes e que deve ser alvo de políticas públicas para que o analfabetismo seja combatido no país, a partir do processo de escolarização formal e a oferta de um ensino público e de qualidade que busque inserir/resgatar o cidadão para melhorar os indicadores sociais, que resulta na melhor formação desses indivíduos para o mercado de trabalho, além de proporcionar novas e melhores oportunidades de emprego e com isso a possível ascensão social.

As evidências apontadas por Castro, em sua pesquisa, parte da base de dados do IBGE produzida através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizadas no período de 1992-2009. cujo público alvo são pessoas acima dos 15 anos de idade, na qual busca mensurar os anos estudados por essa parcela da população brasileira. Outro elemento importante, é o chamado Hiato Educacional, que trata dos anos que faltam para atingir o tempo médio educacional, sendo 8 anos o mínimo aceitável para o processo de escolarização. Por fim aborda a questão do analfabetismo no Brasil.

Segundo os dados apresentados no período estudado ocorreu uma elevação no tempo médio de estudo para a população acima dos 15 anos, atualmente 7,5 anos de escolarização, cuja previsão é de que no ano de 2014, a meta de no mínimo 9 anos de escolarização - ensino fundamental completo. Entretanto os dados apresentam variações de duas ordens: a primeira é uma variação regional, na qual o tempo médio de escolarização é diferenciado entre uma região e outra, como exemplo mais relevante o contraste entre a região sudeste e o nordeste; a segunda variação ocorre dentro de uma mesma região, diferenciando-se por zonas, sendo a zona urbana mais escolarizada e num processo de progressão mais avançado do que a zona rural.

Numa perspectiva que propicie a redução do problema da desigualdade, exclusão social e violência e para inserir a realidade social experienciada na capital baiana a socióloga Paula Barreto, membro do grupo A Cor da Bahia, apresentou no 8º congresso Pan Africanista na África do Sul em 2013, o *Relatório situação da população afro-descendente – Brasil*. A autora ressalta a situação da população negra na sociedade brasileira, vale ressaltar que por negro entende-se o somatório das pessoas que se auto-declaram pardas e pretas. A situação referida diz respeito a renda, moradia, escolaridade, saúde e violência na qual a população negra, mesmo com a diminuição da desigualdade no país na última década, ainda encontra-se

alguém do esperado. Em especial sob a ótica da segurança pública, pois os jovens negros são as vítimas preferenciais dos homicídios ocorridos no país, segundo a literatura especializada.

A pesquisa ressalta que a variável cor é uma condicionante sócio-demográfica importante. Uma vez que no processo de construção da sociedade brasileira e na forma como ela foi organizada, sobre a égide do sistema escravagista, a população negra encontrava-se na base da pirâmide social. Por isso dois elementos estão em evidência: raça e desigualdade social. Ambos os conceitos são entendidos pela autora como produzidos socialmente.

Alguns elementos que podem ser destacados do relatório do programa A cor da Bahia, encontra-se em evidência o aumento significativo da população que se auto-declara negra (pretos e pardos) no Brasil, registro feito pelo IBGE. O que pode se aventar a hipótese de com a diminuição da desigualdade e o aumento de políticas sociais que tem como público alvo segmentos sociais esquecidos historicamente, tenham aumentado a auto-estima dessa população.

A partir do contexto mais geral e do entendimento do complexo processo de desenvolvimento da sociedade brasileira e da breve análise de alguns elementos basilares para a construção de um panorama da realidade social do Brasil. A contextualização é imprescindível para que o leitor possa acompanhar os desdobramentos das relações sociais no país e entenda o processo particular do desenvolvimento da sociedade baiana, em especial, a soteropolitana, que foi construída e é marcada por heranças de um Brasil colonial.

Salvador, capital do Estado da Bahia, foi a primeira capital do Brasil. Atualmente encontra-se entre as cinco mais populosas capitais do país, sendo a maior entre as capitais da região nordeste. Um dos maiores centros turístico e cultural do país, parada certa para os turistas que desembarcam na Baía de todos os Santos. Além dos seus encantos naturais, dos centros históricos e todo o complexo artístico latente em sua sociedade, a capital Bahia guarda especificidades na questão geográfica que contribui com seu encanto e influenciou na sua formação demográfica.

Embora Salvador tenha seus atrativos turísticos, grande projeção cultural, a cidade ainda encontra-se em plena expansão da sua zona habitada. Muitos bairros populares que existem desde os 1970 continuam a crescer demograficamente, áreas antes desabitadas hoje se encontra tomada por torres construídas a partir da crescente especulação imobiliária,

construtoras produzem novas moradias em áreas não habitadas, bem como, em bairros mais antigos de Salvador alterando assim de alguma forma a dinâmica habitacional da cidade.

Entretanto, para explicar a expansão demográfica da cidade do Salvador faz-se necessário abordar as sucessivas transformações que a cidade sofreu deste o momento em que se tornou capital do Brasil colônia à transferência do poder político-administrativo para a cidade do Rio de Janeiro com a vinda da Família Real ao Brasil, algumas mudanças que a cidade e toda a sociedade baiana sofreram neste período, e o mais importante as transformações ocorridas na cidade no século XX¹⁹, mais precisamente na segunda metade, no pós-1950, com a criação dos bairros populares de Salvador (SANTOS,1978; VASCONCELOS, 2002; 2006).

O geógrafo Pedro Vasconcelos em artigo intitulado: *Pobreza urbana e a formação de bairros populares em Salvador na longa duração*, apresenta ao leitor as varias alterações que ocorreram em Salvador desde sua fundação até a criação dos bairros populares e a forma como a cidade começou a se expandir a partir de 1549 do que hoje conhecemos como Centro Histórico e região do Comércio criando as freguesias do Carmo e São Bento. Um dado relevante é de que no Censo da época datado no período de 1718 a 1724 a população soteropolitana era composta por 49% de escravos e que em pouco mais de um século novo Censo de 1872 contava com a população de 129.000 habitantes dos quais 68,9% era de negros e mestiços, nesse período a população continuou crescendo vagarosamente atingindo o número de 205.813 pessoas na virada do século XIX para o século XX tendo o seu numero populacional ultrapassado pelas cidades de São Paulo (1900) e Recife (1940) segundo os Censos da época (VASCONCELOS, 2006; SANTOS, 2013).

Apesar do seu aumento populacional lento, Salvador continuou aumentando paulatinamente a sua população e expandindo a sua área habitável e após os de 1950 surgiram muitos bairros e a distinções sociais das moradias e ocupações por classes sociais, deste modo a região da Barra e Vitória eram residências das classes mais abastadas; a região de Nazaré e Barbalho para a classe média e a Região do Subúrbio ferroviário e miolo da cidade para os pobres em bairros como Lobato, São Caetano, Liberdade. Contudo, "em 1950, Salvador contou com 417,235 habitantes, sendo 41,5% de pardos e 24,7% de negros, sendo 41,5%

¹⁹ - Para tratar dos desdobramentos e mudanças ocorridas na cidade do Salvador e na sociedade soteropolitana o Professor e Pesquisador Pedro de A. Vasconcelos escreveu: *Salvador: transformações e permanências (1549-1999)*. Nesta obra o autor divide em fases oito as mudanças ocorridas em Salvador desde o Brasil colônia até a sua transformação em metrópole, nos dias atuais.

analfabetos. O crescimento migratório foi de 70% "(VASCONCELOS, 2006, p. 27). Seguindo as indicações estatísticas apresentada o também geógrafo Milton Santos discute que essa onda crescente de migração dar-se pela questão do êxodo rural, com pessoas em buscas de novas oportunidades de vida, emprego (relação, mais ou menos institucionalizada, na qual existe um acordo por parte de quem organiza o trabalho e aquele que efetivamente realiza o trabalho. Promovendo uma relação estável e segura para os envolvidos) e trabalhos (relação na qual o indivíduo utiliza sua força física e mental para transformar matérias primas existentes da natureza) que as grandes cidades com suas urbanizações concentra e em processo de metropolização²⁰ (SANTOS, 2013).

Contudo, Salvador atinge nos anos 1980 uma população superior à 1.500.000 habitantes, superando a cidade do Recife que segundo o Censo de 2010 conta com 1.537.704 habitantes. Atualmente a população soteropolitana é de 2.675.656, considerada a terceira capital do país mais populosa, superada apenas por São Paulo com a população de 11,253.503 e Rio de Janeiro com 6.320.446 habitantes, respectivamente (IBGE, 2010). Como metrópole tornou-se um importante centro industrial no nordeste do país, com suas montadoras automobilísticas na região metropolitana, construção de grandes Shopping Centers e empresas no geral, por isso continua sendo um local atrativos para imigrantes que almejam novas oportunidades de crescimento social e econômico.

3.1 POR QUE SALVADOR DEVE SER PENSANDO COMO PERIFERIA AO INVÉS DE FAVELA OU COMUNIDADE?

O entendimento acerca da cidade de Salvador não é simples como se pensa no senso comum. O enquadramento da sociedade soteropolitana em conceitos analíticos não pode ser respondido a partir de leituras de autores clássicos de estudos voltados para questões urbanas como os realizados pela escola de Chicago ou Manchester ou mesmo por estudos realizados por pesquisadores do eixo Rio de Janeiro e São Paulo. Obviamente, não está na questão dos méritos dos estudos e pesquisadores. Apenas que a realidade social e os aspectos da formação da sociedade soteropolitana não se enquadram facilmente em conceitos e explicações de outras cidades, com outros arranjos espaciais e demográficos. Embora, seja tentador

²⁰ - Metropolização, diz respeito, ao fenômeno urbano, que no caso brasileiro, trata do aumento significativo da população de uma cidade ou região, ultrapassando o número de 1 milhão de habitantes. No Brasil, a expansão deste fenômeno dada do 1/4 do século XX. (VASCONCELOS, 2006; SANTOS, 2013).

enquadrar Salvador em conceitos com respaldo e acúmulo de estudos como os trabalhos voltados para comunidades e favelas desde os anos 1980 na região sudeste do país.

Recentemente, além do eixo acadêmico, a sociedade e movimentos sociais baianos também tem incorporado em seus discursos o uso de palavras como comunidade e favela, referindo-se as periferias e bairros pobres de Salvador. Por isso, uma breve problematização acerca desses contextos e o seu uso na cotidiano da cidade do Salvador.

Com o intuito de explorar um pouco mais essas questões, alguns entrevistados, com a intenção de construir as suas narrativas, buscavam na memória elementos para explicar o aumento da violência em seu bairro ou rua. Quando possível e a depender do interlocutor o questionamento acerca do usos de certos termos para saber como eles se reconheciam em certas categorias analíticas. Segue uma resposta a essa questão:

Salvador não é nem favela, nem comunidade para mim estão apenas importando palavras sem conceito. Salvador tem bairro de pobre e bairro de rico e com a melhora da condição financeira, para quem não tinha nada, essa linha quase nem existe. Ontem [domingo], o Iguatemi [atual Shopping da Bahia] inteiro estava lotado. Na minha época não era assim, ficava cheio o 1º [piso] e ponto, lá em cima era outra *vibe*. Agora você vê um monte de gente desfilando moda de loja de departamento, *smartphones* caros com suas conexões 3G. Professor E. 35 anos

A fala do professor é importante para entendimento da questão, pois no caso do Rio de Janeiro, algumas categorias tem sentido e são apropriadas pelas população local. Em recente entrevista para o jornal O Globo no dia 05/01/2015 ao repórter Arnaldo Bloch a Professora Barbara Nascimento, carioca moradora do Vidigal responde ao questionamento do jornalista:

[Repórter] Você usa sempre o termo favela e nunca comunidade?
 [Nascimento]- Qualquer grupo é comunidade. Não tem cara. Favela significa algo. Um tipo de lugar. História. É uma palavra bonita. Está nas canções. E comunidade? O que é? Parece o eufemismo de falar “moreno” em vez de negro.

Seguindo o argumento de Barbara Nascimento, junto com as outras falas apresentadas expande-se o universo para a compreensão destes muitos termos, seus sentidos e significados.

Ficam algumas pequenas indagações o que é comunidade, favela ou periferia? E em qual desses conceitos Salvador (mais) se enquadra?

Para responder essas questões e situar o leitor qual é o local de fala e o conceito utilizado nesta pesquisa, entende-se comunidade e periferia sobre a leitura do dicionário de Sociologia (BOUDON, 1990), é lugar comum, com uma identidade compartilhada por todas as pessoas que vivem num mesmo ambiente. Periferia é conceituado como um local afastado do centro, situado a margem da cidade ou mesmo um contorno de um corpo ou superfície. Por Favela, entende-se conjunto de habitações populares, com ocupação desordenada nos morros, também é nome dado a uma planta que encobre os barrancos e morros (VALLADARES, 2013).

Neste texto Salvador não pode ser entendida nem como favela, nem comunidade, assumindo um sentido mais sociológico que dá identidade a um determinado local. Nesse sentido, a literatura brasileira quando trata desses termos, sobretudo ao se referir aos estudos sobre violência, pobreza e criminalidade estes conceitos estão atrelados a uma produção de grande relevância, com pesquisas realizadas em grandes instituições, especialmente por pesquisadores dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Com o intuito de promover um debate a nível local, pois na essência os conceitos de comunidade e favela podem se enquadrar a determinados locais e realidades na cidade de Salvador. Por esse motivo, como existem divisões socioespaciais evidentes em Salvador, que não se encontram nas outras grandes capitais, como o subúrbio, que é margeado pela Baía de Todos os Santos, próximo da região de comércio e centro antigo da cidade, que é diferente dos subúrbios de outras cidades toma-se o conceito de periferia como o que atende melhor as necessidades desta investigação por questão de identificação. No geral, a partir das entrevistas as pessoas identificam seu bairro como periferia e não comunidade ou favela.

Sobre isso podemos notar nas falas de alguns interlocutor:

nós... fomos globalizados importamos as gírias via malhação e outras novelas e a arte vai pegar as referências. Professor E., 35 anos

Claro, man! Eu acho que nós importamos mesmo... a música tem um papel fundamental, principalmente o *funk* e o rap. É a partir daí que as coisas chegaram aqui. Pode crê, é isso, eu sou Favela. Para mim o termo comunidade vem de cima pra baixo, favela é nós mesmo, é uma construção das pessoas ali naquele local. Músico e Educador W., 29 anos

Nas falas apresentadas acima pelos interlocutores Professor E. e do músico e educador W, é paulista radicado em Salvador há muitos anos, ambos moradores de bairros populares da cidade. Fica evidente que as pessoas, de modo geral, nas periferias de Salvador começaram a usar ou assimilar esses termos a partir de uma lógica lúdica seja pela música que toca nas grandes capitais do sudeste como São Paulo (*Rap*) e Rio de Janeiro (*Funk*), como por influência da televisão na vida cotidiana das pessoas pelas séries, novelas e filmes.

Inclusive é necessário ressaltar uma possibilidade de dupla interpretação da fala do Professor E. "fomos globalizados", pois este termo no sentido brasileiro assume um caráter polissêmico, pois existe a globalização (conceito) que trata do seu processo de disseminação e a tentativa de uniformização cultural, assimilação e aculturação, via cultura de massa que atinge a todas as pessoas com uma mesma mensagem em diversos locais do globo no mesmo instante com a intenção de criar uma noção de cultura geral, exemplo a cultura ocidental; o segundo sentido, está relacionado com a emissora de tevê brasileira Globo, gigante nos meios de comunicação de massa no país, detentora de maior audiência, como o Professor citou novela fica implícita a relação com emissora. E por isso, responsável por criar uma noção generalista de Brasil, assumindo que suas tramas e o cotidiano apresentado está relacionado a cidades e grupos sociais específicos, na maioria das suas novelas e series.

Durante minhas incursões nas ruas do subúrbio e miolo de Salvador não foi difícil notar as expressões utilizadas pelos jovens como: "aqui na comunidade", "eu sou favela", "lá nas quebradas", "nós do gueto" e até umas falas provocativas entre garotos e garotas, por exemplo, um garoto que se diz favela questionando outro garoto que mora no mesmo bairro, mas que por algum motivo ele o enxerga como um diferente, seja pelo jeito de falar, andar ou vestir: "você é favela ou é orla, pai?", para as meninas: "oxe! Ali ó, lá vai passando a patricinha da favela", as falas tem os mesmos princípios das proferidas pelos meninos. Mas que servem para ilustrar essa questão da apropriação dos termos. Embora, se for levar em consideração os aspectos lúdicos nos quais a cidade do Salvador aparece nas músicas dos anos 1990 e 2000, as palavras que mais se destacam são periferia e gueto presentes nas canções.

Porém, além de entender questões conceituais como periferia, comunidade e favela, o elemento basilar deste estudos são os bairros e de como eles foram se formando. Como no Brasil existe uma alta concentração de renda, elevados níveis de desigualdade social, e a

cidade do Salvador tem particularidades acerca de muitas questões sejam elas: demográficas ou sociais, no que diz respeito, a segregação social e especial, ou discriminação étnica - racial e urbanização que vem desde a forma diferenciada em que foi praticada a escravidão de seres humanos trazidos da África. Estes homens e mulheres negrxs, desempenham diversos papéis que serviam de alicerce na base da pirâmide social da sociedade escravagista da época. Sendo de muitas formas diferentes da escravidão que ocorreu nos engenhos, nas minas e nos sertões brasileiro, pois uma das principais atividades desenvolvidas eram específicas de cidades urbanas como o trabalho de ganho, o uso das ruas pelos escravos, trabalho de aluguel²¹ pago por comerciantes e senhores locais aos escravos para o desenvolvimento de atividades de carga e descarga ou mesmo transporte de mercadorias, o que possibilitava ao escravo que trabalha de aluguel a chance de constituir família, freguesias com moradias e alojamentos com grande diversidade étnica.

No contexto da escravidão urbana, os escravos que trabalhavam nas ruas tinham a possibilidade de se tornar senhores de outros escravos, escravos que pagavam mensalmente aos seus senhores e viviam em bairros distintos, constituindo famílias, trabalhos de rua em que a mão-de-obra utilizada eram de homens negros livres, escravos, mulatos e brancos pobres, a ocupação das ruas dos centros pelos homens e mulheres em atividades de comércio, as revoltas, motins e greves realizados ainda no Oitocentos contribuem para singularidade na construção da sociedade soteropolitana (REIS, 1993; VASCONCELOS, 2002; 2006).

A construção e habitação da cidade de Salvador deram-se a partir das suas características geográficas que possibilitou que a cidade assumisse divisões espaciais diferenciadas em relação a outras grandes cidades brasileiras como Rio de Janeiro e São Paulo. A cidade pode ser dividida de algumas formas como: Cidade Alta e Cidade Baixa; Centro e Subúrbio; bairros de Centro e bairros de Periferia ou entre Centro e Miolo da cidade. A divisão entre Cidade Alta e Baixa tem sua explicação por causa dos acidentes geográficos que dão nome aos níveis da cidade. Centro e Subúrbio, por uma questão de espaçamento entre os bairros de centro e os bairros localizados na zona do subúrbio ferroviário da cidade, sobre a questão centro x periferia x miolo da cidade é um pouco mais complicado, pois na maioria dos bairros do centro da cidade – senão todos (comercial ou nobre) encontram-se ladeados por bairros populares, quando não ocupações irregulares nos bairros demonstrando outra face de Salvador. Deste modo a questão espacial e demografia em

²¹ - Inclusive sobre isso o historiador João José Reis escreveu o texto A Greve Negra de 1857. Ressaltando a influência desse tipo diferenciado de escravidão para a organização socioeconômica de Salvador.

Salvador são singulares em comparação com outras capitais do país, que tiveram em sua criação um projeto de urbanização diferenciado.

A partir da sua formação geográfica e sua ocupação territorial Salvador sempre teve suas particularidades, inclusive, no que diz respeito, a sua forma de ocupação territorial, no primeiro momento como cidade forte, com o objetivo de defesa do litoral, porto comercial, cidade Capital política e administrativa, forma de expansão do centro para os quatro cantos da região, construção das habitações, posto que foram notadas por pesquisadores diferenças basilares na condição de moradia, acesso de bens e serviços, renda e escolaridade da população caracterizando assim os bairros como de ricos, classe média e de pobres (SANTOS, 2012).

3.2 CRIME VIOLENTO EM SALVADOR: o homicídio e o seu lugar

A cidade de Salvador tem suas barreiras sociais e espaciais (in) visíveis à população soteropolitana, todas as coisas tem seu lugar de pertencimento, bem como vítima, motivo, hora e local para acontecer, especialmente se tratando de crimes violentos e homicídios que ocorrem cotidianamente nos guetos da capital baiana.

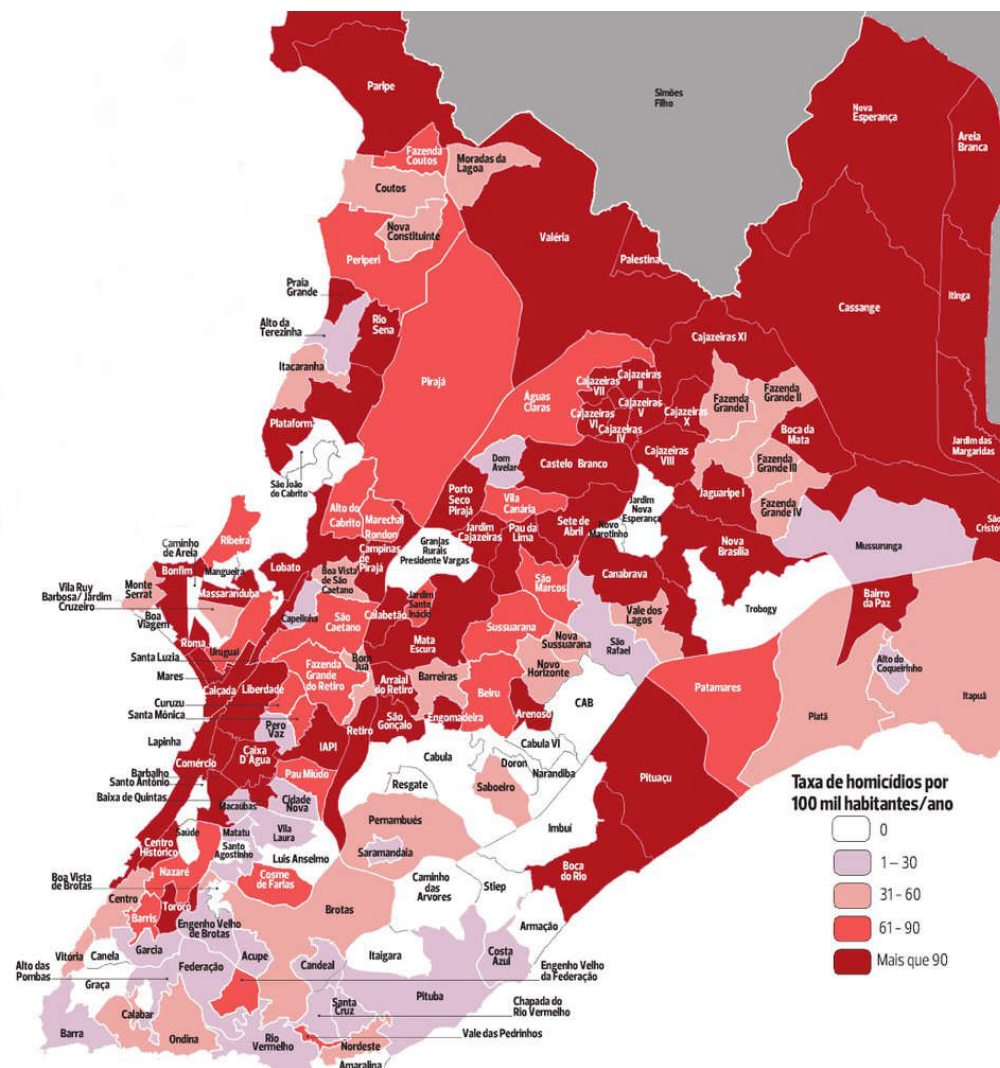
Como na maioria das capitais e cidades das regiões metropolitanas brasileiras houve em Salvador uma escalada da violência na última década do século XX (WASELFISZ, 2013), ganhando a violência na cidade uma atenção especial por parte da Secretaria de Segurança Pública da Bahia, sistema de justiça, pesquisadores universitários das mais variadas áreas como: Sociologia, Saúde Coletiva, Arquitetura e urbanismo (COSTA, 2010; ESPINHEIRA, 2005; ESPINHEIRA, SOARES, 2006; NUNES, PAIM, 2005; PAIM et al 2001; VASCONCELOS, 2002; 2006).

Na primeira década do século XXI, a violência urbana migrou estatisticamente do sudeste para o nordeste, que foi a região que mais teve aumento em suas taxas de homicídios por armas de fogo nas últimas décadas segundo dados do *Mapa da Violência 2014*: os jovens do Brasil, organizado pelo pesquisador Júlio Jacobo Waiselfisz e o *Atlas da Violência 2016* publicado pelo Ipea (CERQUEIRA et al, 2016.).

Waiselfisz aponta em suas pesquisas que no ano de 2000 o estado do Rio de Janeiro ocupava o 1º lugar do *ranking* de homicídios com índice de 47 mortes por armas de fogo por

100 mil habitantes, em 2010 o número caiu para 26,4/100 mil habitantes ocupando a 8ª posição do *ranking* brasileiro. O estado de São Paulo com números de 28,7/100 mil habitantes nos anos 2000, ocupando a 8ª colocação passou em 2010 para 24ª com 9,3/100 mil habitantes, queda em uma década de 67,5/100 mil habitantes na taxa de homicídios. Enquanto estados como Bahia e Alagoas às taxas aumentaram significativamente. A Bahia subiu da posição 15ª com índice de 11,7/ 100 mil habitantes em 2000 para 4ª posição em 2010 com 34,4/100 mil habitantes, Alagoas por sua vez passou 9ª posição com 17,5 homicídios por 100 mil habitantes para 1º 55,3/100 mil habitantes nos dados estatístico que representa a escalada da violência na última década (WAISELFISZ,2013, p.20).

Salvador é a 2ª capital mais violenta do nordeste, ultrapassada apenas por Maceió capital de Alagoas, Pernambuco que inicio o século XXI como a como a capital mais violenta do nordeste e a 2º mais violenta do país com números 46,6/100 mil teve sua taxa de homicídios reduzidas a 30,3/100 mil em 2010, sendo a 6ª capital mais violenta do país. Enquanto os números de homicídios têm aumentado vertiginosamente ultrapassando a marca dos 30/100 mil nos anos 2008,2009 e 2010, sendo 2009 o ano mais violento com números 34,8/100 mil (WAISELFISZ, 2013, p.19; CERQUEIRA, Daniel et al.2016). Como o aumento abrupto nos números de homicídios na cidade a questão que surge é a seguinte: Onde mais ocorrem homicídios em Salvador? E quem são as vítimas? No intuito de produzir um mapa da concentração da violência em Salvador, os jornalistas Juan Torres e Rafael Rodrigues publicaram no dia 22/05/2012 matéria que trazia um mapa da concentração de homicídios na capital baiana, produzidos a partir do cruzamento de dados fornecidos pela Secretária de Segurança Pública da Bahia e do IBGE.



fonte: Correio, 2015²².

Para responder a essas indagações diversos pesquisadores se debruçaram na tentativa de mapear e esquadrihar a cidade do Salvador por Zonas no mais variados critérios como os já mencionados: renda, escolaridade, cor da pele, bairro em que reside. Em diferentes pesquisas e utilizando métodos variados chegaram às mesmas conclusões de que os bairros das periferias de Salvador, jovens não brancos, com pouca escolaridade e renda formal abaixo do considerado necessário para viver numa grande metrópole são as vítimas prioritárias da violência urbana, em especial, dos homicídios que ocorrem na cidade do Salvador (COSTA, 2010; ESPINHEIRA, 2005; ESPINHEIRA, SOARES, 2006; NUNES, PAIM, 2005; PAIM et al 2001).

²² - Ver em: <<http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/mapa-deixa-clara-a-concentracao-de-homicidios-em-bairros-pobres>>. Acessado em 31 de março de 2015.

Neste sentido dois estudos se destacam na elaboração da cartografia dos homicídios em Salvador, são eles: *O lugar da violência: tipologias urbanas e violência em Salvador*, do Arquiteto Francisco de Assis Costa²³ e; *Violência e desigualdade social: mortalidade por homicídios e condições de vida em Salvador, Brasil*, dos pesquisadores do Instituto de Saúde Coletiva (ISC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) Adriana Macedo, Jairnilson Paim, Ligia da Silva e Maria Costa, todos os textos foram publicados ou tratam do período anteriores a 2005 a partir da crescente tendência na escala dos homicídios em Salvador, que atinge o seu clímax no biênio 2008/2009 segundo relatórios do Mapa da violência.

Nos estudos realizados por Costa, busca analisar como as dimensões espaciais influenciam na dinâmica dos homicídios em Salvador. Como o lugar pode influenciar/facilitar na realização de tal crime. Os dados utilizados na construção do banco de análise foram retirados dos Boletins de Ocorrência do Departamento de Polícia Metropolitana da Polícia Civil da Bahia, no período que corresponde ao segundo semestre de 2005, foram coletados 499 boletins de ocorrência o que o autor acreditou ser volume significativo e plausível para a construção dos mapas. Uma questão que para Costa se destaca nos boletins são:

Chama atenção o fato de que os dados referentes a roupa da vítima tenham uma atenção maior do que aquela da localização do evento. Por outro lado, ao utilizarem procedimentos informais ou pouco normalizados para preenchimento da ficha de ocorrência, a descrição revela uma leitura particular dos agentes sobre o lugar do homicídio e a cidade. Na falta de recursos para uma localização mais precisa, estes agentes costumam associar o local do homicídio com pontos de referências que podem ser bares, mercearias ou colégios, mas também com áreas de moradia informal, indicando com isto certo palpite sobre possíveis relações espaciais (COSTA, 2005, p. 149).

O que se pode destacar da análise de Costa sobre os boletins de ocorrência são dois pontos: 1 - a atenção dada as roupas que as vítimas²⁴ utilizavam no momento do crime; 2 - Na impossibilidade de identificar o local exato do homicídio os policiais indicavam pontos de referências, que servem como sugestão para um local em que a prática de tal crime seja comum.

²³ - Alguns dos mapas gerados na pesquisa de Costa podem ser vistos nos anexos deste trabalho. Os pontos indicados nos mapas revelam uma alta incidência nos bairros do subúrbio de Salvador, no miolo da cidade e nas regiões litorâneas, nos locais bairros com alta número de crimes violentos noticiados diariamente nos jornais impressos e telejornais de Salvador.

²⁴ - Essas caracterizações das vítimas destacando as roupas utilizadas faz sentido num cenário de crimes violentos como em Salvador, pelo fato de algumas marcas de roupas estarem associadas a pessoas com envolvimento no mundo do crime, as roupas *surf wear*, em especial, no estilo da Cyclone - no período em que foi realizado o estudo. Outro ponto não abordado nesse trabalho, mas que vem gerando polemias e discussões são as tatuagens, pelo fato da Polícia Militar da Bahia divulgar uma cartilha na qual cria um perfil de criminosos baseados nas tatuagens em que as têm. Ver matéria: <<http://www.bahianoticias.com.br/noticia/147232-cartilha-da-pm-ba-que-associa-tatuagens-a-crimes-e-apresentada-a-guarda-municipal-de-salvador.html>>, também: <<http://abordagempolicial.com/2012/05/entrevista-tenente-pmba-alden-cartilha-sobre-tatuagem-e-crime/>>

Com uma abordagem um pouco mais refinada numa pesquisa de cunho sociológico e epidemiológico os pesquisadores do Instituto de Saúde Coletiva realizam pesquisa ambiciosa, buscando na elaboração da sua análise um viés que explique - ou que ao menos almeje uma explicação - a questão da violência urbana, sobretudo dos homicídios como uma questão de saúde pública, sobre isso, os pesquisadores buscam subsídios em afirmações do tipo:

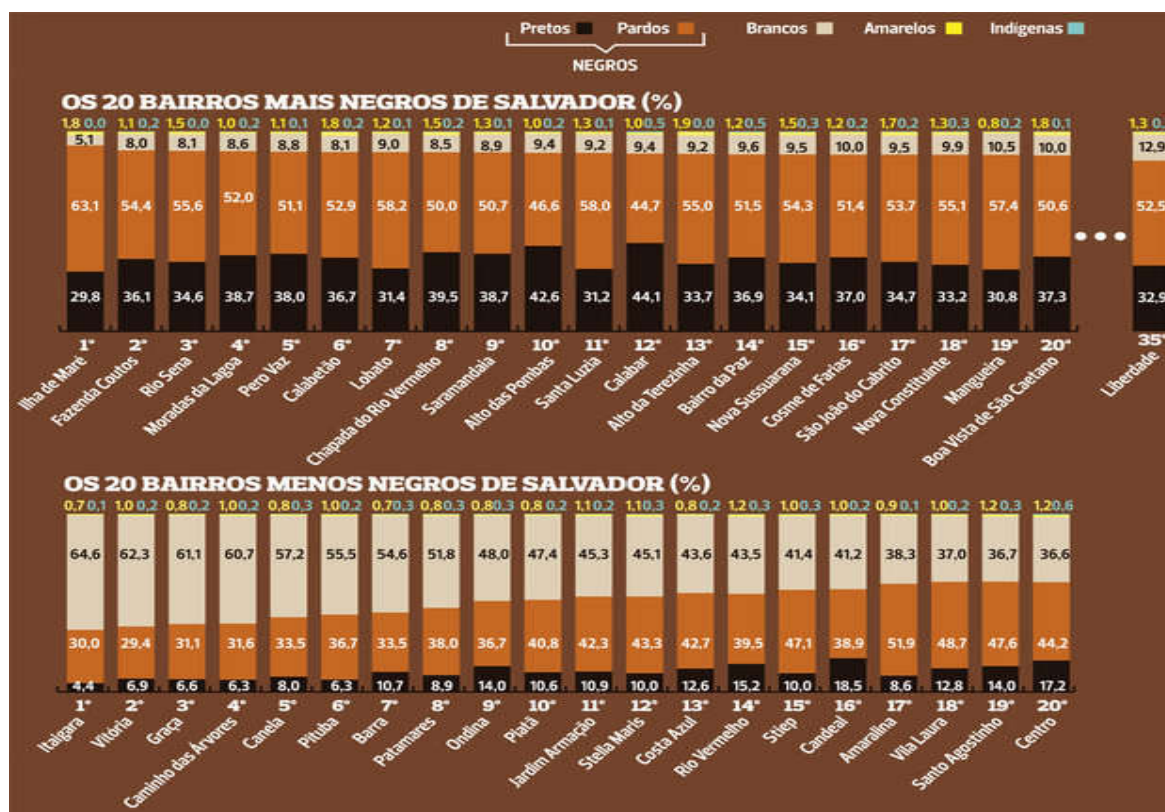
As mortes violentas estão incluídas nas 9ª Classificação Internacional de Doenças (CID-9) da Organização Mundial da Saúde (OMS) sob a denominação 'Causas externas de lesões e envenenamentos'. As taxas de mortalidade por esse grupo de causas apresentam, nas décadas de 80 e 90, elevação em seus valores, passando a ocupar, no Brasil, a segunda posição em relação aos demais grupos (MACEDO et al, 2001, p. 516).

Com uma metodologia clara e objetiva os autores buscaram enquadrar nos seus estudos todas as 75 zonas de informação de Salvador, no período de 1991 a 1994, utilizando a classificação da população a partir das condições de vida da população soteropolitana baseando na renda (capital econômico) e escolaridade (capital cultural), seguindo uma lógica da sociedade de classe as famílias com rendas abaixo de dois salários mínimos são consideradas de Capital Econômico Baixo (CEB), de dois salários até cinco como Capital Econômico Médio (CEM) e superior a cinco salários mínimos Capital Econômico Alto. Na mesma linha de raciocínio o quesito de escolaridade distingue aqueles que têm até sete anos de escolaridade, ensino fundamental incompleto como Capital Cultural Baixo (CCB), de oito a 12 anos de escolaridade, ensino fundamental completo ou médio como Capital Cultural Médio (CCM) e mais de quinze anos de escolaridade como Capital Cultural Alto (CCA). (MACEDO et al, 2001).

Segundo os dados da pesquisa pelo ISC²⁵ quem detêm Capital Econômico Alto e Capital Cultural Alto simultaneamente correspondiam em 1991 a 10,4% das vítimas de homicídio e em 1994 representavam 6,8% das vítimas uma redução de 34,6%. Enquanto a população que se encontra no polo oposto com Capital Econômico Baixo e Capital Cultural Baixo em 1991 representava 30,3% das vítimas passou para em 1994 a 34,7% das vítimas elevando o número em 14,5%. A combinação CEB/CCB era que detinha o maior percentual de vítimas e a única que teve o seu percentual elevado no período estudado.

²⁵ - O gráfico e as tabelas do qual os dados foram extraídos encontram-se nos anexos deste trabalho.

Não seria estranho assumir que os locais enquadrados nas categorias CEB/CCB são os bairros periféricos de Salvador localizados no subúrbio, miolo e no litoral norte da cidade. No dia 20/11/2014 o jornal Correio, em matéria da repórter Thais Borges apresenta um mapa com os 20 bairros mais negros e os 20 mais brancos de Salvador baseados no último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE):



Fonte: Correio, 2014.

É importante ressaltar algumas questões da pesquisa realizada pelo IBGE: 1 - as pessoas que declaram a sua cor/etnia (autodeclaração); 2 - Esses números relativos, é resultado da análise de porcentagem da população no bairro, não números brutos, deste modo, Pernambués seria considerado o bairro mais negro de Salvador com 53 mil habitantes que se autodeclararam pretos ou pardos e representam 82,45% da população de 64.983 habitantes²⁶, número bruto de habitantes superior ao dos primeiros colocados.

Assim fica evidente a manutenção da divisão socioespacial da cidade do Salvador, oriunda do seu processo de povoamento primeiro. A região dos vinte bairros menos negros

²⁶ - Os dados e as entrevistas realizadas para matéria podem ser visto em: < <http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/fazenda-coutos-e-o-bairro-mais-negro-de-salvador-liberdade-fica-em-54o-lugar/>>.

seguem o percurso do centro antigo de Salvador, Barra-Vitória, de Ondina a Stella Maris, a região da Pituba - importante evidenciar, que entre um bairro e outro, ou no outro lado de cada um desses bairros, encontram-se bairros populares -, são espaços de alta concentração de renda de Salvador, residencial ou comercial onde estão localizados a população como perfil CEA/CCA. Enquanto os vinte bairros mais negros da cidade são bairros populares, que pertencem as regiões onde esse estudo foi realizado.

CAPÍTULO 4: JUVENTUDE E PERIFERIA: SOCIABILIDADE E VIOLÊNCIA EM BAIROS POPULARES DE SALVADOR

Antes de apresentar algumas formas de sociabilidade e violências nas quais estão inseridas os jovens soteropolitanos moradores de bairros periféricos, faz-se necessário apresentar de forma breve algumas abordagens as questões elementares para o estudo voltados para juventude, periferias, violência e sociabilidade no Brasil. Por este motivo para quem busca compreender a dinâmica das violências que ocorrem nas periferias das metrópoles do Brasil e do mundo, faz-se necessário observar atentamente a relação dos jovens que habitam as periferias dessas cidades, suas formas de agir, de socializar e interagir com o seu lugar.

Em 2011, a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), publicou o livro *As ciências sociais e os pioneiros nos estudos sobre crime, violência e direitos humanos no Brasil*, organizado pelos pesquisadores da área da violência Renato Sérgio de Lima e José Luiz Ratton. Num texto construído através de entrevista com estudiosos referencia na área da violência, a obra destaca os autores que saíram na vanguarda nos estudos acerca da violência no Brasil em meados dos anos 1970, ainda no regime militar, as dificuldades encontradas para promover essas pesquisas no âmbito das ciências sociais naquele período, ressaltando as principais preocupações sociológicas daquele momento, o período de inflexão dos estudos de violência, criminalidade, política de segurança pública e carcerarea e a retomada nos anos 1990 aos temas impulsionado pelo crescimento exponencial da violência urbana no Brasil, em especial na região sudeste.

Todos os autores contidos na obra produziram textos de referência para os estudos de violência como Julita Lemgruber e o clássico *Cemitério dos vivos: análise sociológica de uma prisão de mulheres de 1976*, foi um dos primeiros estudos realizados no país e leitura obrigatória para quem estuda a questão do encarceramento feminino. Alba Zaluar e seus estudos realizados na Cidade de Deus, materializados em *A maquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza* (1985), fruto de sua tese de doutoramento, que põe em evidencia o crescimento do tráfico de drogas da região e do que chamou do jovem trabalhador-bandido. Luiz Eduardo Soares, um dos mais destacados estudiosos da área de violência e criminalidade, voltado para a questão da violência policial e sistema de justiça brasileiro, com atuação destacada para além da academia, colaborou em seu conhecimento aprofundando na criação de políticas públicas de segurança, atuou como secretário nacional

de segurança pública (2003) e coordenador de segurança, justiça e cidadania do Estado do RJ (1999/março 2000), algumas de suas obras de grande repercussão foram: *Meu Casaco de General: violência e política no Rio de Janeiro* (1996); e *500 dias no front da segurança pública do Rio de Janeiro* (2000).

Embora, o livro Anpocs apresente autores de grande relevância para esse texto, três autores merecem destaque pela proximidade dos elementos estudados que são Edmundo Campos Coelho, Luiz Antônio Machado da Silva e Michel Misse, com destaque para alguns trabalhos destes pesquisadores.

A relevância e profundidade dos estudos desenvolvidos por Coelho no clássico *A oficina do Diabo e outros estudos de criminalidade* (2005), carece de atenção especial, pois a obra póstuma é uma complicação de textos do autor como *A Oficina do Diabo*, *A ecologia do Crime*, *A criminalização da Marginalidade e a Marginalização da Criminalidade*, *Sociólogos, pobreza e Crime dentre outros*. Coube a Machado da Silva redigir texto de introdução, que sintetiza e potencializa o olhar arguto do sociólogo Coelho

Pelo formato de coletânea de pesquisas sobre o crime e o sistema penitenciário, a obra é composta de dois conjuntos de textos: de um lado, diversos artigos publicados ao longo de vinte anos que, descrevem o processo de “construção social do crime”; do outro, como contrapartida a essa série de artigos, encontra-se a análise do sistema penitenciário carioca, a partir de pesquisa de campo realizada em 1983 e publicada em 1987 no livro *A Oficina do Diabo*, também incluído nesta coletânea. Nesse sentido o autor salienta no seu texto que se propõe a inverter a ótica, não se trata mais de saber o que o crime faz com a sociedade, mas, ao contrário, de indagar o que a sociedade faz com o crime e os criminosos.

Na primeira parte de *A Oficina do Diabo*, no capítulo *O Sistema Penitenciário: estrutura e processos*, Edmundo discorre acerca da organização do sistema penitenciário do Rio de Janeiro, dos números acerca da população carcerária, da situação vivenciada cotidianamente na prisão, do ponto de vista dos presos e dos guardas, do regulamento penitenciário e suas imperfeições evidentes quando se almeja uma consonância com a realidade, acerca das carências materiais do sistema penitenciário e, finalmente, sobre a economia delinqüente. Faz uma análise da estrutura do Sistema e o desmonta o melhor entendimento do seu *modus operandi*.

Seguindo a análise de quadros da população carcerária o autor ressalta o regime no qual estão submetidos os internos. Esse varia segundo o tipo de estabelecimento ao qual são encaminhados. Nos presídios, explana Edmundo, o regime é o da “tranca”: o preso só abandona a cela coletiva em situação especial, normalmente após obtenção com “cautela” e quase sempre acompanhado de um guarda. Acreditando que essa classificação se dá pelo grau de periculosidade do criminoso.

Denuncia também o estado de deterioramento da estrutura das prisões, indo das celas aos banheiros, problemas de infiltração, instalações precárias, problemas na organização interna, todo o problema do sucateado sistema penitenciário. Onde o autor nos diz que desenvolveu-se dentro de cada penitenciária um sistema de economia que é ilegal e irregular, surgindo devido ao fato de o Estado não atender às necessidades básicas dos internos. Nesse sentido, exemplifica o autor, que vende-se e compra-se de tudo, empresta-se dinheiro, penhoram-se objetos os mais variados, produzindo uma economia delinquente.

Em *A criminalização da Marginalidade e a Marginalização da Criminalidade, Sociólogos (1978)*, Coelho se debruça acerca da "violência das ruas", roubos, latrocínio, lesões corporais dolosa e homicídio doloso, estes tipos foram escolhidos pelo grau de violência inerente ao crime e pela capacidade de generalização e medo que aflige a sociedade. Salienta a cerca da escola dos termos marginalidade e das possíveis disposições ideológicas relacionadas ao termo, sobretudo se levar em consideração que as formas de violência esta relacionada ao ambiente urbano. Busca a partir de um conjunto de dados apresentados em tabelas que tentam relacionar os tipos de violências mais comuns numa linha temporal, no grau de desenvolvimento urbano, tamanho da população, zona de residência e infrações cometidas por zona de ocorrência, vulnerabilidade social (pobreza), os números de presidiários, causas da detenção, classe social do preso. Inevitavelmente, criou-se o perfil socioeconômico do marginal e do criminoso, jovens pobres com pouca escolarização, sem uma especialização profissional, moradores de regiões pouco aparadas pelo estado, com família pouco estruturada e sem condições de ofertar educação, saúde e lazer.

Entretanto, Coelho, preocupasse em problematizar as premissas da pesquisa, mesmo adotando uma concepção comum a época que criava um nexos causal entre marginalidade social e criminalidade. Conclui que a sociedade brasileira marginaliza a população em situação de vulnerabilidade social, destacando que o código penal vigente a época e que seguia uma tradição jurídica de penalizar (estigmatizar) os jovens pobres que não conseguem

se inserir no mundo do trabalho formal, chegando a criminalização dos que vivem a margem da sociedade, num sistema social excludente como o brasileiro.

Em 1980, apresenta trabalho *Sobre sociólogos, pobreza e crime*, na 32ª Reunião Anual da SBPC, na mesa Violência na Cidade, na qual critica as contribuições dos cientistas sociais nos estudos voltados para a questão da violência urbana seja pela produção acadêmica ou pela abordagem ideológica que se faz dessa questão e das relações causais que não convergem na realidade social ou se sustentam ao escrutínio do rigor metodológico do fazer sociológicos.

Michel Misse, quinze anos após, a chamada atenção de Coelho para as pesquisas acerca da violência nas ciências sociais, participa no seminário Violência e participação social no Rio de Janeiro, na IUPERJ em 1995, resultando no texto *Cinco teses equivocadas sobre a criminalidade urbana no Brasil*: uma abordagem crítica, acompanhada de sugestões para uma agenda de pesquisa. de forma sucinta as cinco teses equivocadas são: A pobreza como causa da criminalidade, ou aumento da violência urbana; a construção idílica dos bandidos nas áreas urbanas pobres, na época o bandido Robin Hood ou justiceiros que busca o bem comum da comunidade; a criminalidade urbana carioca está relacionada diretamente aos moradores dos morros, das favelas, dos capoeiras, dos quilombos como "estratégias de resistência" dos negros e mulatos produzindo a "ética da malandragem", mas que se enquadrar no tipo vadio na qual população afro descendente como criminoso, alimentando o estereótipos do negro e mulato malandro e criminoso; O aumento da violência está relacionado também ao processo de migração de pobre e negros da região norte e nordeste do país para as grandes metrópoles, numa situação de miséria e vulnerabilidade social o crime torna-se um caminho natural; por fim, a apropriação ideológica acadêmica que acredita que o aumento da violência esta relacionado ao aprofundamento da luta de classes.

Luiz Antônio Machado da Silva, durante mais de três décadas se debruçou acerca dos estudos voltados para a violência urbana na cidade do Rio de Janeiro e região metropolitana, buscou principalmente estudar questões relacionadas a sociabilidade e a linguagem da violência, como esses mecanismos de interação social (re)produz cenários de violência em certos locais e com parcelas específicas da sociedade carioca. Em *Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano* (2004), Machado da Silva, busca de uma forma geral, esboçar uma noção de sociabilidade violenta, da representação social da violência urbana no Brasil, ressaltado a dificuldade que os cientistas sociais tem de apreensão desta realidade. Problematiza a abordagem que aposta na

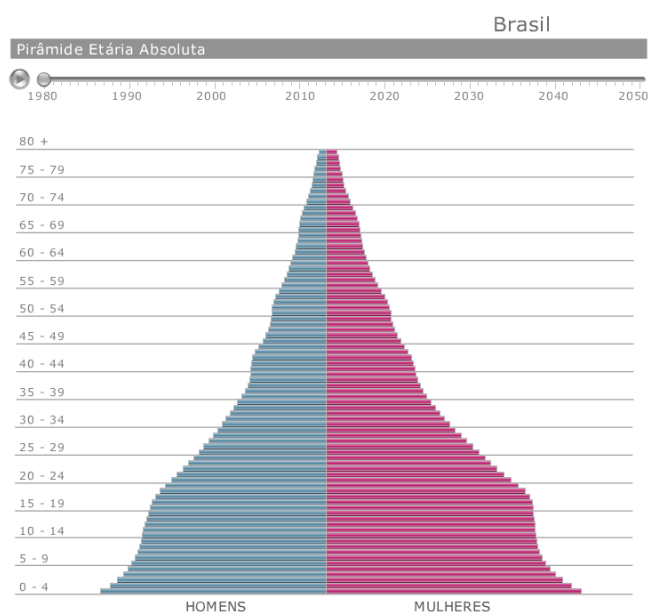
intervenção "corretiva" das instituições do estado, no que diz respeito ao controle da violência, com a intenção de reorganizar a norma social e reconstituir o tecido social capaz de diminuir a tensão social e produzir uma sensação de segurança, mas que propõe que as ações sejam voltadas para uma interação mais próxima entre as instituições do estado no geral, produzindo uma confiança mútua para construir pontes na realidade social.

Com base nessa realidade social e no processo de construção de uma representação social da violência que os jovens moradores de bairros periféricos são facilmente tipificados marginalizados, além de estarem sujeitos a um processo de sociabilidade violenta, na qual o estado chancela práticas violentas de seus agentes ou tolera a violência como linguagem capaz de resolver o conflito em áreas de vulnerabilidade social. Neste sentido, os estudos voltados para a questão da violência urbana no país, observam que a maioria dos homicídios dolosos são consumados por arma de fogo e que as vítimas são os jovens.

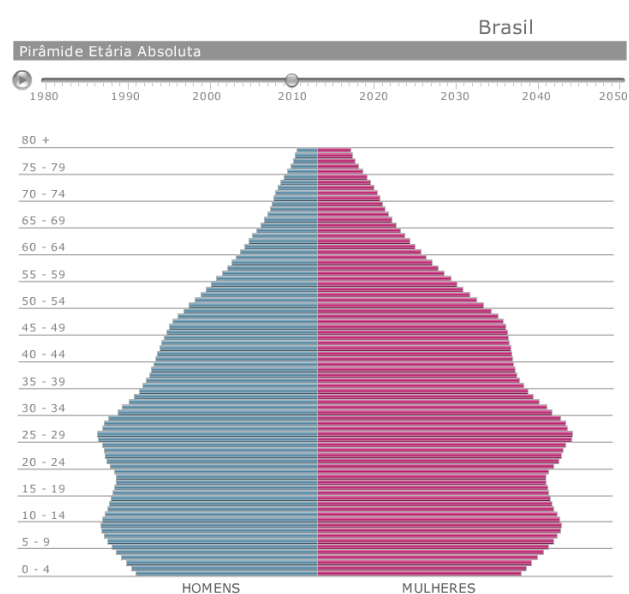
Segundo os estudos realizados pelo pesquisador Julio Jacobo Waiselfisz no trabalho: *Mapas da Violência* (2013), num período de 30 anos os homicídios por arma de fogo:

entre 1980 e 2010, perto de 800 mil cidadãos morreram por disparos de algum tipo de arma de fogo - AF. Nesse período, as vítimas passam de 8.710 no ano de 1980 para 38.892 em 2010, um crescimento de 346,5%. Temos de considerar que, nesse intervalo, a população do país cresceu 60,3%. Mesmo assim, o saldo líquido do crescimento da mortalidade por armas de fogo, descontando o aumento populacional, ainda impressiona, como será visto adiante, no tratamento das taxas de mortalidade. Entre os jovens de 15 a 29 anos esse crescimento foi ainda maior: passou de 4.415 óbitos em 1980 para 22.694 em 2010: 414% nos 31 anos entre essas datas (WASELFISZ, 2013, p. 9).

Seguindo o recorte temporal feito por Waiselfisz, evidencia-se que a partir dos anos 1980 existe um crescimento exponencial da violência urbana no Brasil. E os crimes contra vida por intermédio da utilização de arma de fogo aumentou aproximadamente 350%. Sendo a parcela mais jovem da população que mais fomentou o aumento desses homicídios por arma de fogo com crescimento de 414%. O que não se justifica pela tese de que nesse mesmo período a população brasileira cresceu em torno de 60%, quando a pirâmide etária da sociedade sofreu alterações significativas, segundo dados do IBGE nos diz que o país está em transformação deixando de ser uma população de jovens para uma sociedade madura, com projeção para envelhecimento, com aumento da idade média dos seus habitantes.



Fonte: IBGE, Censo 2010.



Fonte: IBGE, Censo 2010.

os gráficos acima representam a pirâmide populacional brasileira segundo o IBGE, como resultado do censo de 2010. a primeira pirâmide representa a população brasileira nos anos 1980, numa relação quase simetria entre homens e mulheres com a base da pirâmide representada por crianças e jovens. Enquanto na segunda pirâmide que representa a sociedade brasileira em 2010, há um notório envelhecimento da população que tem uma parcela significativa de jovens e adultos, ressalta-se que de 0 a 14 anos a população de homens e mulheres são simétricas, após os 14 anos o numero de mulheres superam o de homens por todo gráfico.

Preocupado os números e as constatações do crescente numero de homicídios no Brasil, Waiselfisz, busca analisar os homicídios e a questão etária no *Mapa da Violência 2014 os jovens do Brasil*, diz:

A partir dos 13 anos de idade: as taxas pulam de 4,0 homicídios por 100 mil para 75,0 na idade de 21 anos. A partir desse ponto, há um progressivo declínio. Nessa faixa jovem, são taxas de homicídio que nem países em conflito armado conseguem alcançar. (WASELFI SZ, 2014, p. 13).

As taxas representam o crescimento dos homicídios em que a população jovem do Brasil é alvo, fica evidente no estudo que entre os 16 e os 23 anos são os anos mais perigosos dos jovens do país, aos 16 a porcentagem de jovens mortos é de 42,2/100 mil habitantes, aos 23 quando de fato começa o declino é de 73,1/100 mil, o ápice encontra-se nos 20 anos com taxa de 76,3/100 mil habitantes.

Salvador, como já apresentado, está entre as cinco capitais mais violentas no Brasil e a Bahia como o 4º Estado mais violento, com cidades como Simões Filhos, Camaçari, Dias D'Ávila, Alagoinhas e outras cidades da Região Metropolitana da capital entre as 60 mais violentas do país. Por esse motivo não alinhado as questões socioespaciais, desigualdade social que essa pesquisa busca compreender a dinâmica dos crimes violentos que ocorrem nas periferias da cidade.

Entretanto, a realidade social, dinâmicas de interação e formas de sociabilidades existentes nas periferias de Salvador são diversas. Cada lugar guarda suas especificidades, inclusive nas formas de gestão de situações que envolvem crimes violentos, tráfico de drogas e comercialização de produtos ilícitos²⁷. Desde modo, bairros que historicamente povoam o imaginário social da sociedade soteropolitana como lugares violentos, reduto de marginais, traficante e ladrões de todas as espécies e estampam as manchetes de jornais cotidianamente como: Liberdade, Cosme de Farias, Nordeste de Amaralina, Bairro da Paz e Paripe, tem suas nuances seja no quesito espacial ou nas formas principais de sociabilidade violenta. Partindo desse pressuposto faz-se necessário uma breve apresentação da estrutura geográfica de um bairro popular de Salvador e a forma como é ocupada pelos seus moradores.

4.1 SALVADOR ENTRE BECOS E VIELAS

A ocupação de Salvador foi influenciada diretamente pela composição geográfica da cidade, que é famosa por ser dividida historicamente em cidade alta e cidade baixa, por isso, organização espacial e o desenvolvimento dos bairros periféricos também foram influenciados por estas questões. Uma das formas de observar as divisões espaciais dos bairros periféricos é a forma singular, como são dispostas as áreas comercial e residencial destes bairros.

Para os moradores de bairros populares as divisões do bairro e a localização das ruas dá-se da seguinte forma: ruas de cima e ruas de baixo ou ruas de frente e de trás. Por motivos geográficos, os terrenos acidentados, as ocupações para moradia, distribuição dos espaços comerciais e lazer dão-se da seguinte forma: na rua principal, geralmente uma rua direta²⁸,

²⁷ - Por isso, embora o título deste trabalho *A morte como um espetáculo: a construção homicídios nas periferias de Salvador*. A pesquisa trata de um local específico, que será devidamente ambientado no decorrer do texto.

²⁸ - Para um estudo mais específico acerca dessas questões da rua direta, estabelecimentos comerciais e segregação sócio-espacial ver: REIS, Vilma. *Atocaiados pelo Estado: as políticas de segurança pública implementados nos bairros populares de Salvador e suas representação, 1991-2001*. 2005. 247 f. Dissertação

com passagem de ônibus, quase sempre tendo o seu limite no final de linha dos ônibus onde se encontram os estabelecimentos comerciais e locais de lazer, com poucas casas residenciais dado o valor elevado do imóvel por causa da especulação imobiliária e a localização favorável ao comércio (REIS, 2005). Por isso, as melhores casas residenciais localizam-se em ruas adjacentes com entrada direta para rua principal, que são conhecidas como as ruas de cima (ou de frente). À medida que as casas se afastam da rua principal em direção as ruas de baixo (ou de trás) notam-se diferenças visíveis na estruturação das casas, na distância que vai diminuindo entre uma propriedade e outra – não raro, as casas dividem paredes -, na pavimentação das ruas e na acessibilidade – ruas de chão batido, sem esgotamento e que não podem trafegar carros - e o acesso dos moradores ao comércio e mesmo tarefas que parecem simples como pegar um ônibus coletivo para ir ao trabalho ou estudar torna-se grande empecilho dado ao afastamento, além enfrentarem ladeiras enormes e escadarias. Fato que dificilmente passaria despercebido a um observador ou curioso da realidade sócio-habitacional soteropolitana.

As distribuições espaciais e demografias dentro dos bairros de Salvador não demonstram apenas explicitamente a forma diferenciada do Estado de assistir aos seus cidadãos, mas na diferenciação da forma de sociabilidade dos moradores de um mesmo bairro a partir da localização de suas residências. Fato é que os moradores das ruas de cima não conhecem as ruas de baixo, quando não conhecem nenhum morador das ruas de baixo. Desconhecimento esse que se inverte, pois os moradores das ruas de baixo que precisam tomar o ônibus nas ruas de cima, fazer compras e buscar lazer na parte alta do bairro, geralmente no final de linha. Por causa dessa diferença geográfica e espacial, as ruas de baixo dos bairros são conhecidas como baixadas ou invasão – por causa da sua forma de ocupação irregular dos terrenos – ou por nomes genéricos como: inferninho. A despeito dos nomes das ruas como são localizadas as residências das ruas de cima.

Nos bairros soteropolitanos não há apenas diferenças espaciais como rua de cima e baixo ou de sociabilidade entre os seus moradores, a principal diferença vivenciada entre os seus moradores são as formas de sociabilidade e delinquência e o grau de violência (letal) em que seus moradores estão submetidos. Nas ruas de baixo é onde se encontram geralmente as bocas de tráfico ou são locais de desovas de veículos roubados, ponto de interceptação de produtos contrabandeados e local estratégico para estocar produtos de origem duvidosa. Isso

se da pelo fato da localização e acessibilidade em que geralmente carros têm dificuldade para adentrar e porque são locais desconhecidos da maioria dos moradores, tendo o percurso a ser trilhado como um labirinto, com muitas ruas entrecortadas, escadarias e ladeiras. Dificultando o acesso das pessoas que não sejam moradores ou conhecidos da região circular sem parecerem perdidos entre os becos.

Por este motivo, podem-se considerar estas zonas esquecidas pelo Estado em sua atuação basilar como guetos²⁹, na perspectiva de Wacquant que resgata o termo ao conceito original: “o gueto é uma forma urbana específica que conjuga os quatro componentes do racismo recentemente repertoriados por Michael Wievorka – Preconceito, violência, segregação e discriminação – e os imbrica numa mecânica de exclusão total.” (WACQUANT, 2008,p.18). Na tentativa do autor de resgatar a essência do termo, pois segundo Wacquant, na França e em outros países da Europa pós- *welfare state*, muitos teóricos passaram a utilizar este termo para bairros de maiorias étnicas ou nos subúrbios das grandes cidades, no entanto, apesar dessa questão ser importante nos estudos de cidade e demografia populacional ao generalizar o termo esvazia o conceito e tira os pontos centrais: raça e exclusão social. Essa é uma questão importante a ser estudada por pesquisadores das áreas das ciências humanas nos estudos de periferia, violência, segregação racial e espacial, pois apesar de distante desta discussão atualmente nas periferias de Salvador, nos discursos dos movimentos sociais aparecem referências as nossas periferias os termos favela³⁰ e comunidade³¹ que traz consigo outras discussões e representações sociais, bem como, estigmas presentes nos discursos dos movimentos sociais e nas respostas do poder estatal que tomam esses termos como sinônimos.

Na tentativa de apresentar os meios de sociabilidade e as formas de delinquência praticadas por jovens soteropolitanos localizados no subúrbio de Salvador, em especial, os moradores das ruas de cima, suas formas de sociabilidade, lazer e consumo serão evidenciadas a partir da narrativa etnográfica de uma personagem ícone de ousadia e

²⁹ É importante apresentar ao leitor o conceito de gueto de Wacquant na polemica em que o autor se envolveu nos primeiros anos do século XXI, pelo uso do termo gueto, de forma genérica, retirando do conceito o seu aspecto racial e a lógica de exclusão social do Estado para parcela de sua população que foi esvaziado teoricamente por acadêmicos nos anos pós-*Welfare State*. Ver: WACQUANT, Loic. As duas faces do Gueto. São Paulo: BoiTempo, 2008. 156 p.

³⁰ Favela, termo cunhado para representar as habitações irregulares, sem planejamento na cidade do Rio de Janeiro a partir do ¼ final do século XIX, existe literatura sociologia, antropológica, das áreas de arquitetura, geografia e urbanismo acerca da questão.

³¹ Comunidade, bem como favela, é um termo amplamente utilizado pelos movimentos sociais de São Paulo para representar os seus bairros pobres, sejam eles do centro ou do subúrbio da cidade. Existem também literaturas específicas sobre o tema.

irreverência, que surge como espelho para os meninos envolvidos em práticas delituosas, um verdadeiro herói para os meninos das ruas de cima, na tentativa de ostentar sua masculinidade perante as garotas dos bairros e os seus pares.

Um dos pontos que mais se evidencia a uma pessoa que apenas observa a aparência exterior das casas nos bairros populares de Salvador – sobretudo se não for um morador local – é o contraste evidente na aparência das casas entre o lado interior e exterior. Nas periferias muitas casas possuem reboco apenas na parte da frente, onde fica localizada a porta de entrada. As paredes laterais e do fundo apresentam-se no vermelho ressecado dos blocos ligados a massa de cimento. Por outro lado, no interior das casas, encontram-se pisos em porcelanato, aparelhos de som potentes para casa e carros (LG ou Sony 2000w), computadores, mas principalmente tevês de última geração (LCD ou LED de 32',42' até 51), fogão e geladeiras novas. De uma forma ou de outra, os moradores do subúrbio ou periferias de Salvador, nos últimos anos aumentaram sua renda e o seu poder de consumo, isso deve pela popularização das linhas de crédito e o aumento da capacidade de endividamento das pessoas. E o seu poder de consumo converte-se especialmente em eletrodomésticos – no caso dos provedores do lar – enquanto que para os jovens do sexo masculino o dinheiro extra serve para adquirir seus automóveis – geralmente em motocicleta – ou em roupas de grife e seus colares de prata (no novo fenômeno de ostentação juvenil). De uma forma ou de outra, a sociedade soteropolitana arruma meios para consumir seus produtos eletrodomésticos e dar algum luxo as suas vidas, por vezes, esquecidas nas periferias da cidade.

Existem inúmeras práticas para acesso a bens de consumo de massa que são incentivadas e postas como, absolutamente, necessários para se viver em sociedade, sobretudo nas periferias das sociedades em desenvolvimento. O ponto de partida para o surgimento de estratégias para uma sociedade consumista foram às transformações no mundo do trabalho, depois do *Welfare State*, nas sociedades ocidentais, como Estados Unidos e Reino Unido (GARLAND, 2008; WACQUANT, 2001) com seus avanços e melhorias que chegaram tardiamente na América Latina e fez surtir os seus efeitos nas periferias dos grandes centros urbanos de todo o mundo. Sobretudo nas mudanças dos meios de pagamento, com a criação do sistema de créditos, em especial, o cartão magnético, que ofertou aos “trabalhadores” poder de compra em curto prazo, maior alargamento no seu poder de compra.

Na contramão das alterações sofridas no mundo do trabalho, da economia e na oferta de crédito, a população que vive na periferia, que não tem sua força de trabalho valorizada,

nem é considerada especializada, com ganhos ínfimos para vender o seu labor nos grandes centros, nas multinacionais e nos bairros nobres, criam mecanismos de acesso aos bens de consumos propagados como essências para se viver em sociedade. Duas estratégias de consumo despontam nos finais dos anos 1990 e início dos anos 2000 na sociedade soteropolitana.

A primeira estratégia utilizada, preferencialmente por trabalhadores de carteira assinada - que fazia sentido na sociedade brasileira, numa cidadania regulada pelo trabalho, pelo vínculo empregatício (SOUZA, 2004) até início dos anos 2000 -, pois possuíam renda fixa e documentos que comprovavam sua renda (contracheque) lhe garantiam de certo modo o status de cidadão. Os trabalhadores tentavam conseguir cartões de créditos de diversas financiadoras e os dividiam de forma a ter um limite confortável em 1 ou 3 cartões, desta forma utilizavam 1 cartão para os gastos do dia a dia, e com os outros estouravam (gastavam todo o limite e não pagavam). Com isso o seu nome parava no SPC ou Serasa, que trava o seu nome como mau pagador e o indivíduo não tem acesso as linhas de crédito por 5 anos, findado este tempo limite, o seu nome é “limpo” e pode-se fazer empréstimos em bancos, abrir crediários e tentar fazer novos cartões. Por outro lado o nome “sujo” não exclui os créditos do cartão que a pessoa já tem. Por isso é importante manter sempre um cartão pago em dia. Este tipo de acesso a crédito não oferece grandes riscos ao emprego ou a segurança da pessoa. No limite, gera algum prejuízo para financiadora.

No segundo caso, os indivíduos conseguem dinheiro através dos “bodes”, formas de obtenção de produtos de diversos setores por uma via informal. As formas mais comuns são de indivíduos que são representantes de algum produto, negociar com um comprador final uma espécie de contrato de exclusividade ou de uma quantia fixa, por remessa do produto em troca de desconto ou de unidades para si, para que seja revendida no varejo. Ou quando o empregado não possui vínculo formal com a empresa (carteira assinada) e trabalha, em especial, nas áreas de carga/descarga ou na conferência de grandes empresas do varejo, trabalhadores descobertos de qualquer garantia tentam lucrar o máximo possível, desviando pequenas quantidades em cada remessa que será comercializada por estes em seus bairros mobilizando uma rede de receptadores fixos e flutuantes dispostos a pagar em média 50% do valor do produto na loja, à vista para o atravessador.

Como morador e frequentador desse bairro periférico nunca me foi estranho oferta de produtos como roupas de grifes, eletrônicos e eletrodomésticos com certa facilidade, ou mesmo, acesso a tevês a cabo piratas (gatos) ou internet na mesma modalidade.

4.2 JUVENTUDE, SONHOS E CAMINHOS

Com o objetivo de tratar algumas das mais variadas formas de sociabilidade e delinquência existente nas periferias de Salvador, mesmo sem umnexo causal imediato, mas que se explica pelos índices elevados de violência praticada por jovens nas grandes cidades, bem como ser o jovem a vítima preferível dos homicídios e de compor uma parcela significativa da população carcerária brasileira, o prestígio social no qual os jovens envolvidos em contravenções, furtos e roubos, expressos pelo consumo exacerbado de bens que geral status entre si como motos, jóias e roupas aquecem a economia delinquente.

Ao contrário do que o imaginário social e o senso comum alimentado por notícias de violência nos jornais e telejornais soteropolitanos, os jovens que se relacionam com essa economia e orbitam no mundo da criminalidade, nem sempre tem uma relação direta das suas atividades criminosas com o tráfico de drogas, alguns bairros inclusive são famosos em salvador por modalidades específicas de crimes que não são relacionados ao tráfico e são anteriores a relação posta entre juventude, tráfico de drogas e homicídio, como relata a jovem empreendedora.

No meu bairro, eu não via falar muito de tráfico de drogas não. Aqui tem, mas não via essa coisa associada a essa violência. Aqui no bairro roubo de moto é muito comum... todo mundo sabe que aqui... tem uma quadrilha que rouba moto. Todas as oficinas desmancham motos. Todo mundo sabe, os meninos crescem já sabendo fazer, aprendem de pequeno (risos). E o pior, bem no coração do bairro tem uma delegacia de polícia.
Comerciante, R, 25 anos

Segundo o relato da interlocutora R., que mora num bairro considerado violento, muito populoso, onde o tráfico de drogas não detém o destaque que povoa o imaginário social sobre a violência nas periferias, nem preenchem o tempo e as páginas dos meios de comunicação de massa. Como em muitos outros bairros, este que é considerado um dos pontos de interseção mais importantes do Covil³², existe o tráfico de drogas há muitos anos. Mas este não é a forma de ilícito que mais atraem os jovens das redondezas. Contudo, não

³² - o Covil é um nome fictício para um local de concentra violência nos bairros estudados para deste trabalho, será apresentado num capítulo específico.

tenho objetivo de dizer que o tráfico nesta região não possui sua parcela significativa de membros, ou que é uma sombra na gestão da violência local, ao contrário o tráfico mesmo não sendo a atividade delituosa mais praticada no bairro possivelmente seja a mais rentável e um potencializador dos crimes violentos na região.

Neste local específico por ser um bairro que serve de passagem de pessoas de um lado a outro da cidade, com mais de uma saída e para pontos distintos essa região se tornou um ponto satélite para os moradores das redondezas se reunirem nos momentos de lazer. Como é um bairro populoso com aproximadamente 400 mil habitantes somando os bairros agregados mais a população flutuante. Atua também como um *shopping center*, um local de compra e venda de produtos, seja ele forma ou informal, por esse motivo não é difícil um transeunte se deparar com ofertas de produtos ilegais. Como já falado é um local de passagem que ligam diversos pontos diferentes da cidade uma das coisas que mais se encontra no local são mototaxis que levam as pessoas a todos os locais, pois dado as sérias questões de mobilidade urbana de Salvador, exceto final de semana e feriados, as pessoas levam em torno de 30 minutos a 60 minutos para passar no bairro de ônibus. O mototaxis tornou-se um meio de deslocamento rápido e relativamente barato a depender de onde se quer chegar e sua urgência.

Então, eu moro num bairro adjacente, um pouco mais para o fundo... fiz o meu ensino fundamental e médio no final de linha desse bairro que tem uma grande oferta de escolas para atender um grande público. Para mim o final de linha, que é uma praça parecia que era festa todo dia, muitos bares e muitas... muitas motos mesmo. Muita alegria. R, 25 anos

Como é explícito na fala da interlocutora R, de 25 anos, não é novidade para nenhum morador do bairro que naquele local se rouba motos, tem oficinas de desmanche e é um local de vendas deste produto. No entanto para os moradores o final de linha ou praça do bairro é um local de lazer, diversão 24 horas com os bares sempre abertos e as ruas tomadas por motos. O que explica o motivo dessa prática ilícita chamar tanto a atenção dos jovens. Contudo, não é apenas de festas, bares e motos que alimentam os sonhos delinquentes dos jovens desses bairros, todos eles almejam se tornar conhecidos, deixar sua marca, ter seu nome gravado na memória social da sua rua, do seu bairro, do seu lugar. Por isso nada melhor do que apresentar o nome que transcendeu o seu tempo e sua vida, tornou-se uma lenda e a meta para cada um dos jovens que vivem esses sonhos.

CAPÍTULO 5: OS TIPOS MATÁVEIS OU POR UMA MORTE CONCORRIDA

O objetivo deste capítulo é abordar a partir do conhecimento adquirido no campo por meio de entrevistas e conversas informais dos tipos de sujeitos ou atores sociais que mais morrem ou têm suas vidas ceifadas pela criminalidade urbana. Deste modo, encontram-se caracterizados a seguir alguns dos principais tipos de vítimas que têm suas mortes aceitas pelos costumes locais ou justificadas por acordo tácitos amparados na lógica do bem-comum, da harmonia no lugar. Por fim, serão apresentados alguns casos narrados pelos entrevistados.

Para a construção teórica dos tipos matáveis nos guetos existentes nas periferias de Salvador, faz-se necessário a divisão deste texto em três momentos: 1 - explicar a formulação de tipologias; 2 - construção teórica dos tipos, alicerçados nos dados obtidos no campo de pesquisa; 3 - buscar afinidades entre os tipos e a forma como está estruturada essas divisões.

Durante a investigação de campo os tipos matáveis se destacavam nas falas das inúmeras pessoas com quem o pesquisador esteve em contato. Em cada oportunidade esses tipos apareciam, seja numa situação de assassinato durante a perseguição aos corpos tombados no asfalto, nas notícias de morte ou comentários sobre as vítimas. Todas as narrativas de mortes eram interrompidas abruptamente por questionamentos como: *"Ele estava roubando?"*, *"Tinha envolvimento (com o tráfico de drogas)?"*, *"Alguma coisa ele fez, ninguém morre de graça. Depois vamos ficar sabendo direito essa história"*. Mesmo nestas poucas perguntas soltas encontram-se presentes os sinais que estigmatizam as vítimas ou o seu perfil, que como abordado anteriormente são de jovens negros, o destaque fica para o discurso que responsabiliza a vítima (in)diretamente, pois o assassinato seria uma reação esperada as suas ações neste lugar.

Guiando-se pelas narrativas de morte corrente nos bairros periféricos de Salvador encontram-se os seguintes tipos matáveis: ladrão, estuprador e traficante. Esses tipos serão discutidos após a breve explicação do que é compreendido por tipologias neste texto.

A tipologia emerge da necessidade do pesquisador delinear um objeto de estudo, a forma como a pesquisa será construída e os mecanismos de apreensão da realidade estudada. Tipologia é necessariamente a escolha do tipo de pesquisa e sua metodologia, se de caráter mais qualitativo ou quantitativo. Para isso o pesquisador deve criar uma espécie de tipo ideal, que busca explicar objetivamente ou facilitar o entendimento do pesquisador sobre determinado fenômeno, acontecimento ou atores sociais. Por tipo ideal nos diz Weber:

É formado pela acentuação unilateral de um ou mais pontos de vista e pela síntese de um grande número de fenômenos concretos individuais, difusos, discretos, mais ou menos presentes e ocasionalmente ausentes, os quais são organizados de acordo com os pontos de vista unilateralmente acentuados numa construção analítica acentuada. Em sua pureza conceitual, essa construção mental não pode ser encontrada em parte alguma da realidade. (GIL, 2008, p. 21 apud WEBER, 1949, p. 90).

Antes de seguir para explicação do que se entende por cada um dos três tipos matáveis e suas nuances, faz-se necessário uma explicação conceitual do que se entende por tipos matáveis? E de como foram elaborados conceitualmente. Quando o pesquisador se questiona acerca da elaboração de tipos matáveis, necessariamente ele se põe num dilema encontrado nos discursos dos seus interlocutores: quem pode ser morto? E quais os significados desta morte nesse contexto social?

Para explicar essa questão, embora em outro contexto e numa outra perspectiva, mas que se supõe uma analogia necessária e precisa para explicar quem pode morrer, o filósofo do direito Giorgio Agamben constrói sólida discussão sobre a temática, em especial na sua obra *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua* (2007). Com um título imponente, que de certa forma, deve ser explicado, mesmo com brevidade.

Por *homo sacer* entende-se no primeiro momento como vida sagrada, enquanto que poder soberano diz respeito ao domínio ou poder exercido sobre esse corpo sagrado e a vida nua, nada mais é do que uma vida esvaziada, despida dos seus direitos de viver. Entretanto, observa Agamben que o *homo sacer* é entendido como aquele destinado aos deuses, por isso, a sua vida quando retirada não pode ser evocado por parte do seu algoz como um sacrifício, ao mesmo tempo, aquele que tira a vida do *homo sacer* não pode ser punido.

Outra interpretação possível é de que o indivíduo chamado de *homo sacer*, não seja divino na sua acepção de pureza, ao contrário, este poderia ser considerado um impuro e por isso um banido, estando fora das instituições que ordenavam a vida social daquele período como o direito e a religião, o *homo sacer* se encontraria num vácuo social, na fronteira entre o puro e o impuro, não sendo um deus e não tendo a sua humanidade reconhecida. Acerca desta questão Durkheim chama a atenção em *As formas elementares da vida religiosa* (2000), para o caráter dual da sacralidade que confirma a lógica proposta, pois o que é sagrado num dado contexto pode ser considerado impuro em outro. Nas palavras de Agamben (2007, p. 90): "o *homo sacer* pertence ao Deus na forma da insacriabilidade e é incluído na comunidade na forma da matabilidade. A vida insacriável e, todavia, matável, é a vida sacra".

Com o avançar da obra Agamben apresenta uma discussão que trata de uma questão chave para este trabalho: as vidas que não merecem viver. Sobre isso, o autor argumenta que a partir da publicação *A autorização do aniquilamento da vida indigna de ser vivida* em 1920 criadas por Karl Binding (jurista) e Alfred Hoche (médico) - neste instante apresenta-se um novo arranjo para tratar do direito de vida e morte, pois no direito romano arcaico as normas de vida e morte eram regidas pelos prismas do direito e da religião, no contexto da vida secularizada e com a criação dos estados modernos a medicina assume o papel da religião -, os autores tratavam de uma questão específica para a vida e morte, na essência buscavam a vontade de viver como resposta para quem deve viver, tinham como objeto de estudo a eutanásia.

Em Binding e Hoche os pacientes que adquiriram ou nasceram com doenças psicológicas que viviam em manicômios, com casos clínicos considerados incuráveis, caso expressam o desapego a vida ou vontade de morrer, mesmo um parente próximo autorizando ou a partir de uma avaliação do médico responsável, o caso clínico do paciente passaria por uma avaliação de uma comissão formada por um médico, um psiquiatra e um jurista para deliberar. Desta forma na sociedade contemporânea surge um precedente para uma nova forma de politizar a morte.

Essa nova política que visa decidir pelo direito de vida e de morte sem responsabilizar juridicamente aquele(s), que sacrifica uma vida configura-se com uma nova forma de exceção. Com o avanço nos meios tecnológicos que são incorporados por toda a sociedade a medicina encontram meios de ofertar tratamentos que garantem a vida do paciente ou mesmo prolongar o estado de vida. Neste âmbito, os estudos realizados com pacientes em estado de coma elevam-se a uma nova categoria o coma no qual o paciente permanece vivo com o auxílio dos aparelhos, o que retorna a questão primeira de quem merece viver e novamente surge outro precedente para uma nova categoria de pessoas matáveis.

Com o surgimento desses precedentes legais Agamben busca uma explicação numa nova lógica de controle da vida a partir da biopolítica, que se expressa pelo fato de que a vida e a morte são categorias das ciências biológicas, entretanto, são também conceitos políticos e tem os seus valores alterados a partir do seu contexto social.

O estado de exceção, isto é, a capacidade de arbitrar os conflitos sociais pelo direito de vida e de morte, alicerçados nos precedentes legais, legitimados pelo direito e pela medicina. Agamben escreve na obra *Estado de Exceção* (2003), na qual define-o como o limite entre a

política e o direito. Por isso, pode ser entendido de duas formas diferentes: estado de exceção momentâneo, por uma questão política, por exemplo, situação de guerra. Ou quando há um esvaziamento jurídico do indivíduo com relação ao seu direito de viver, o exemplo abordado pelo autor é baseado na experiência do Nazismo durante a primeira metade do século XX na Alemanha.

A partir dessas duas perspectivas, o estado de exceção pode ser considerado real ou fictício (fabricado para agir em fins específicos), gerando como efeitos alterações nas leis que excluem os direitos dos cidadãos e legitimam ou, em todo caso, geram efeitos que produzem violência no corpo jurídico esvaziado de direitos, além de não haver punibilidade para os perpetradores da violência. O exemplo observado por Agamben é da caça aos terroristas no Oriente Médio, no qual estes são detidos ou seqüestrados sem que sejam seguidos os direitos propostos em estado de guerra, nem são protegidos pelo estado de direito ou são seguidas os devidos processos legais que toda a captura de um prisioneiro deve seguir.

Após, esta breve explicação do que vem a ser o *homo sacer* e das diversas formas de como o direito a vida dos indivíduos são esvaziados paulatinamente em inúmeras ocasiões e contextos sociais devemos tratar dos tipos matáveis nas periferias de Salvador.

No processo da pesquisa foram identificados três tipos matáveis ou vítimas preferências nos caos de homicídios nas periferias de Salvador. Isto porque como apresentado anteriormente a sociedade soteropolitana tem seguido um contínuo na escalada da violência. Os tipos são figuras que povoam o imaginário social do lugar e suas ações estão associadas diretamente a uma situação de violência: o ladrão, o estuprador e o traficante. Entretanto, esses três tipos não os únicos atores sociais em que suas mortes são justificadas pro se enquadrar como personagens que transgridem e ferem os acordos tácitos e perturbam a ordem comum, dois tipos distintos surgem como personagens coringas para dar conta da morte de sujeitos que tem de ser mortos, mas sua justificativa não se enquadra nos tipos citados: o abusado e o bicho solto.

Para os moradores dos bairros periféricos e nesse sentido pode-se extrapolar o contexto não importando se é no lugar a identidade social está atrelada aos conceitos de periferia, comunidade, favela ou gueto. Existem acordos tácitos firmados e zonas de interação intransponíveis, uma destas questões é não roubar no seu local. O Ladrão não é uma figura matável porque vive de uma prática ilícita, na qual está baseada em subtrair o patrimônio do outro e a depender da situação ser posto numa lógica de vida e de morte. O ladrão não pode

roubar no seu lugar, na sua rua, em seu bairro. Quando esse acordo é rompido toda a coesão social é posta em xeque, cria-se uma tensão no ar, e diversos atores aparecem em cena - saídos do esquecimento e caminhando a luz do dia -, quando isso ocorre acontece o fenômeno que aqui chamamos de concorrência de morte ou quando uma vida que não merece morrer tem sua morte anunciado numa lógica de uma corrida.

Ao romper o pacto social de não roubar no seu local o ladrão assume para si e para aqueles que compõem a sua rede de interação o risco de morte. Essa morte pode ocorrer - depois do roubo - a qualquer tempo e em qualquer lugar. Em duas situações hipotéticas narradas num cenário de assassinato de um ladrão: 1 - Se o ladrão é encontrado no ato do roubo e a vítima não possui meios de defesa, mas existem muitas pessoas no local, se os populares ensejarem a oportunidade de dominar o ladrão, inevitavelmente ele será linchado. 2 - Não sendo possível dominar o ladrão, quando a população do local tem o conhecimento de quem está praticando ou praticou o delito, existe uma rede de contatos que se articula por via de sussurros que chegam aos ouvidos das pessoas que controlam a violência no lugar: traficantes, policiais, justiceiros, matadores³³ - que são tipos ideais nesses locais. Esses atores irão se mobilizar para captura ou abate do inimigo.

A personagem do estuprador é um tabu. Nas situações de violência quando ocorrem são na medida do possível abafadas e apagadas da memória coletiva do lugar, as pessoas evitam comentar e citar o nome da vítima, bem como do algoz. E para o esquecimento coletivo, é preferível que o estuprador e os relatos não devam existir mais. O estuprador perde o seu direito de viver, no primeiro rumor de sua existência, todos os atores sociais envolvidos nas tramas de violência do lugar organizam uma verdadeira caçada. O estuprador inevitavelmente será abatido no lugar e com quem for encontrado. Para além disso não houve mais comentário. A não ser em casos que aparecem nos meios de comunicação de violência doméstica ou quando existe um predador sexual que não é do lugar e pratica atos aleatoriamente em diversos locais da região.

Um ponto que deve ser levado em consideração é relacionado a um debate maior relacionado a gênero e violências de gênero, na sua concepção mais simplória, pois este trabalho, nem o pesquisador dispõe de acúmulo conceitual necessário para ampliar o debate, mas serve para pontuar a questão. No tocando ao estuprador que é a personagem da espiral de violência que causa a ojeriza social envolvem necessariamente casos de violência sexual com

³³ - Essas personagens: justiceiros e matadores serão devidamente desenvolvidas em outro momento do texto.

crianças e mulheres consideradas "de bem" ou de "família". Enquanto, gays, mulheres consideradas fáceis ou "periguetes", mesmo quando ainda crianças as violências sexuais nas diversas modalidades quando não são incentivadas são toleradas e não chegam a ser encarados como estupros. De uma forma bem generalista pode-se destacar dois casos clássicos de estupro: 1 - o caso da mulher em casa sozinha, que o vizinho fica na espreita e num momento oportuno invade a sua residência para consumir a violência sexual; 2- O caso da mulher que chega ou sai do trabalho ou curso em horários de pouco movimento, antes das 6 horas da manhã ou depois das 22 horas e tem de passar por terrenos baldios, quando surpreendida por seu algoz é violentada. Alguns relatos de estupro encontram destaque nas narrativas apresentadas, por isso, abaixo segue alguns casos.

É importante ressaltar, antes da narrativa dos dois casos que apareceram durante o tempo de pesquisa, que os casos de violências sexuais ocorreram nas ruas de trás ou de fundo. Os dois casos são relativamente antigos, apresentados de forma imprecisa, com um espaçamento temporal que retoma no primeiro caso o início dos anos 2000 e o outro caso ocorreu em 2010.

Caso 1- Josenalva e o vizinho a espreita

Como num caso, considerado como estupro clássico, Josenalva na época adolescente com seus 16 anos, no início dos anos 2000. Ficava a tarde em casa sozinha, enquanto seus pais trabalhavam, sua irmã mais velha e seu irmão mais novo estavam na escola. Josenalva, como a maioria das meninas de sua idade sofria o assédio dos garotos de sua idade e de homens mais velhos por onde passava, seja na escola, no caminho que percorria ao ponto de ônibus, mesmo quando ia na esquina comprar pão para o café da família. De forma, acintosa seus Vizinho M., com 21 anos, a perseguiu com o olhar a ponto do pai de Josenalva ir falar com ele para que certas frases e gestos não se repetissem no momento que ele encontrasse com ela pela rua ou mesmo seus colegas repudiavam o seu ato com dizeres típicos "donzelo", "tá no cio", "Cabaço burro" deixa a menina em paz diziam os jovens do sexo masculino de seu tempo.

Certa tarde, como outra qualquer, M. tomou coragem e tentou violentar³⁴ Josenalva, no meio da tarde, por volta das 15 horas. Os relatos dão conta de que a moça gritou, no

³⁴ - As narrativas dos vizinhos que moravam na rua na época tem duas versões: a primeira diz que ele tentou violentar Josenalva, a outra que violentou a garota. De toda forma é plausível que a primeira versão venha para diminuir a narrativa de circunstancia atroz.

primeiro momento o silêncio, no momento seguinte alguns vizinhos começaram a chamar pela moça, quando viram M. que morava na casa ao lado pulou de uma laje para outra. Josenalva ficou trancada em casa e não apareceu. Quando os seus pais chegaram em casa e depois do relato da moça, principalmente o seu pai ficou transtornado e foi a casa do vizinho M. buscar respostas para o ocorrido. A Mãe de M. atendeu o chamado. Ponderou o ocorrido, questionou a versão dos pais, por fim disse que o filho não estava em casa. Transtornado e esbravejando ameaça o pai de Josenalva foi para casa.

Algumas semanas depois, Josenalva e sua família se mudaram para um bairro vizinho. Ao passo que M. apareceu na rua. O primeiro dia, ele ficou perto de casa, nos dias seguintes ele se aventurou a sentar-se com os amigos para conversar. No dia em que M. foi ao fliperama que ficava numa rua adjacente, numa distância em que ele não poderia avistar a sua casa, todos os homens e adolescentes do sexo masculino foram ao seu encontro, o cercaram e começaram a linchá-lo. Mesmo sobre ataque de um grupo de homens, M. conseguiu correr e foi em direção a sua casa. A maioria dos homens envolvidos o seguiu, sobretudo dois homens um munido de um revólver e outro com uma faca invadiram a sua casa.

Os relatos dizem que M. teve algumas lesões leve de faca nos braços e costas e que foi baleado duas vezes nas costas e na perna. Na sua fuga, saltou numa altura superior a 5 metros, caindo no telhado do vizinho do fundo, correu pela rua paralela e desceu em direção ao inferninho, desembocando numa avenida direta.

M. não morreu na tentativa de linchamento, porém mais de 15 anos se passaram do ocorrido, dizem que às vezes, ele aparece no meio da noite na casa dos pais. Os vizinhos comentam que no dia em que ele for encontrado passando pela região será punido novamente. Enquanto Josenalva, atualmente está casada e com filho. Seu pai, depois do ocorrido começou a beber, tornou-se alcoólatra e morreu devido a doença causada pelo álcool.

Caso 2 - Dona Antônia, o Segurança e J.

Em 2010 alguns acontecimentos de roubos seguidos de violência sexual chamaram atenção do Covil e cercanias. Tratava-se de um homem por volta dos seus 30 anos, estatura mediana, que roubava mulheres e tentava violentá-las sexualmente - a maioria dos relatos diz que apenas houve tentativas - sempre no fim da madrugada para começo do dia de trabalho quando homens e mulheres se aventuram no escuro para pegar o primeiro ônibus antes das 5h30min ou depois das 22h.

Policiais aumentaram as rondas na região, seguranças dos mercadinhos e lojas circulavam por todo o bairro em horários de pouco movimento, mas os rumores cresciam. Quando numa manhã antes das 6 horas dona Antônia subindo as escadarias do Cóvil, próximo ao final de linha na quina da escada encontra-se de frente com um homem que não deveria estar ali - pois não era um morador ou conhecido, por isso não é comum pessoas estranhas na região - olha para o homem, cumprimenta-o, abaixa a cabeça e tenta seguir o caminho para o ponto com a intenção de chegar ao trabalho.

Dona Antônia é surpreendida pelo peso da bolsa sobre os seus ombros, quando J. tenta puxá-la, Dona Antônia pensando se tratar de apenas um roubo, diz que não tem nada na bolsa, apenas a sua marmita. E que o seu celular era antigo e estava no seu bolso. Quando percebe que o homem tenta agarrá-la, ela larga a bolsa e começa a gritar. O homem ameaça abaixar as calças e tenta puxá-la para mais próximo, quando os gritos se intensificam e passos se aproximando são ouvidos Dona Antônia teve a chance de se soltar e num impulso ela decidiu voltar para o Covil. Dona Antônia descendo e o Segurança, que acabava de chegar no Plantão e que tinha preferido descer o covil pela ladeira, encontram-se o Segurança pergunta a Dona Antônia o que tinha ocorrido, Dona Antônia disse apenas uma palavra: estuprador.

O segurança num rompante de fúria e adrenalina tirou sua arma da mochila, envolvida numa blusa para não chamar atenção, subiu a escada e se encontrou com um homem com as características dos relatos do estuprador. Com a bolsa de Dona Antonia aberta e o zíper da calça aberto. Gritou para que o homem não se movesse. O homem correu, ele seguiu em perseguição. O homem provavelmente não era morador da região e ao invés de seguir para o final de linha, dobrou para o lado do Covil na ladeira. Foi quando o segurança disparou duas vezes, sem a certeza de ter atingido o estuprador, o segurança retornou para acudir Dona Antonia.

Confirmou as características do homem com Dona Antônia e seguiu para casa. Quando o segurança estava prestes a tomar banho, ouviu uma gritaria na rua. As crianças que iam para escola disseram ver um homem sangrando próximo ao campo. Alguns homens e mulheres foram verificar as informações da criança. O segurança seguiu também, armado. Quando chegam no canto esquerdo do campo, dando início para o matagal estava o homem ferido. O segurança sacou a arma, no mesmo instante, em que algumas mulheres gritavam ladrão, estuprador. Como se todos soubessem o que iriam acontecer ecoavam gritos para tirar

as crianças de ninguém olhar, o Segurança e mais alguns homens se aproximaram, quando o Segurança desferiu dois disparos que tirou a vida do estuprador.

Todos do Covil sabem quem foi o segurança que disparou e matou o estuprador, alguns viram a cena, outros são amigos do segurança. Contudo, quando a Polícia Civil (PC) chegou junto com a viatura do Instituto Medico Legal Nina Rodrigues (IML), o investigador da PC, proferiu a fatídica pergunta, depois de se aproximar de um senhor que observava o corpo: - Senhor, o que houve aqui? O senhor de pronto respondeu: - oxe..., sei não. Ouvi dizer que era um estuprador.

O caso teve o seu desfecho no seu lugar e foi encerrado para a polícia e para o Covil.

O traficante ou o seu personagem mais comum que povoa no imaginário social da população nos bairros periféricos de Salvador. No primeiro momento tem-se o ideal romantizado destas figuras por parte da população ao se pensar no traficante como bandido bom, um *Robin Hood*, que luta contra a desigualdade social e protege a população, num ideal romântico como retratou os sociólogos Eduardo Paes Machado e Ceci Noronha (1997,1999,2002). Acreditavam que existia um respeito às tradições do lugar. No limite, o traficante era e é visto como um comerciante e o uso da força ou violência por parte deste está(va) restrito ao lugar de comércio das drogas e aos envolvidos no circuito desta.

Durante toda a minha pesquisa de campo ou de leitura do estado da arte de estudos realizados envolvendo a criminalidade urbana, em especial, no caso brasileiro não tive conhecimento de muitos casos de assassinatos de traficantes motivados por revolta popular ou linchamento. Os predadores naturais desta personagem são os policiais, matadores e justiceiros.

O ódio que promove a caça e extermínio da figura do traficante, diferente das personagens do ladrão e do estuprador, que fazem parte da coesão social do lugar, é motivada por causas externas. Que seria o que Agamben chama de estado de exceção fictício ou inventado, o que promove o esvaziamento dos direitos de vida deste personagem. No caso soteropolitano com a escalada da violência o governo no estado promoveu campanha combativa de controle às drogas, que dizia: "*Crack*: é cadeia ou caixão". Promovendo uma verdadeira cruzada contra as drogas e não se limitando a figura do traficante, o usuário também pode ser uma vítima em potencial. A depender do local e da circunstância, em caso

de homicídio, o óbito será justificado com o possível envolvimento com o tráfico de drogas como nos noticiam os meios de comunicação de massa.

Apesar de ter apresentado em linhas gerais os três tipos matáveis, as suas posições e ações são relativizadas e novas categorias aparecem nas narrativas de populares para explicar os motivos dos assassinatos, entre elas a figura do usuário, do abusado ou do bicho solto.

O usuário é comumente associado a figura do traficante, entretanto ganha relevo, pois este usuário passível de morte não é um usuário recreativo, ele é associado a figura do viciado. O viciado seria uma pessoa que não possui o auto-controle no consumo do entorpecente, contudo, para efeito deste trabalho, é o viciado deve ser entendido como a pessoa que não possui meios para comprar ou pagar o entorpecente consumido e para tanto vende a sua força de trabalho em funções adjacentes as associadas ao tráfico de drogas. Essas funções podem ser de transportar pequenas cargas de um local para o outro, assumir possíveis assassinatos, em caso de batida policial assume a posse da droga ou da arma. O viciado mais problemático e que, de fato, faz parte dos tipos matáveis é aquele que rouba tudo e qualquer coisa e pessoa, inclusive no seu bairro para consumir ou pagar as dividas de drogas e para ele são aplicadas as mesmas sanções sociais que são imputadas aos ladrões.

Enquanto que o abusado³⁵ é uma figura coringa nos jogos e tramas de violência neste lugar. Por abusado entende-se a pessoa que perturba o ambiente em que está ou convive. Por ser uma figura amorfa ele não detém associação com nenhum dos outros tipos matáveis diretamente, inclusive extrapola esse limite. Para o melhor entendimento do que vem a ser a figura do abusado deve-se entender que mesmo nos guetos da cidade de Salvador existindo um acentuado grau de violência letal que ordena as práticas e interações sociais do lugar, geralmente os primeiros desvios ou erros cometidos pelas pessoas desse tipo que interagem neste contexto não são punidos com a morte - exceto, o estuprador. E inclusive, mesmo quando em caso de homicídio de uma pessoa que não está envolvida na espiral de morte, o algoz não é punido imediatamente com a morte -, quase sempre eles são "convidados" para uma conversa pelos atores que dominam a força letal do lugar.

Segundo as narrativas de pessoas envolvidas (que tem contato) com a segurança e força policial na região, quando surge um personagem considerado abusado, ele é chamado para uma conversa para que seja acalmado os seus ânimos. E para que deixe de práticas atos

³⁵ - Existe uma narrativa de morte sobre um personagem considerado O Abusado, que será descrita e analisada neste trabalho. Por isso não é dado maiores informações neste momento.

que desestabilizem a coesão social na região. Deste modo o abusado pode ser um ladrão, que sem sua trajetória sempre roubou fora do seu bairro e respeitou o seu lugar e por algum motivo cometeu o delito na sua região. Ou um usuário recreativo que num lapso momentâneo juntou-se com um grupo que pratica atos ilícitos e fez parte de algumas ações. Um traficante que extrapola os seus limites de comerciante e de líder dos seus soldados e tenta utilizar a sua força para com populares fora do contexto do mundo do crime que o cerca. Ou mesmo um policial ou associado, que tenha exacerbado no uso da força e autoridade, também penalizando moradores e populares. Em suma, todos aqueles que extrapolam as barreiras impostas aos papéis sociais assumidos inicialmente na dinâmica de violência do lugar são considerados abusados. A ressalva feita a essa categoria é de que existe uma possibilidade de diálogo entre a vítima e o seu algoz antes do assassinato se consumar.

Por fim, a personagem do bicho, bicho solto ou bichão³⁶ é o personagem que segundo as narrativas dos interlocutores merece morrer pelo fato de que são sujeitos que perderam a sua humanidade, agem nas relações cotidianas com hostilidade para com o outro. A sua existência ou presença perturba a ordem local, as pessoas não se sentem confortáveis ou seguras, mesmo entre os seus pares. A trajetória de violência do bicho solto é difusa, inclusive a sua denominação e entendimento entre os populares a depender da trajetória de vida do sujeito é próxima do entendimento de justiceiro, pistoleiro ou miseravão. Em linhas gerais, a vida do bicho solto está associada a um ciclo de violência de menor potencial até que (in)justamente provocado, o sujeito incumbido do seu *ethos* guerreiro, da sua honra como sujeito/cara homem, sente a necessidade de provar socialmente o seu valor e força enfrentando e dando cabo da vida aquele outro sujeito que lhe desafiou ou hostilizou.

No entanto, a origem no bicho solto, não está associada diretamente a situação de vulnerabilidade social, pobreza ou de uma família desestruturada. Dentro dessa categoria, a maioria das personagens com fama local pelo excesso de violência e o medo/respeito que o seu nome representa está diretamente associada a sujeitos oriundo de família de policiais, quando o sujeito não é um ex-policial ou policial em exercício ou agente de segurança privada que ganha fama - fez seu nome nas ruas - com as tramas espetaculares de violência e morte para vingar situações de violência injusta que sofreu ou em defesa de algum amigo. No primeiro momento, o bicho solto é alguém que não respeita os acordos sociais, de certo modo, ele encarna em si e representa a própria ordem ou o agente que arbitra os conflitos dentro da

³⁶ - A personagem do bicho solto, bicho ou bichão é muito comum nas periferias e bairros populares de Salvador. Povoou o imaginário da população desde de final dos anos 1980.

sua rua ou bairro pelo uso da força. Embora exista o reconhecimento por parte da população local de que o bicho solto clássico não praticava roubo ou tráfico e era um sujeito/cara homem que trabalhava honestamente para sustentar a sua família.

Contudo, é importante ressaltar, que na última década com o crescimento da violência urbana entre os jovens e o surgimento de inúmeros grupos de tráfico de drogas que fazem da morte um espetáculo e nos corpos mortos deixam uma assinatura associando a morte a determinado grupo, muitos traficantes também tem sido associados a figura dos bichos. Com a resignificação recente dos textos, associando o bicho solto a traficantes alimentam o ciclo de violência nas ruas da cidade e a necessidade de justificar socialmente a sua execução, dando cabo, seja torturando, extorquindo e por fim executando por parte dos agentes de segurança pública, com o incentivo dos moradores do bairro e da população em geral que exige que os policiais trate como animais aqueles sujeitos capazes de execuções com alto grau de selvageria, atribuindo a morte outros sentidos ou matando aqueles sujeitos outras vezes, mesmo quando o corpo do executado está desfalecido.

CAPÍTULO 6: CORPOS DELIQUENTES, CONTROLE DO ESTADO E O DIREITO À VIDA

Este capítulo busca compreender como se dá a relação entre o Estado e o indivíduo no que diz respeito ao controle que o Estado exerce sobre a vida das pessoas, principalmente dos jovens em situação de vulnerabilidade social nas periferias das grandes cidades, mobilizando conceitos como poder e dominação para explicar como as instituições do Estado, que detêm o monopólio do uso da força, gerem situações de violência. Os autores Foucault e Bourdieu serão utilizados como referência para tratar destes conceitos fundamentais (Estado, poder e dominação), o conceito de delinquência juvenil ganhará relevo contribuindo para a análise e contextualização dos fatos, posto que, o caso a ser apresentado se perpetua em maior ou menor escala cotidianamente nos guetos das periferias do país.

O Estado Moderno, desde o seu nascimento, teve a preocupação de garantir monopólio do uso da força atribuindo poder as suas instituições garantidoras da ordem pública, segurança e o bem-comum de toda a sociedade. A proposta do presente capítulo é compreender a relação entre o Estado e o indivíduo na sociedade contemporânea, onde a ação deste intervém diretamente nas práticas sociais mais corriqueiras, inclusive no âmbito do mundo privado, como por exemplo, quando vizinhos utilizam as instituições da polícia ou judiciário para resolverem conflitos antes passíveis de solução entre as partes sem grandes problemas futuros. Ou na higiene básica e saúde da criança ditando quantas vezes as crianças devem tomar banho, quantas calorias devem ser ingeridas todos os dias, seguir o calendário de vacina por intermédio da escola e postos de saúde no bairro, acompanhando de perto o desenvolvimento do cidadão.

O texto encontra-se dividido em duas partes: a primeira parte, de cunho teórico e conceitual, trata da revisão e resgate de conceitos basilares para a compreensão da concepção de Estado e do monopólio do uso da força. A partir da leitura de autores contemporâneos das ciências sociais como Michael Foucault e Pierre Bourdieu será apresentada de forma sucinta a concepção do Estado e de como ele exerce sua força sobre os seus cidadãos, por via de três conceitos básicos: poder, dominação e violência. Na segunda parte será abordado um estudo de caso sobre a atuação da Polícia Militar na Bahia em bairros periféricos de Salvador, com a análise de um caso atual de violência policial que tem repercutido meios de comunicação de massa (jornais e tevês).

6.1 FOUCAULT E BOURDIEU: PODER, VIOLÊNCIA E DOMINAÇÃO

Um ponto central que faz convergir os principais conceitos que serão apresentados neste texto, que são: poder, violência e dominação pela perspectiva de Bourdieu e Foucault é o conceito de Estado ou mesmo sua importância, pois é a partir deste que os outros conceitos estão assentados. O entendimento de Estado aqui se encontra a partir do que se denomina Estado Moderno ou Contemporâneo, oriundo da superação do Antigo Regime na Europa, e desenvolvimento dos meios de produção da sociedade capitalista e industrial, que dentre as suas principais atribuições encontram-se: o monopólio da força e capacidade de intervenção na economia.

Bourdieu durante os anos de 1989 a 1992 debruçou-se sobre temáticas relacionadas ao Estado para analisá-lo não apenas conceitualmente, mas para compreender, num estudo detalhado que parte da sua gênese, principais autores e as diversas tendências que buscam no Estado uma explicação para os diversos fenômenos sociais, que segundo o autor tratam mais de suas funções do que problematizam ou aceitam de pronto a sua gênese e importância. Desses quatro anos de curso resultou a obra: *Sobre o Estado: cursos no Collège de France* (1989-92), editado pela Companhia das Letras (2012). Em seu texto Bourdieu adverte os seus estudantes - leitores - de que possivelmente ao tratar do Estado como objeto de estudo possibilite aos cursistas mais questionamentos e dúvidas do que respostas. Entretanto pode-se perceber, não apenas com a leitura desta obra, mas no conjunto do seu texto, bem como Foucault em *Microfísica do Poder* (1979), Bourdieu entende que o Estado é uma abstração, que apenas existe porque é validado coletivamente, por consenso - como os contratualistas pensaram o pacto original - na qual a busca pelo bem-comum é incessante.

Entretanto o Estado em suas funções políticas detém o monopólio da força que é legitimado por todos os cidadãos, como também possui o controle do território, da economia e das relações de produção e exploração do território acaba por agir priorizando as classes dominantes em detrimento de toda a população. O que numa sociedade construída sob a égide da desigualdade social como Salvador, num processo histórico de exclusão política e acesso a políticas públicas efetivas acarreta em variadas formas de violência simbólicas, retroalimentando a lógica de estigmatização social da parcela mais pobre da cidade, sobretudo na garantia dos direitos fundamentais a vida.

Como o Estado beneficia, em suas relações de reciprocidade com a população, a parcela que possui o capital, segundo Bourdieu o capital econômico, social e cultural, é

reproduzido e legitimado pelo Estado simbolicamente com a assimilação de valores culturais das classes dominante, ofertando títulos, classificando e produzindo de algum modo uma hierarquia social (BOURDIEU, 1989).

Embora Foucault não discorde que o Estado é um ente que (re) produz desigualdade social e valoriza a parcela mais abastarda da sua sociedade, propõe estudos com objetos diferentes dos propostos por Bourdieu, como no caso da obra *Vigiar e Punir* (2007), na qual o autor apresenta discussões pertinentes sobre como o Estado Moderno altera a sua forma de agir para com a população após a superação do antigo regime, onde o autor trata como um marco divisor a mudança de postura com relação a aplicação da pena aos condenados superando o suplício em praça pública para a utilização das prisões como pena aos crimes contra o Estado e todos os seus cidadãos. Neste sentido surgem algumas discussões interessantes sobre a punição e o controle dos corpos dos condenados, suas disciplinas, o panoptismo utilizado para gerar a sensação de vigilância o tempo todo, estrutura das prisões, espaçamento das celas e do domínio do corpo.

Ao tratar da questão do poder que faz-se presente nas obras dos autores franceses, Bourdieu na obra seminal *O poder simbólico* (1989), coaduna com entendimento de Foucault do que o poder é: "um feixe de relações, mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado. Portanto, o problema não é de construir uma teoria do coordenado"(FOUCALT, 1979, p.248). O poder que o Estado exerce seja ele de forma simbólica ou disciplinas aos seus cidadãos, bem como, o fenômeno do poder encarnado nas instituições do Estado, que segundo Foucault (1979), desde a idade média vem se transmutando para poder governar, em três grandes momentos, em sua primeira manifestação representa-se a partir do Estado de justiça, cuja a representação imediata é a lei; no segundo momento, um Estado administrativo, ligado a territorialidade, com uma sociedade regulamentada, disciplinada; por fim, o Estado de governo, no qual a territorialidade perde espaço, a população é posta em evidência e os saberes econômicos também exercem papel importante, no que seria uma sociedade controlada pelos dispositivos de segurança. Com a vida cotidiana regulada, as práticas sociais de determinados grupos ou classes sociais capazes de mobilizar as instituições estatais buscam exercer o controle (dominação), também a partir do uso da violência e controle da vida.

Nos estudos acerca da dominação Bourdieu apresenta dois tipos de violência: aberta e branda ou doce. A violência aberta é aquele tipo de violência física que pode ser do tipo

agressão, que deixa lesões visíveis ou que possa ser notado como a relação de exploração existente entre empregado x empregador. Enquanto a violência branda é aquele tipo de violência psicológica ou moral que não deixa marcas aparentes e que o outro não pode notar visualmente (BOURDIEU, 1979).

Por sua vez, Foucault desenvolve o conceito de biopoder, que a forma de controle, que visa disciplinar não apenas um corpo individual, mas a população, pois com a superação do estado de lei e disciplina, uma sociedade normatizada tem sua população regulamentada, explica inclusive como os saberes econômicos são fundamentais para o controle populacional no século XX. Por isso, na mudança de perspectiva do século XVII para o XVIII, quando o Estado "deixa" de se preocupar com a prisão e os mecanismos de vigilância, com o panoptismo, superando uma lógica disciplinar individual-compartilhada, nas ações que serão desenvolvidas todos os dias durante o cárcere, até obter controle psicológico sobre esse indivíduo, como é descrito em *Vigiar e Punir* (1999). Transpondo a barreira corporal e se expandindo para o controle do cotidiano e regulamentando as ações de uma população.

Esse breve entendimento das formas como Bourdieu e Foucault mobilizam conceitos como Estado, poder e dominação, com o intuito de enriquecer conceitualmente o debate relacionado a violência estatal no contexto brasileiro, em específico, a violência que ocorre na capital da Bahia. Com o objetivo de construir um estudo de caso relacionado a violência no contexto urbano, na qual jovens moradores da periferia foram assassinados num caso de repercussão nacional.

6.2 OS 12 MORTOS DO CABULA: VIOLÊNCIA POLICIAL, NOTAS DE UM ESTUDO DE CASO

Nesta segunda parte do texto será apresentada, de forma sucinta, a questão da violência na cidade do Salvador, de modo que não é preciso partir de uma caracterização geral dos indicativos de violência e de como essa dinâmica interfere diretamente na atuação da Polícia Militar da Bahia (PM), pois no decorrer deste trabalho essa questão já foi apresentada. Em seguida será apresentado um caso que ganhou a repercussão da mídia de todo o país e chamou a atenção da Organização das Nações Unidas (ONU), que foi denominado nos meios jornalísticos como a *Chacina do Cabula*, que resultou em 12 jovens mortos e 6 feridos em

Salvador, no ano de 2015, com o intuito de compreender como a PM atua violentamente em bairros populares e suas ações recaem sobre sujeitos específicos.

Numa situação que se repete a partir da criação de um corpo delinquente, ou como se diz no jargão policial, perfil padrão para abordagem, na qual a PM-BA, conta com o auxílio de uma cartilha que relaciona corpos tatuados e mundo do crime, caracterizando e tipificando corpos e indivíduos com base nas tatuagens que possuem com o intuito de identificar (estigmatizar) possíveis criminosos pelos símbolos tatuados em seus corpos. A *Cartilha de orientação policial tatuagens: desvendando segredos* (Silva, 2012), não é resultado de uma pesquisa elaborada a pedido da Secretária de Segurança Pública ou criada pela instituição PM-BA, mas resultado de estudos de agentes de segurança pública, a cartilha e seus possíveis saberes científicos, uma vez que carece de um rigor metodológico que dê conta do acervo documental no montante de 30 mil tatuagens, estudos de caso e categorias que possibilitem um entendimento razoável do objeto de estudo.

A cartilha foi/é utilizada para a capacitação de profissionais da segurança pública, com seus resultados amplamente divulgados nos meios de comunicação e povoam o imaginário de parcela significativa da população soteropolitana. A pesquisadora Naiara da Silva, em dissertação apresentada na Universidade Católica de Pelotas, *Tatuagens: sujeitos e sentidos* (2014), desenvolve profícuo estudo que tem início na revisão teórica que circunda a questão da tatuagem, a análise minuciosa da cartilha, e a interpretação da forma como a cartilha é instrumentalizada pelos operadores de segurança pública, mesmo com as ressalvas do autor para o seu uso, causando uma lógica de exclusão e separação hierárquica a partir do momento em que as tatuagens são categorizada e inseridas em tipos criminosos ou delinquentes, no fato do desconhecimentos das pessoas tatuadas que desconhecem esses sentidos atribuídos a arte expressa em seu corpo e da forma como imaginário social é povoado para construção de uma sensação de medo e terror para algumas categorias de sujeitos tatuados.

Como a cidade de Salvador tem suas barreiras sociais e espaciais (in) visíveis à população soteropolitana, que naturalizam a ocupação dos espaços de sociabilidade do seu bairro e da cidade, todas as coisas tem seu lugar de pertencimento, bem como motivo, hora e local para acontecer, especialmente se tratando de crimes violentos e homicídios na capital.

Na madrugada do dia 06 de fevereiro de 2015, no bairro do Cabula, no miolo da cidade, não contrariando a história que se repete dos corpos que caem exterminados nos guetos de Salvador, acompanhando a cronologia das notícias de jornais³⁷, 18 jovens tiveram

³⁷ - ver notícia: <<http://correionago.com.br/portal/chacina-13-mortes-em-acao-da-pm-baiana>> Acesso em 15 de Março de 2015.

ferimentos a bala numa ação deflagrada pela PM no bairro resultando em 12 óbitos no local e 6 vítimas de ferimentos a bala levados ao hospital. Ressalta-se que a ação não foi deflagrada por uma viatura de uma companhia que faz a ronda ordinária no local, mas de Rondas Especiais da Bahia (RONDESP), uma unidade que, resguardada as proporções, se assemelha ao Batalhão de Operação Policiais Especiais (BOPE), carioca, famoso nacionalmente por causa do filme *Tropa de Elite*. Segundo informações da polícia a ação ocorreu em resposta a tiros disparados pelo grupo de jovens, com "possível" envolvimento com o tráfico de drogas - as pessoas que acompanham jornais policiais sejam estes da televisão ou impressos estão habituados a hipótese de mortes associadas com o tráfico de drogas -, que atingiu o Sargento da instituição de raspão, seguido da necessidade da legítima defesa, pois para a instituição essas ações somadas justifica-se nos autos de resistência, que assegura a legalidade da ação por parte dos agentes de segurança pública do Estado.

Entretanto, a versão da PM foi objeto de dúvida, a Polícia Civil (PC) divulgou mais de uma versão para atuação policial, a partir da entrada em cena de grupos da sociedade civil que mobilizam a população para a questão da violência policial como o “Reaja ou será morto, Reaja ou será morta”. E de instituições como a Ordem dos Advogados da Bahia (AOB), que promoveu audiência pública para tratar deste e outros casos de violência policial. Resultando numa resposta da Secretaria de Segurança Pública da Bahia afirmando que existe empenho desta instituição em garantir a integridade e a vida de toda a população e que investigações internas sobre as ações policiais estão sendo avaliadas.

Contudo a questão do imaginário social popular e que se confirma nos dados estatísticos é de que: como a Polícia, uma instituição de segurança do Estado, age de forma tão violenta para com os seus cidadãos? A resposta surge a partir da leitura de que existem tipos específicos de pessoas, onde a ação seletiva dos órgãos de segurança pode ser incorporada a papéis de outras instituições o que permite prender, julgar e executar os suspeitos sem os devidos trâmites legais. Essas ações são chanceladas quando o Estado emite nota que criminaliza e cria um estado de guerra permanente às drogas como frases estampadas em outdoor: "*Crack* cadeia ou caixão", no período de campanha eleitoral para governo do Estado em 2010. Limitando a sua participação e propostas de intervenção a uma lógica punitiva com duas vias de solução: prisão ou morte. Não diferenciando o usuário do traficante. Ou em frases de efeitos que foram difundidas por governantes e agentes da segurança pública e que são repetidas cotidianamente em comentários de usuários em notícias de violência no Estado: "Na Bahia ladrão não se cria. Bandido bom é bandido morto".

Com o saldo de 12 corpos exterminados e com mais 6 vítimas de disparo de arma de fogo perpetrados por agentes do Estado, 143 disparos com 88 acertos segundo a perícia, no dia 27 de Junho de 2016, os 9 policiais acusados de promover a chacina no campinho da Vila Moisés, no Cabula, foram absolvidos. Representantes dos movimentos sociais manifestaram opinião contrária à decisão de absolvição dos policiais ou mesmo de uma atuação mais transparente que busque reparar social e juridicamente a atuação das instituições de segurança e justiça envolvidas no caso, o procurador geral da Justiça, Rodrigo Janot pediu a federalização do caso, além dos meios de comunicação reverberarem a decisão nos grandes veículos de imprensa.

Embora a olhos estranhos a realidade social brasileira o caso da *Chacina do Cabula*, apresente-se como uma anomalia, algo que foge ao pacto social e do controle das forças de segurança pública e justiça, casos como do Cabula ocorrem cotidianamente em maior ou menor escala, quase todos os finais de semana em todo o país, o uso da força desproporcional, o desprezo a vida e a incapacidade de enxergar o outro (jovem morador da periferia) como igual por parte dos agentes de segurança pública. Ainda em 2015, no dia 29 de Novembro, 5 jovens moradores da cidade do Rio de Janeiro, foram alvejados com mais de 100 tiros por policiais militares quando saíam para comemorar a conquista do primeiro salário de um deles. O que há de comum com essas execuções e extermínio de jovens da periferia? Obviamente os corpos que tombaram que eram negros, os executores, mas o *modus operandi*, justificados pela presunção de legítima defesa por parte dos agentes de segurança, mesmo com o uso excessivo e injustificado da força letal, além do possível desfecho no sistema de justiça para os policiais.

Ações policiais como a da Chacina do Cabula hipoteticamente pode ser aventada por duas perspectivas sociológicas: estigmas sociais e biopoder (Foucault). Em Erving Goffman na obra *Estigma: notas sobre a manipulação deteriorada (1988)*, segundo os gregos, estigmas eram sinais ou marcas corporais, que criavam um *status* moral no indivíduo. Uma pessoa marcada seria considerada ritualmente poluída, que devia ser evitada, especialmente em lugares públicos. Existiam dois tipos de sinais corporais: marcas que representavam sinais divinos e distúrbios físicos. Entretanto o termo estigma terá uma conotação profundamente depreciativa. Por isso, o estigma é uma simbiose entre atributo e estereótipo.

Atualmente a palavra é usada muito próxima ao sentido original. É mais aplicado à própria desgraça do que a sua evidencia corporal. A sociedade é capaz de estabelecer

mecanismos de diferenciação dos indivíduos em categorias. Os ambientes sociais ocupam um papel importante nisso, pois, permite a certo grupo tentar enquadrar um indivíduo estranho a certa categoria, através da sua imagem. Criando duas formas de avaliação de identidades sociais: identidade virtual, que é imputação feita por um atributo em potencial; enquanto a identidade real são os atributos que o indivíduo prova ter. Após o processo de pré-avaliação do enquadramento do indivíduo, ele passa a ser representado como uma pessoa má, perigosa ou fraca, tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande.

O termo estigma, portanto será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relação e não atributos. O estigma tem duas perspectivas: Desacreditado (visível) e Desacreditável (imperceptível sem um contato direto). O Desacreditado são indivíduos com mutilações físicas, culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, etc. Estigmas tribais de raça, nação e religião.

Os Desacreditados são percebidos comumente como pessoas inferiores, enquanto os Desacreditáveis tendem a agir e ser tratado como indivíduos normais, e, portanto a também a estigmatizar o outro, sentirem culpas. Embora em alguns casos existam aqueles que ressignifiquem o seu estigma entendendo-o com uma vontade divina, existem vários casos de aceitação ou não do estigma. E nesses casos podemos enxergá-los com a criação de organizações não governamentais (ONGs) ou de grupos de ajuda de indivíduos com deficiência visual, auditiva, com vírus da imunodeficiência humana (HIV), etc, ou em casos como de pessoas que podem corrigir imperfeições através de cirurgias ou esforço próprio (às vezes com auxílio de terceiros). Tudo isso faz com que eles disputem espaços públicos e privados.

A partir dessa breve apresentação do conceito de estigma pela ótica de Goffman e o biopoder de Foucault, formas possíveis em que o Estado se utiliza para subjugar os corpos e exercer o controle social da sua população utilizando de elementos desde simbólicos e sensíveis a repressão e uso da força. Como esses jovens, que tem suas vidas ceifadas por ação da violência urbana perpetrada por agentes do Estado, dão sentido a essas ações? Para explicar essa questão duas informações apresentadas são importantes: 1- a noção de envolvimento com o tráfico de drogas, associada a figuras potencialmente perigosas, isto é, a capacidade de pôr em risco ou tirar a vida de outras pessoas; 2 - porque estão na faixa etária das vítimas de homicídios no contexto da violência urbana. Os seus corpos são

estigmatizados, não a partir de uma deformidade física, mas ao contrário, nas estampas das roupas que esses jovens vestem, nos bonés, no seu jeito de andar, falar, agir, por marcas de artes impressas em seus corpos, as tatuagens³⁸ e principalmente pelo seu lugar. Seja o lugar onde reside ou quando é abordado.

Portanto, esses indivíduos, jovem moradores da periferia, têm em seus corpos para além da questão fenotípica, a repulsa moral ao modo como vestem e agem, com corpos tatuados, criando um corpo delinquente o que possibilitam desacreditar e negar a humanidade e o direito a vida a essas pessoas e agir violentamente baseado numa falsa lógica de guerra urbana. Ceifando vidas e justificando o perigo eminente em sua presença, cujas mortes são atribuídas à responsabilidade das vítimas além da possibilidade sempre aventada de envolvimento com o tráfico de drogas.

Neste sentido, o conceito de delinquência possibilita outros olhares nesta questão. No dicionário Aurélio, um dos significados de delinquente é pessoa que cometeu um delito, entretanto a palavra que vem do latim *Delinquere*, “falhar, ficar devendo, ofender”, de *De-*, “completamente”, mais *Linquere*, “sair, deixar, abandonar”, oferta a possibilidade de que os jovens delinquentes não sejam vistos apenas como aqueles que cometeram delitos, contravenções ou crimes e por isso merecem que o Estado os penalize. Ao invés, num estado de exceção, no qual numa cidade num contexto, de exclusão social histórica, com barreiras visíveis e invisíveis de criminalização do outro, principalmente do outro que vive na periferia, nos guetos, como Salvador faz com que jovens abandonados à própria sorte, conhecendo a violência como uma linguagem possível de resolução dos conflitos ressignifiquem a noção de delinquência e rompam mais uma vez e de forma evidente com a norma local posta.

De outro modo, numa realidade social na qual os jovens soteropolitanos encontram-se no estado de dominação e regulamentação da violência local, ofertado pelas forças de segurança pública, que no caso da Bahia é capaz de promover o controle territorial e promover a paz, ao mesmo tempo em que controlam os corpos delinquentes. Esse controle se dá de maneira perversa, pois estigmatiza, marca e cria um alvo em apenas alguns corpos juvenis, em determinados bairros, que se identificados de forma genérica pelas roupas, cortes

³⁸ - Sobre a questão das tatuagens, desde 2010 circula nas redes sociais e em matérias de jornais, uma cartilha que visa interpretar as tatuagens, relacionando-as com o mundo do crime. Ver: < <http://abordagempolicial.com/2012/05/entrevista-tenente-pmba-alden-cartilha-sobre-tatuagem-e-crime/>> ou < <http://www.correio24horas.com.br/detalhe/bahia/noticia/leia-cartilha-que-explica-significado-das-tatuagens-no-mundo-do-crime/?>>, acesso em 15 de Março de 2015.

de cabelo, jóias e tatuagem, significados esses que são aparentes e dão a certeza aos agentes de segurança apenas numa parte da cidade.

Neste ponto, é crucial abordar a cartilha utilizada pela da PM/BA e amplamente divulgada nos programas sensacionalistas que exploram a violência. A cartilha sobre tatuagem e crime desenvolvida, além de não apresentar apenas algumas imagens de tatuagens populares, como por exemplo, a Índia, que nos anos finais da década de 1980 e durante a década de 1990 foi famosa e desejo de consumo de parcela significativa de moradores das periferias de Salvador, por isso descontextualizada com o (re)significado posto na cartilha. Não foi apresentada ao grande público nada além de uma cartilha de poucas páginas, sem um método claro. Ocorre que dada a sua função e disposição para o combate ao crime em Salvador, bem como, por ser um formador de policiais, o Oficial não resistiu a tentação de construir um perfil do criminoso, do traficante ou do assassino de policiais - muito com base em sua provável vivência como policial, mesmo que essa seja uma prática comum para os estudos de criminologia no século XIX, até meados do século XX. Inclusive Cesare Lombroso, célebre médico e filósofo italiano do século XIX, escreveu dentre outras obras O homem delinqüente (1876), que tem um capítulo específico sobre tatuagens, criando uma escola de estudos para traçar o perfil de um criminoso.

O oficial se esforça, na cartilha e nas entrevistas para não naturalizar o criminoso pelos seus trejeitos, o que seria em linguagem popular do soteropolitano "jeito de ladrão", por sua tatuagem, roupa ou local, devendo sempre ser obedecido o devido processo legal e o procedimento de rotina na abordagem feita pelo policial em ronda ou blitz. Contudo, durante esta pesquisa tive a oportunidade de entrevistar diversos policiais militares e civis, de grupos especiais da PM, da homicídios ou narcóticos e os policiais foram categóricos em afirmar que apenas pelas tatuagens nos corpos, roupas e trejeitos não é possível afirmar se o jovem que passa na frente de uma viatura da polícia ou que é abordado por um policial é um delinquente, apenas olhando para os seus aspectos fenotípicos, vestimentas e tatuagem, inclusive durante as entrevistas e conversas com policiais, antes mesmo da cartilha e orientação relacionando tatuagem e crime, alguns policiais tinham tatuagens em seus corpos que podem ser consideradas de delinquentes ou bandidos de alta periculosidade.

Para alguns policiais entrevistados a cartilha serve como uma forma de justificar a atuação violenta em certas localidades, com certos grupos de pessoas, essas ações são subsidiadas e aceitas por parcela significativa da população. O silêncio dos grandes veículos

de comunicação, de parcela significativa da academia, com exceção de grupos do movimento social e de pesquisa relacionados a temáticas da violência e crime que pedem uma abordagem detalhada do estudo para o melhor entendimento da questão e auxiliar na construção de uma atuação policial mais humana e eficaz.

Ao olhar a situação por outro prisma, visto que a realidade social é multifacetada e da representação que se dá a certos signos, aos (re)significados, para os jovens que são excluídos sumariamente, que não são representados, utilizar uma camisa de marca, uma bermuda que custa metade do seu salário, ter uma corrente de prata, relógio e celular de última geração, significa agregar valor, status e poder a sua vida. O jovem trabalha e pode acessar certos bens de consumo, sentindo-se bem com os objetos de seu consumo, do status que adquiriu no seu grupo social, na possibilidade de acesso a alguns locais da cidade, bares e festas sem ser incomodados pela polícia. Porém, acessar certos locais e possuir bens de consumos caros, quando fora do seu lugar, o jovem tem o seu corpo marcado por olhares, não raro é noticiado em grandes festas, em espaços selecionados, numa festas intimistas, uma parcela do público alinhada, sendo revistada e tendo a sua presença questionada, mesmo em locais públicos, apenas por ter um corpo delinquente marcado pelo olhar do Estado.

Durante uma entrevista com um policial militar, com mais de 20 anos de serviço, que faz parte de um movimento maior que contesta a atuação da polícia, Policiais Antifascismo, que se articula a nível nacional, denunciando as práticas truculentas das polícias brasileiras e propagando ideias de vanguarda, além de encabeçar uma campanha de desmilitarização da PM, duas questões sobressaíram, partindo do pressuposto de que a maior parte da tropa da PMBA é composta de praças, além disso, esses praças têm corpos que não diferem dos corpos delinquentes, isto é, dos corpos matáveis, ou mesmo, esses policiais nasceram, cresceram e ainda moram nos bairros da periferia de Salvador: Como você avalia a questão do polícia, em campo, ter poder de controle da vida e da morte? O policial se vê como morador daquele lugar, pertencente ao bairro? Como explicar esse antagonismo?

Ser reconhecido pelo outro como alguém que é forte, que não é fraco. Alguém que se diferencia, porque quando você entra numa instituição como a PM, você passa a fazer parte de uma grande família, isso de uma certa forma você não está mais sozinho, você não é João, você agora é o soldado João. Se alguém lhe atingir, alguém lhe ameaçar você tem por trás disso uma estrutura que lhe protege... sentir-se poderoso. Tem um fato interessante que você deixa de ser você. Você passa a pertencer a algo maior. O controle entre a vida e a morte termina sendo uma consequência, o sujeito acaba percebe isso no dia-a-dia, mas ao mesmo tempo ele também se arrisca. Eu acho que é um jogo meio dual...

Eu acredito que esse antagonismo está no fato de você deixar de ser morador e passar a ser policial. Ainda que ele continue residindo na comunidade, aquela identidade de morador ele perdeu, ele passa a ter muito mais a identidade do policial. Os colegas que andavam com ele antes, faziam as mesmas coisas, bagunças...o mesmo babá que batiam, depois que ele entra na polícia talvez até aquele mesmo comportamento que tinha, ele passa a ver como algo que é desviante, que ele necessariamente tem de rechaçar. Eu acho que esse antagonismo que o policial tem é por conta disso, porque ao mesmo tempo ele ainda se sente morador da comunidade, porque mesmo que ele saia dela, ele sente a periferia como algo que ele precisa exorcizar dele mesmo... Esse antagonismo tem dos dois lados, o policial não é bem visto na comunidade. E a comunidade, periferia não aceita, na verdade o policial, e o policial não quer estar ali. Eu acho que esse antagonismo é por conta disso, sobretudo... como aquela expressão que diz: "você sai da favela, mas a favela não sai de você". Só que quando o policial pensa na favela, na comunidade ele pensa em algo ruim. PM, 47 anos.

É importante ressaltar que dentro da premissa em que as questões foram postas, os policiais entrevistados – soldados, sargentos e investigadores - em sua maioria são moradores de bairros periféricos ou vieram de bairros periféricos e o seu contato com as polícias vem antes do seu ingresso nas instituições de segurança pública. Por isso, a maioria dos policiais entrevistados, mesmo quando não questionados, ressaltam que ingressaram na polícia por dois motivos, em geral, por vocação ou por necessidade de um emprego, uma carreira estável e a possibilidade de ser o provedor da família e melhorar a condição de vida no seu lar.

Por isso, é provável que os policiais busquem na instituição duas coisas básicas: identidade e segurança. Ser policial significa que agora você pertence a um lugar e não é qualquer lugar, um lugar de poder, de comando, de respeito e temor por ser capaz de arbitrar conflitos. Pois, o antagonismo entre respeito e temor é possível na atual conjuntura social, na qual o policial tem o respeito e suas ações são incentivadas pela parcela da população moradora de bairros de classe média/alta, que sofrem abordagens policiais diferenciadas e o tratamento cidadão, enquanto a outra parcela da população moradora dos guetos da cidade tem pavor em se relacionar com a polícia local, levando em consideração também o histórico de como as relações entre polícia e a população pobre ocorre na cidade. O que por sua vez, não cria uma visão minimalista de que moradores de bairros periféricos e pobres não gostam da polícia ou não precisam dos serviços oferecidos pelas instituições de segurança. A questão central é que os tratamentos oferecidos ao cidadão pela polícia é diferenciada a depender da hora, local e da leitura do agente de segurança quando a abordagem ou os serviços estão sendo prestados a população.

O policial neófito ganha um novo status, deixa de ser João, filho de dona Francisca que vende quitutes e passa a ser soldado João, respeitado, desconsiderando o risco inerente da profissão e principalmente o seu papel e função como policial. João deixa de ser o que é e passa a se sentir poderoso, o que trará desdobramentos na atividade profissional de João. Não se deve perder de vista que o policial entrevistado é um operador de segurança pública modelo e que é voz dissonante dentro da própria instituição. O seu relato vem da necessidade de conhecer outros pontos de vista e outras atuações policiais, não apenas olhar a PM como instrumento de força do Estado para oprimir os que são historicamente excluídos.

O soldado mesmo nos seus quase 50 anos, com mais de 20 anos de atuação policial, não apresenta outra perspectiva, a curto prazo, para a dissolução do antagonismo polícia e periferia. A expressão tão popular: "você sai da favela, mas a favela não sai de você", entrecortada com os silêncios, pausas e risos tímidos, revelam mais do que posso dizer, apresentam uma realidade desnuda que não podem ser expressada tão somente em palavras.

Após o entendimento do que vem a ser corpos delinquentes e de como o Estado lida com esses corpos juvenis, seja estigmatizando, excluindo, encarcerando ou exterminando por força dos seus agentes de segurança e da lei, o elemento importante que vale a pena ser ressaltado é a construção das narrativas que justificam socialmente as mortes destes jovens, que tomam ao chão apenas por serem considerados Desacreditáveis, excluídos ou invisíveis socialmente a depender do contexto em que se encontram.

CAPÍTULO 7: A MORTE COMO UM ESPETÁCULO: (DES)CONSTRUÇÃO DOS HOMICÍDIOS NOS GUETOS

Este capítulo tem como objetivo apresentar os sentidos que a morte adquire no contexto da violência letal em Salvador, nos bairros populares, periféricos e principalmente nos guetos da cidade. Explicar a (des)construção e o desenrolar desta modalidade de violência, que acomete parcela significativa da juventude negra soteropolitana, sob a perspectiva de uma pesquisa de campo, chama a atenção do pesquisador para verificar como a trama da morte se desenvolve nestes lugares. O texto encontra-se dividido em duas partes: a primeira parte tem a intenção de apresentar os diversos sentidos que as narrativas e os tipos de mortes assumem num determinado contexto; e o segundo momento busca-se evidenciar as personagens que compõe o cenário da morte e de como esses atores são parte integrante dos fatos e de como algumas destas tramas os alcançam³⁹.

Antes de avançar no texto convém lembrar algumas questões e apresentar alguns dados, uma vez mais, para que o leitor entenda o percurso de construção desta pesquisa. Nas periferias das grandes cidades brasileiras, em especial Salvador, a sociedade estabelece tipos matáveis (ladrão, estuprador e traficante) e criam no imaginário social corpos delinquentes, nos quais junto aos tipos matáveis entram em simbiose para justificar a morte, como foi explanado nos capítulos anteriores.

O aumento vertiginoso da violência urbana nas últimas décadas e da população carcerária em todo o país, com um projeto político de combate a violência e ao tráfico de drogas com uma abordagem belicosa, com status de guerra urbana, que pode ser sintetizado numa frase já apresentada neste trabalho, fruto de uma campanha de governo da Bahia em 2010 "*Crack: é cadeia ou caixão*", de forma explícita apresenta os caminhos possíveis para a questão das drogas, dos usuários e traficantes, como mostra a imagem do outdoor a seguir.

³⁹ - Partindo do pressuposto de que a sociedade soteropolitana consome notícias de mortes nos meios de comunicação de massa (televisão e jornal) e assumindo que o leitor está familiarizado com estas narrativas, o pesquisador optou por inverter a lógica deixando a cena do homicídio para o fim do capítulo.



Fonte: <<http://www.bocaonews.com.br/noticias/principal/politica/1768,crack-cadeia-ou-caixao.html>>

Decorrente do discurso e de uma política pública de segurança em todo o território nacional, a campanha contra o *crack*, encontra-se disposta ao conflito, com treinamento e práticas análogas a intervenções militares em cenários de guerra urbana. Com o acúmulo de debates e pesquisa, na qual participam membros da sociedade civil, militância social, acadêmicos e profissionais da área de segurança e justiça o Fórum Brasileiro de Segurança Pública em seu *10º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2016)*, coloca em evidência uma situação alarmante para a segurança pública brasileira, mesmo que em alguns aspectos os dados reforcem o senso comum, que a ciência busca refutar. Dentre os dados destacados, a cada 9 minutos uma pessoa é morta de forma violenta, no recorte temporal de 2011 a 2015 houve mais mortes por violência no Brasil (279.592 mortos) do que na Síria (256.124 mortos) em guerra no mesmo período, o perfil das vítimas brasileiras 54% são de jovens com idade entre 15 e 24 anos, maioria das vítimas são negros e representam 73% nos mortos neste espaço de tempo, por fim 57% da população entrevistada afirma que "*Bandido bom é bandido morto*".

Aproximando-se dessa nova onda de populismo punitivo, conceito apresentado John Partt, trazido ao leitor brasileiro pelo professor e cientista social André Moysés Gaio da Universidade Federal de Juiz de Fora. Para Partt, o populismo punitivo é o conceito que busca apresentar a concepção de que muitas vezes os presos e criminosos são vistos de formas mais brandas por setores da sociedade, como por exemplo, grupos ligados aos Direitos Humanos e pelas leis vigentes nos estados em detrimento da vítima. Busca leis mais duras e ações ríspidas dos sistemas de justiça, começando pela polícia e terminando com penas maiores. Partindo da crença de que se o criminoso de alguma forma acreditar que se cometer algum delito as penas serão mais duras e as ações do Estado para coibir qualquer conduta delituosa será mais violenta irá coibir ações criminosas (GAIO, 2011).

O populismo punitivo ganha força no imaginário social e alimenta a vontade de punir de toda a população brasileira na Bahia existe um ditado "Pai faz, mãe cria e a polícia mata"⁴⁰ ou mesmo em canções populares no universo musical das periferias soteropolitana "*Troca tiro com a Rondesp, dá de testa com a Civil, não vá que é barril*", na música Não vá que é barril, do Edcity. Esse tipo de pensamento expresso nesta fala que o Fórum Nacional de Segurança Pública colocou em evidência, serve para que demonstrar a forma como a população gostaria de lidar com condutas desviantes e com possíveis criminosos. Algumas questões surgem, no segundo momento a essa fala, como por exemplo, se bandido bom é bandido morto, então todo bandido deve morrer? Em um mero exercício, numa hipótese aventada para interlocutor médio, a lógica é esfaceladora por ponderações, exceções, pois mesmo para aqueles que têm o animo de punir visando a pena capital existe um tipo de crime e um perfil de criminoso que deve morrer. Porém, essas falas reforçam a tônica de um estado de exceção e uma política de segurança punitiva, pois quando a pena capital é aceita, quem se importa com pequenos excessos? Ou com os "criminosos" que são encarcerados em massa? Ou com os traficantes que vivem em guerra e se matam nos guetos das cidades?

7.1 OS SENTIDOS DA MORTE

As mortes violentas que ocorrem cotidianamente nas periferias de Salvador possuem múltiplos sentidos e significados, inclusive na maioria dos casos, principalmente nos estudados, a morte não pode ser entendida apenas como o clímax da ação violenta. Se no campo do direito há uma tipologia penal existente para morte (homicídio) para a sociologia existem outros cenários que compõem o entendimento da morte, que extrapolam a trama, tentativa e perpetuação do tipo penal. As narrativas de um homicídio, seus sentidos fazem parte de um contexto maior na qual a morte de um sujeito começa a ser tramada a partir de uma ameaça, boatos que criam justificativas no imaginário social para a morte, bem como, existem diversas formas de mortes simbólicas ou de fatos que recaem nos corpos mortos. As interpretações possíveis que serão apresentadas de forma sucinta não almejam esgotar os sentidos das mortes nas periferias da capital baiana.

Os sentidos da morte são diversos num cenário complexo e difuso como dos guetos e periferias soteropolitana, embora não sejam aleatórias, uma vez que os casos de morte seguem

⁴⁰ - Neste dito popular a polícia ou seu nome pode ser substituído por uma unidade especializada que atua de forma mais ostensiva na localidade, na capital utiliza-se Rondesp no interior Caatinga para atualizar o ditado.

um *modus operandi*, numa rotina mais ou menos previsível, pois a maioria dos homicídios ocorre nos finais de semana e os locais preferíveis se repetem (bar, praça, barbearia e oficinas) como apresentou Costa (2007). Segundo a Associação Brasileira de Criminalística (ABC), num universo de aproximadamente 60.000 homicídios apenas entre 5% e 8% são resolvidos por ano no país, com número aproximado de 3.000 homicídios solucionados dentro deste universo (ABC, 2012), numa perspectiva comparada com a taxa de resolução de outros países encontra-se uma matéria que trata das taxas de resolução de homicídios no Brasil "Maioria dos crimes no Brasil não chega a ser solucionada pela polícia" (MENESES, LEUTZ, 2014), em contraste com a taxa de resolução dos homicídios em outros países como nos Estados Unidos que é de 65% ou 90% do Reino Unido.

Algumas interpretações possíveis dos contextos que (re)produzem o cenário de morte, dentre as narrativas nas quais o pesquisador teve contato, levando em consideração que a maioria das mortes são justificadas socialmente pela prerrogativa do envolvimento com o tráfico de drogas, em quase nenhuma morte encontra-se como o clímax ou ato final de um conflito letal, exceto em situações em que o líder de um grupo ou facção que está em conflito na localidade é assassinado ou quando um bicho é morto. A maioria das mortes serve como alerta para umas situações de controle social ou como estopim de um conflito entre grupos rivais, ou por uma questão de hegemonia interna, neste sentido as narrativas são confusas e os contextos não auxiliam numa interpretação mais apurada dos casos. Por isso, serão elencados três tipos de mortes.

A morte em muitos sentidos serve como alerta ou para reforçar acordos tácitos e práticas sociais locais, neste sentido segue um ritual próximo de um suplício e o seu palco é um local público, geralmente o homicídio é consumado em praça pública ou em bares. Tem a intenção de reforçar a hegemonia local e o poder de quem comanda. Entretanto, as mortes não ocorrem sem um contexto favorável para a execução, neste sentido para que o indivíduo sofra o suplício a sua morte tem de ser aceita e justificada no contexto local. De outro modo, se o sujeito que será assassinado não se enquadrar num tipo matável de forma óbvia, o indivíduo precisa seguir um ritual de morte, que antecede o suplício, a sua primeira morte advém de um sussurro. O sussurro aqui pode ser entendido com uma ameaça de morte velada, com uma origem duvidosa e com uma fonte pouco confiável e a depender de quem é o alvo do sussurro o seu rastro não se alastra e cai no esquecimento.

Morte sussurrada é a primeira forma de justificar a morte num local, quando não se tem uma referência negativa do indivíduo ou não se sabem quem é, a primeira coisa que ocorre é o boato de morte, alguém ouviu dizer que traficante X ou policial Y quer pegar a pessoa. No segundo momento corre o sussurro de que se o traficante X ou o policial Y encontrar com a pessoa, essa pessoa será morta. Se a pessoa não tiver um rede de contatos local, que deve ser entendido com uma prática que faça com que os vizinhos, amigos e parentes desfaçam o boato e se mobilizem em desmentir a informação, ou a pessoa não possuir de forma direta parentes ou amigos que tenham ligação com o mundo do crime ou com órgãos do Estado voltados para segurança pública, que coloque o seu executor em dúvida de represálias para sua morte, inevitavelmente a tensão e as possibilidades de mortes do indivíduo aumentam drasticamente naquele lugar.

Outro tipo de morte e que nas últimas décadas vem se tornando comum em Salvador é a que segue o *modus operandi* do extermínio do inimigo, na qual o indivíduo é sequestrado na rua ou em casa, levado para um local abandonado, torturado para delatar os seus possíveis comparsas ou esquemas no qual esteja envolvido e em seguida é executado, em alguns casos o corpo é desovado em local ermo. Ponto importante, deste tipo de morte é que nos últimos anos tem surgido a prática, principalmente com adolescentes envolvidos no tráfico de drogas, na qual o adolescente é torturado, a sessão de tortura é filmada seguida de delação forçada, com perguntas relacionadas a rotina do grupo na qual o adolescente está filiado, rotina do ambiente do tráfico, nomes e características físicas dos líderes. Em seguida o adolescente é solto e o vídeo⁴¹ é vazado para diversos grupos nas redes sociais, com isso a maioria dos moradores tem acesso as informações e imagens grotesca, do espetáculo de tortura em clara violação aos direitos humanos, os comparsas no mundo do crime se encarregam de eliminar o ex-parceiro, atual desafeto que pôs todo o esquema em risco.

A modalidade de morte que provavelmente é a responsável pela maioria dos homicídios é o conflito entre grupos rivais que disputam um mesmo local ou diversas regiões dentro da cidade. As mortes situadas neste contexto têm um período curto de duração, mas deixam marcas profundas no local, além do rastro de sangue dos muitos corpos, pois obedecem à outra lógica ela começa com uma declaração de combate e a intenção de um grupo extinguir o outro e dominar o local. No segundo momento, alguns membros do grupo rival são capturados para serem torturados, a identificação dar-se pelas marcas, alguns

⁴¹ - Não é difícil encontrar esses vídeos no youtube, nas redes sociais e nos grupos virtuais a maioria dos moradores tem acesso imediato ao vídeo.

grupos⁴² promovem a decapitação do adversário. Por fim, o conflito franco, quando um grupo decide invadir o território do outro, resultado em cenários de carnificina.

7.2 ATORES QUE COMPÕEM O CENÁRIO DE MORTE

Um dos elementos mais relevantes da pesquisa é o entendimento de que o fenômeno da morte segue uma dinâmica específica, com cenário e tramas que se descortinam frente aos seus espectadores da morte ou observadores que compõe a cena, alguns tipos encontrados são: populares ou espectador, papa-defunto, X-9 e/ou colaborador e a polícia (militar e civil). Por mais mórbido que pareça, durante os anos em que estive em campo, tive a oportunidade de acompanhar diversas narrativas de morte e eventualmente, deparei-me com cenas de morte. Um corpo estendido no chão, resultado da violência letal. Depois do impacto de me deparar com um corpo enquanto pesquisador, buscando observar o contexto, as narrativas que seguem a morte e as explicações diversas para o ocorrido, não é estranho encontrar pessoas que se repetem e personagem que povoam o imaginário social daqueles que perseguem os corpos que tombam no asfalto.

Ao caos que se segue, geralmente após os disparos se amontoam em círculo um grupo significativo de pessoas que perseguem o corpo que acabou de desfalecer e a medida que o tempo segue e a polícia não chega ou algum morador próximo não cobre o corpo, mais pessoas se aglomeram, dentre um comentário e outro, muitos flashes são disparados e os comentários acerca daquela morte começa a circular e ganhar vida também nas redes sociais e em grupos de amigos. Porém, existem aqueles que se mobilizam para ver em primeira pessoa o corpo, esse espectador é conhecido no campo em que estudei como Papa Defunto.

O Papa Defunto, apesar do nome no masculino, na maioria das vezes são mulheres. As mulheres que perseguem corpos deixam sua rotina alterar por qualquer notícia de violência. Inicialmente, segundo os relatos, os Papa Defuntos eram senhoras que não perdiam a oportunidade de velar um morto ou de ir ao sepultamento, mesmo de um desconhecido. Resignificando o termo, o Papa Defunto, atualmente persegue o corpo e quando possível vai ao cemitério. Essa personagem desempenha papel importante, pois como está sempre nas cenas de morte, conhece as narrativas, muitas vezes conhece as vítimas e levantam hipóteses

⁴² - O autor optou por não colocar o nome dos grupos que estão envolvidos no cenário de violência urbana e conflito voltados para o tráfico de drogas.

de possíveis autores do crime, contextualizam a morte e criam uma relação entre o morto e algum grupo de pertencimento, além de elencar os motivos. Geralmente é ouvida atentamente por todos, mesmo para o que desacreditam de suas versões e consideram a pessoa como falastrona. Entretanto duas coisas devem ser evidenciadas acerca do Papa Defunto, o aspecto geracional da personagem e o risco em que se submete ao perseguir os corpos.

O aspecto hereditário do Papa Defunto dar-se pelo fato de que essas pessoas estão disponíveis para mudar a sua rotina e geralmente nunca estão sozinhas, quase sempre com crianças (filhos, netos ou sobrinho), além de amigos, e enquanto perseguem os corpos levam aqueles a sua volta também. Quando questionei alguns interlocutores acerca do termo, obtive diversas respostas como:

Pesquisador: Você já ouviu o termo Papa defunto?

Interlocutor: - Sim. Minha vó é. minha vó ia em enterro de desconhecido bastava ter um ônibus saindo 0800 [gratuito].

Isso me traumatizou. Uma vez morreu um senhor em nossa rua, que todos chamavam de Caçador, ele idoso, eu tomava sempre a benção como era de praxe ele morreu numa quinta feira de semana santa. Naquele tempo era a semana toda mesmo, as casas muito silenciosas principalmente da quinta em diante. O velório foi durante a noite, minha vó me levou, eles tinham mania de mostrar os mortos para as crianças dizendo que era pra não ficar impressionadas.

Menino, quando esse povo me levantou pra olhar o caixão, vi aquele homem ladeado de flores e com o algodão no nariz, eu entrei em pânico. Achando pouco, me levaram no enterro que foi na sexta feira santa pois não tinha com quem ficar em casa. Ele foi enterrado no campo santo, eu comecei andar pelo cemitério olhando as datas de nascimento e morte (mania que tenho até hoje)

... Foi um inferno, só vim acabar minha paranoia com mortos quando virei ateu na adolescência, morria de medo. P.41 anos.

Essa narrativa remonta o aspecto tradicional do termo, quando questionado acerca dessa mudança ou se tinha diferença entre essa perspectiva e a atual que persegue os corpos executados, o entrevistado afirmou que segue a mesma lógica, afinal sua vó, ainda observa os corpos. Por outro lado, uma interlocutora relatou:

Pesquisador: Você já ouviu o termo Papa defunto?

Interlocutora: - Sim. minha vó e minha prima são.

Pesquisador: Você já acompanhou algum corpo com elas? Qual a sua primeira lembrança?

Interlocutora - Já sim. Lembro, do primeiro corpo, era final quase hora do almoço, vi uma movimentação de gente indo para a rua detrás. Não lembro direito, era um beco

apertado, minha vó saiu levando eu e minha prima. Não conseguir ver o corpo, mas lembro das pessoas nas lajes e se agarrando para ver o corpo.

Pesquisador: Como você acredita que isso influenciou em sua vida?

Interlocutora: Na minha vida, não muito. Eu não gosto muito de ver o morto, lá. Mas minha prima, como eu disse é Papa Defunto. Na verdade tenho duas. Essa prima que foi comigo, que minha vó levou, ela fica em cima, tem um monte de fotos no celular de gente morta, fala nos grupos. Quando sai a notícia de que alguém morreu ela pode estar fazendo o que for, vai logo lá ver o corpo. Hoje ela morre de medo de sair na rua, quer vender a casa, porque ela mora em outro bairro xxxx, bem perto daqui, quer voltar.

Outro dia, ela tava na emergência, foi visitar um primo que tinha sido baleado, não morreu. Quando ela tava lá, viu um fulano da área dela, ela viu que ele estava armado. Ele a viu e foi falar com ela. Perguntou o que estava fazendo ali no corredor do hospital. Ela sentiu a maldade e disse que veio acompanhar uma tia. Demorou um pouco e ele saiu. Ela hoje vive com medo e quer sair.

Minha outra prima era assim, igual a essa as duas andavam juntas. Agora ela diz que tem medo, que o coração fica pequeno toda vez que houve dizer que alguém da região morreu. Virou evangélica. Ela diz que tem medo das notícias porque pode ser o filho dela. C. 28 anos

Neste segundo relato, o Papa Defunto se aproxima muito com o sentido atual, porém apresentam três versões diferentes para a exposição geracional e os perigos que essas pessoas se colocam. A interlocutora conta que não gosta de ver corpos, que foi iniciada pela avó junto com outra prima. A prima que viu um corpo pela primeira vez com ela assumiu o papel da avó, porém se colocou em risco a ponto de entrar na linha de fogo entre vítima e algoz, no momento, ela não foi reconhecida e vive aterrorizada com a sensação de que está sendo vigiada e pode ser uma vítima por saber demais, estar no lugar errado e na hora errada, como dizem os populares, por isso busca se mudar para um local próximo de sua família. Enquanto outra prima que perseguia corpos, vive aterrorizada com a possibilidade de encontrar seu filho adolescente tombando no asfalto. Não foi relatada nenhuma atitude suspeita ou delinquente do filho dessa segunda prima, porém por se colocar num contexto de violência a sua visão de mundo e experiências a colocaram nesta situação de temor, para aliviar essa tensão a religião aparece como algo que acalenta.

Ainda em campo, me deparei com outros dois casos, nos quais não tive autorização para gravar as conversas, mas tive a oportunidade de conhecer duas histórias de Papa Defuntos que tiveram suas vidas alteradas drasticamente. No primeiro caso eu conversei algumas vezes com a Papa Defunto, antes dela fugir do seu lugar; no segundo caso, apenas as narrativas me foram apresentadas. As duas eram jovens na casa dos 21 anos. A primeira gostava desde garota perseguir corpos e ir para enterros. Quando aos 19 anos se relacionou

com um jovem que diziam ter envolvimento com o tráfico de drogas. Por ela não estar diretamente envolvida com o tráfico de drogas ou com traficantes - em sua versão - ela perseguia os corpos por toda a extensão do bairro, ignorando fronteiras entre grupos rivais. Quando numa ocasião surgiu o sussurro de que o namorado dela era o X-9 da polícia e tinha alcaguetado (ter delatado) o morto. Em sua versão a Papa Defunto afirma que não sabia disso. Mas o boato que correu o bairro foi de que ela foi lá para conferir se a pessoa tinha de fato morrido. Com isso em poucas semanas seu namorado foi assassinado e surgiram boatos de que o grupo do morto iria assassiná-la, depois boatos de que tinha um carro preto rondando a sua casa, por fim, sua família juntou dinheiro e a enviou para morar em outro Estado com parentes.

No segundo caso, a Papa Defunto perseguia também os mortos sem distinção de local, porém os moradores dizem que ela estava se relacionando com meninos de dois grupos rivais. Ela foi convocada a escolher a qual lado ela iria pertencer. Porém num caso pouco explicado, ela e mais duas pessoas, segundo as narrativas, foram vistas tentando arrombar uma panificadora próxima ao final de linha. Os três foram torturados, um rapaz foi deixado vivo na beira da estrada enquanto ela e outro rapaz foram executados. As justificativas ofertadas eram de que ela sabia demais por andar sempre onde tinha mortos para coletar informações e identificar as vítimas e suspeitos dos crimes.

Uma das personagens mais famosas das cenas de morte e que compõe a maioria das narrativas de contextualizam um homicídio em Salvador, o X-9, ou como é conhecido o agente duplo. É a personagem que oferece informação privilegiada, sabe quem são as vítimas, conhece os esquemas, sobrevive do seu status e das informações que tem, utilizando-as para adquirir vantagens no lugar.

O colaborador, é uma personagem que dentre todas que eu não conhecia *a priori*, soube da sua existência enquanto estava no campo. O colaborador é parecido com o X-9, porém tem uma diferença, ele não flerta com os dois lados, geralmente é um civil, que se passa despercebido por um tempo, oriundo daquela localidade, quase sempre é parente ou amigo próximo de algum policial, quando não trabalha como segurança privado, que internalizou o *ethos* policial. Utiliza-se de sua posição para adquirir informação privilegiada e repassar para policiais, porém se a sua caracterização e função fosse apenas essa, ele seria considerado um X-9 moderado. Na realidade, existe um tipo específico de colaborador que é

chamado de colaborador operacional, é o civil que frequenta delegacias, vai a diligências das polícias civil e militar, serve de olheiro e quando convocado participa de atos de execução.

O colaborador sabe de sua posição vulnerável e de que está à margem da lei, mas a sua identificação com a atividade policial na sua vertente de combate em cenário de guerra, numa prática executora, o coloca como uma personagem chave no cenário de violência, pois quando as instituições de segurança, ou melhor, quando os policiais que atuam numa dada localidade não podem agir, esse personagem é acionado a resolver o problema e "limpar a área". O colaborador, algumas vezes, age como um paramilitar que pertence a um grupo de extermínio, noutras vezes, serve como homem de confiança de policiais, em especial os mais velhos. Um policial civil que entrevistei disse que era muito comum quando ele entrou na corporação um policial antigo sair em missão com um colaborador dirigindo ou fazendo dupla com aquele colaborador alegando uma relação de confiança. Em alguns casos, existem colaboradores que não mantêm a discrição que a sua personagem exige e se exhibe na localidade. Um caso famoso é do ex-policial civil Rambo, que esteve envolvido em casos de corrupção e homicídio nos anos 1990, foi exonerado do cargo, e num bairro popular de Salvador, exibia arma, prendia, ameaçava e segundo narrativa executava ladrões e traficantes, com a prerrogativa de que era um suposto colaborador operacional da Polícia Federal, como foi noticiado em 05/06/2016, na notícia da morte de Rambo, "A violência é profissional! Execução de ex-policial Rambo é simbólica e revela fragilidade da Segurança Pública na Bahia"⁴³.

Por fim, quando a polícia entra em cena (oficialmente, para exercer o seu papel de agente garantidor da lei), geralmente depois de um chamado de socorro da população, a força de segurança pública é representada pela Polícia Militar, na maioria dos casos e pela sua natureza é a primeira a aparecer em cena, seguida da Polícia Civil e a Polícia Técnica junto ao Instituto Médico Legal Nina Rodrigues (IML). Neste ponto, é importante frisar que a maioria dos trabalhadores da segurança pública, em seu discurso, tende a naturalizar o processo traumático que é se deparar numa próxima esquina com corpos tombados ao chão, em situações de barbárie, às vezes. Entretanto, dentre os diálogos desenvolvidos, nesta pesquisa, existem algumas interpretações possíveis para contextualizar a situação do homem enquanto agente de segurança e a leitura do olhar policial acerca do corpo estendido ao chão.

⁴³ - A notícia pode ser acessada no site: <<http://informebaiano.com.br/7053/policia/aviolenciaeprofissionalexecucaodeexpolicial-ramboesimbolicaerevelafragilidadedasegurancapublicanabahia>>.

Dentre as falas dos entrevistados destaco duas: a primeira é de um investigador da polícia civil, que ingressou há pouco nas fileiras da Polícia Civil e como foi cobrir a sua primeira cena de homicídio.

Pesquisador: Já cobriu algum homicídio? E aí, como foi?

Policia Civil: - Acompanhei um em ...mas superficialmente.

Foi um homicídio de um adolescente de 17 anos, morador de periferia, seis homens em dois carros chegaram na casa dele, onde moravam a mãe e os irmãos, às 3 da matina, amarraram as mãos dele e iriam levá-lo dentro do porta-malas. Mas o menino correu para o outro lado da rua, aí eles executaram ali mesmo. Na frente dos familiares. Tudo leva a crer que foram policiais envolvidos com o tráfico lá. Aliás, lá está desse jeito.

Pesquisador: o que fazer depois disso? Ou como foi a chegada para ver o corpo? Você já sabia mais ou menos do ocorrido ou foi surpresa?

Policia Civil: -Para mim, foi surpresa. Mas o mais antigo que eu acompanhava sabia. O corpo já tinha sido removido. E ele colheu informações dos parentes que testemunharam, mas falaram pouco por medo. Deixamos o contato para irem à delegacia e o telefone do mais antigo. Todos têm medo. O local não tinha câmeras e eles disseram que o menino não tinha nenhum envolvimento com o tráfico. Mas parece que pegou a namorada de um traficante.

Minha participação foi mais como espectador do que outra coisa, mas foi interessante. O investigador tem muita experiência, sabia fazer as perguntas certas, provocar as testemunhas a falarem. Não saberia fazer isso porque eles têm medo de morrer. O problema lá é o envolvimento dos policiais. A delegada já está ameaçada e agora ele também [Investigador mais experiente] porque só tem um investigador na homicídios de lá.

Pesquisador: ameaçada por quem? Como lidam com esses policiais envolvidos?

Policia Civil: -Por policiais da p2 da PM. Isso deve ... Porque não é um caso fácil de se resolver. Nesse homicídio do menino, Outros dois foram baleados Estavam no hospital de...Fomos ouvi-los lá. Dois delegados e o mais antigo eu e outro investigador ficamos do lado de fora aguardando. Nesse instante, chegaram pms da p2 lá, em uma viatura despadronizada. Eram três, ficaram sondando lá por um tempo depois foram embora. Notaram a nossa presença e não foram falar com os delegados. Tanto que quando contamos o episódio aos deltas eles ficaram intrigados com a situação.Então, a situação é muito delicada.

Pesquisador: Posso dizer que há uma competição e intimidação pela gestão da violência entre as forças policia nesta região?

Policia Civil: - Sim, com toda certeza. Na minha opinião, os executores eram todos policiais.

Pesquisador: Por quê?

Policia Civil: -Em razão do modus operandi, todos com balaclava⁴⁴. Tinham lacres para algemar e a ação foi organizada. Traficante comum mata a qualquer hora. A

⁴⁴ - Balaclava, popularmente conhecida como "brucutu". É um gorro que cobre toda a cabeça deixando apenas os olhos em exposição. Utilizado para dificultar o reconhecimento do agente.

ação é desorganizada, muitas vezes, mata a família inteira, não vai só no alvo específico. Eles, de toda forma, estão envolvidos com a guerra do tráfico lá. Entre três líderes, dois foram presos e um está foragido. Deve estar rolando muita grana para atrair esse povo. Policial Civil, 35 anos.

O diálogo acima, praticamente a transcrição de toda a entrevista, faz-se necessário para apresentar o olhar e as leituras de um investigador que acaba de participar da sua primeira cena de homicídio. Além de apresentar outros aspectos para além do corpo. Percebe-se que de todo o cenário, o investigador está mais preocupado com a construção e desenrolar dos fatos. A tensão e o medo existente entre os presentes. Busca orientar a sua investigação policial seguindo os passos e ouvindo atentamente o investigador veterano, contudo a sua explicação para o homicídio faz referência ao contexto maior de regulação da violência, na qual a PM exerce um papel determinante, do que em solucionar o caso e prender os suspeitos. Além do constrangimento e desconfiança existente entre as forças policiais, o que não auxiliam na resolução dos homicídios. Por outro lado, ilustra a desconfiança que há entre agentes de polícia das duas instituições via intimidação (in)direta ou pela vigilância, por isso não causa estranheza se o morador, amigo ou familiar não se sinta confortável ou em segurança partilhar o que sabe ou elencar prováveis suspeitos da autoria do homicídio.

Por outro lado, um policial da PM, veterano, sargento com mais de 20 anos de casa, apresenta um olhar interessante relacionado à sua vivência e perspectivas relacionados aos casos de homicídio:

Pesquisador: Durante os seus 20 anos de policia como é cobrir uma cena de homicídio?

Policial Militar: - Normal. A gente tenta não se envolver muito com o trabalho. Depois de um tempo você se acostuma. Você sabe, como nós, que moramos na periferia, é comum ver corpo.

Pesquisador: Então a forma como você chega num homicídio é sempre igual?

Policial Militar:- Rapaz, é o seguinte... como cobrimos uma mesma área, daí sempre tem aqueles lugares que tem seus mortos. Mas lembrando agora tem umas formas diferentes. Quando eu chego com a patrulha, antes de falar com as pessoas têm umas coisas que eu reparo. Aquela pessoa que sempre tá olhando os mortos e são conhecidas para ver a cara delas e a reação. A depender da cara vamos chamar para conversar e ver a versão das outras pessoas. Ou então, quando tem um morto e antes da viatura encostar tem um amigo ou parente desesperado, indignado mesmo, querendo falar, colocando sua vida em risco. Aí é diferente, faço tudo que posso para resolver. Pego o contato deles, peço para se acalmar e evito a conversa. Agora, quando eu chego num local, perto de um bar por exemplo, tem um sujeito morto, ninguém liga para ele. A nossa preocupação é pegar as informações, ajudar o IML a levar o corpo e liberar o trafego no local. Sargento, 47 anos.

Levando em consideração a fala do Sargento, pode-se perceber que apesar do primeiro momento ele tentar naturalizar o fato de ter de se deparar com cenas de homicídios e encarar a morte como resultado comum na sua prática profissional, ao se debruçar com um pouco mais de atenção no tema, ele mesmo é capaz de produzir múltiplas leituras acerca de um corpo morto, sem fazer uma leitura do morto em específico, nesse sentido se aproxima da fala do investigador da PC. Ao invés, faz-se a leitura dos observadores, suas reações, das pessoas que sempre acompanham os mortos da região (Papa Defunto) e do diálogo que se segue com estes, para o maior entendimento do ocorrido ou para ter uma primeira versão, hipótese para o trabalho. Existe a determinação profissional de desempenhar o seu papel, quando percebe que para além do morto há alguém que se importa, que quer romper com o silêncio e quebrar o ciclo de violência, mesmo que isso cause transtornos na vida pessoal da testemunha. Ou a indiferença que se faz com um corpo indigente, sem tantos telespectadores e sem ninguém para reclamar a sua ausência.

Atores que compõem o cenário de morte têm suas vidas alteradas, às vezes, drasticamente a depender de como eles participam e colaboram com o ocorrido. A morte é um fato social extremamente relevante, ainda mais no contexto de extermínio sumário de parcela específica de uma população, além de alterar diretamente toda a rotina do lugar em que ocorre e a vida dos familiares e amigos mais próximos.

Personagens aparentemente passivos, como o Papa Defunto, exercem grande relevância na construção das narrativas de morte e por isso, num determinado contexto é este personagem que alimenta o imaginário social com uma interpretação possível, que no decorrer do tempo e na memória do local, obviamente com a negligência das forças policiais que tem um índice bastante modesto de resolução de homicídios na capital e região metropolitana de Salvador. A partir dessas narrativas criam-se justificativas e cenários favoráveis para as mortes, retroalimentando o ciclo de violência. Importante destacar que ao passo que essa personagem cria narrativas, o seu interlocutor, no anseio de preencher as lacunas que ficam nas versões produzidas por esses personagens criam outros cenários possíveis, tirando o Papa Defunto do local de observador interessado, ou narrador onisciente para uma versão onipresente, como se a personagem estivesse envolvida na trama e concepção do homicídio.

Deste modo, não é estranho que duas mulheres que encenavam nas tramas de morte como Papa Defunto, tiveram suas vidas alteradas, uma para não morrer teve de mudar de

cidade e cortar os vínculos de amizade com o seu lugar, enquanto a outra incorporou o seu papel e teve a sua vida ceifada por interpretações dúbias de diversas mortes, em contextos pouco explicados, mas que a sua presença ou a sua narrativa ajudou a justificar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Nas Tramas da violência: (des)construindo os sentidos dos homicídios nas periferias de Salvador*, buscou-se apresentar como uma cidade violenta e com uma sociedade que consome violência, como Salvador, o homicídio não pode ser concebido como algo banal, que faz parte do contexto de desigualdade, exclusão social e violência ou como um fenômeno de violência indiscriminada em que qualquer pessoa em qualquer lugar as pessoas podem ser mortas. Ao invés, com uma investigação cuidadosa, a partir de um estudo de caso, de inúmeras entrevistas e da análise de dados relacionados à violência urbana no contexto local e nacional e do aumento da violência proporcional da capital e região metropolitana de Salvador é possível chegar a um entendimento mais amplo relacionado as violências que acometem a cidade, alimentam o imaginário social, a questão dos homicídios, das tramas envolvidas (tráfico de drogas e violência policial) que resultam nos corpos encontrados nas periferias.

Embora este trabalho seja de microssociologia, e enfoque as relações cotidianas e com estudo baseado numa realidade específica, que é o cenário de violência ou os locais em que os crimes de homicídio se repetem na cidade, o macro está sempre presente. Por isso, há um estudo que se debruça acerca da cidade de Salvador como um todo para que o leitor compreenda o processo de construção da pesquisa e como alguns achados importantes, conceitos ou mesmo a escolha do local, do Covil, não foi aleatória.

Ao investigar a questão da violência e da incidência de algumas modalidades de crimes em Salvador, alguns bairros são destaque e povoam o imaginário social de parcela significativa do soteropolitano. A maioria dos bairros considerados violentos ou que tem um alto índice de concentração de homicídio ou são bairros periféricos ou populares da cidade. Entretanto, quando o pesquisador elege alguns desses bairros para dar início a investigação descobre que a violência não está presente em todo o bairro ou que a população local não tem a sensação de insegurança ou de que a violência ocorre a qualquer hora e com qualquer pessoa como faz crê os meios de comunicação de massa, por vezes sensacionalistas, que exploram a violência e o imaginário violento de parcela significativa dos soteropolitanos. Os números e boletins da Secretaria de Segurança Pública atestam em Salvador existe dia e hora para as mortes, isto é, os picos de homicídios ocorrem a noite e nos finais de semana, além disso, os locais das mortes eventualmente se repetem, o perfil dos mortos também.

Atento ao momento das mortes e dos tipos matáveis, chega-se a conclusão de que as vítimas dos homicídios ou os locais em que os homicídios ocorrem não são aleatórios, geralmente os crimes nas diversas modalidades ocorrem em locais específicos e de difícil acesso, onde uma pessoa que não é moradora local dificilmente passa despercebido como numa praça local ou no centro comercial do bairro, este local observada as suas características: localização, perfil da população, acesso a serviços públicos básicos como saúde, educação, transporte, chegou-se ao conceito de guetos.

Em outro momento, depois do estudo da cidade, da escolha do local e sua caracterização houve a barreira do contato e construção de uma rede de interlocutores confiáveis para entendimento dos sentidos da morte naquele local. Também, em muitos momentos, foi necessário como observador privilegiado, participando de grupos em redes sociais ou em conversas na rua, acompanhar as narrativas e contextos que justificavam a morte de certos atores sociais, que gozavam de algum prestígio no local. Às vezes, seguir junto com os interlocutores e caminhando o seu percurso, construindo um ambiente para as suas narrativas, passar por áreas ou ruas nos bairros conhecidas (famosas) na região por ser locais em que pessoas foram executadas ou mesmo observar atentamente os corpos estendidos e como estes alteram a dinâmica social e realidade local por um determinado tempo.

As alterações que vão desde pessoas que deixam o que estão fazendo para perseguir os corpos, aos transeuntes que deixam de seguir o seu percurso para observar o desenrolar das tramas com a chegada da polícia e a retirada do corpo pelo IML, além das inúmeras fotos que são tiradas e exibidas em grupos virtuais, nas redes sociais individuais ou em sites de notícias vendidas por estes observadores interessados na tragédia alheia. Recentemente corre-se o risco real ou meros rumores de revide de grupos de traficantes motivados pela execução de um membro, seja pela ou grupos rivais decretarem luto com o fechamento do comércio local, bloqueio de vias e impedimento da circulação dos ônibus na região.

Foi possível construir uma tipologia dos tipos matáveis que são no geral: ladrão, traficante e estupradores, cuja menção de associação ao morto com alguns desses tipos justifica socialmente e retroalimenta as narrativas para a sua morte, além de outros tipos sofisticados que surgem casualmente como o abusado ou o bicho, que podem ser mortos por não se enquadrarem nos três tipos matáveis, por outro lado, não se enquadra em lugar nenhum e tem uma postura desviante e contrária aos acordos tácitos da gestão da violência local.

Após a construção dos tipos matáveis, analisando o perfil majoritário dos mortos, chega-se a um corpo delinquente, que por sua própria natureza, num ambiente hostil, na qual a violência é a primeira forma na qual o Estado se apresenta nos guetos, ofertando a esse sujeito dois únicos caminhos a esse corpo, dentro de cenário uma guerra urbana insensata: prisão ou morte. O corpo delinquente foi pensado de modo a atingir parcela significativa da população soteropolitana, prioritariamente jovens negros da periferia, por ser um corpo que é estigmatizado socialmente, as suas marcas diacríticas, sua concepção estética ofertam para o outro uma leitura que possibilita identificá-lo como um sujeito de conduta desviante, que se expressão por suas tatuagens, correntes, bonés e expressão corporal. Obviamente é uma leitura do outro sobre o corpo marginalizado socialmente, o que justificaria a sua exclusão de determinados locais da cidade ou mesmo a sua morte.

Dentro de uma narrativa específica que justifique socialmente a morte de um corpo delinquente pelos cidadãos de bem que representam a sociedade soteropolitana e brasileira, os corpos delinquentes podem ser exterminados. A morte desses sujeitos é seguida e consumida de perto por alguns atores sociais (Espectador, Papa Defundo, X-9, Colaboradores) que repercutem e (re)criam novas narrativas que darão sentido à as tramas de morte. Enquanto, o Estado, suas instituições de justiça e segurança ou seus governantes não se sentem imbuídos da necessidade de solucionar ou tratar com o valor devido o problema da violência urbana nas periferias, responsabilizar os seus agentes que perpetram violências como o caso da *Chacina do Cabula* ou aumentar a taxa de resolução dos homicídios na cidade.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. trad. Iraci D. Poleti, São Paulo: Boitempo, 2004.
- AGAMBEN, Giorgio; BURIGO, Henrique. **Homo sacer, o poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- ANDRADE, Manuel da Costa; DIAS, Jorge de Figueiredo. **Criminologia: O homem delinquente e a sociedade criminógena**. Coimbra: Coimbra Editora, 1997.
- ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA 2016. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, ano 10, 2016. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/storage/10_anuario_site_18-11-2016-retificado.pdf>. Acesso em Março de 2017.
- BARRETO, P.C. da S. **Relatório da População Afro-descendente - Brasil**. Educação. Salvador: A Cor da Bahia. 2013.
- BARROS, H.; HENRIQUES, R.; MENDONÇA, R. **Desigualdade e pobreza no Brasil: retrato de uma estabilidade inaceitável**. RBCS, Vol. 15. 42, 2000.
- BORGES, Thais. Fazenda Coutos é o bairro mais negro de Salvador; Liberdade fica em 54º lugar. Correio, Salvador: 2014. Disponível em: <<http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/fazenda-coutos-e-o-bairro-mais-negro-de-salvador-liberdade-fica-em-54o-lugar/>>. Acesso em Agosto de 2016.
- BOURDIEU, Pierre; JUNIOR, Liraucio G.. **Questões de sociologia e comunicação**. Annablume, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: 1989.
- _____. **Sobre o Estado: cursos no Collège de France (1989-92)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- CALDEIRA, Teresa. **A cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo. Ed.34/Edusp.
- CASTRO, J.A. **Situação da Educação Brasileira: Avanços e problemas (Capítulo 3)**. In: CASTRO, J.A.; ARAÚJO, H.E. (Orgs.). Situação Social Brasileira. Monitoramento das condições de vida 2. IPEA. Brasília. 2012.
- CENSO, I. B. G. E. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em, v. 23, 2010.
- Conexão Rasta. Periferia. Salvador. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Wk0oN6bU9zQ>>, Acesso dia 27 de Março de 2016.
- COSTA, Francisco de Assis da. **O lugar da violência: tipologias urbanas e violência em Salvador**. Cadernos PPG-AU/UFBA, v. 6, 2008.

DORIAN, Luiz Borges; CANO, Ignácio. **Índice de homicídios na adolescência**: IHA 2012, Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2014.

ESPINHEIRA, CARLOS G. D.; SOARES, Antonio M.. Conjuntos habitacionais em Salvador-Ba e a transitória inserção social. Risco: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online), n. 3, p. 57-65, 2006.

_____. **Violência e pobreza**: janelas quebradas e o mal-estar da civilização. Cadernos do CRH (UFBA), Salvador-Bahia, v. 45, p. 461-470, 2005.

Fantasmão. Não Vá que é barril. Salvador. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=4GX9z5AttLk> >, Acesso dia 27 de Março de 2016.

FELTRAN, Gabriel de Santis.. **Fronteiras de tensão**: política e violência nas periferias de São Paulo. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FLAUZINA, Pinheiro Ana Luiza. **Corpo caído no chão**: O sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro. Dissertação de Mestrado-Universidade de Brasília. Faculdade de Direito. 2006

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Petrópolis, Vozes, 1979.

_____. **Vigiar e punir**. Petrópolis, Vozes, 1987.

GAIO, André Moysés. **O populismo punitivo no Brasil**. CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, ano 5, ed. 12, abr./jul. 2011.

GARLAND, David: **Castigo y Sociedad Moderna. Un estudio de Teoría Social**. México y Madrid: Siglo XXI Editores, 1999 (1990). (209 – 289p.)

_____.La Cambio y orden social en la modernidade tarde. In: **cultura del control**: crimen y orden en la sociedade contemporânea. Barcelona. Ed. Gedisa.2005, 137- 162 p

GIL, Antonio C.. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, v. 5, p. 61, 2002.

GOFFMAN, Erving. **As representações do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, LTC, 1988.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 1997.

GOLDMAN, Marcio. **Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia**. Cadernos de Campo (São Paulo, 1991), v. 13, n. 13, p. 149-153, 2005.

HOLSTON, James. **Cidadania insurgente**: disjunções da democracia e da modernidade no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras.

IPEA, E. FBSP. **Atlas da Violência 2016**. 2017.

LEMOS, Nelson. **Criminalidade policial, cidadania e Estado de direito**. Cadernos do CEAS. 2002, 36 p.

LIMA, Renato Sergio de; RATTON, José Luiz. **As ciências sociais e os pioneiros nos estudos sobre crime, violência e direitos humanos no Brasil**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2011.

LOMBROSO, Cesare. **O homem delinquente**. 2007.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento...** Os pensadores, v. 43, 1976.

MACEDO et al. **Violência e desigualdade social: mortalidade por homicídios e condições de vida em Salvador, Brasil**. Rev. saúde pública, v. 35, n. 6, p. 515-522, 2001.

MISSE, Michel. Cinco teses equivocadas sobre a criminalidade urbana no Brasil: uma abordagem crítica, acompanhada de sugestões para uma agenda de pesquisas. Série Estudos, n. 91, 1995.

MORAES, A.C. (Coord.). Coleção Explorando o Ensino. Sociologia. Volume 15. **Diferença e Desigualdade**. Capítulo 7. Brasília: MEC. 2010.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo**. Unesp, 1996.

PAES-MACHADO; NORONHA, Ceci Vilar ; CARDOSO, F. . **No olho do furacão: brutalidade policial, discriminação racial e controle da violência em Salvador, Brasil**. Estudos Afro-Asiáticos, Salvador, v. 19/20, p. 201-226, 1997.

PAES-MACHADO; NORONHA, Ceci Vilar ; TAPPARELLI, G. . Violência, etnia e cor: um estudo dos diferenciais na região metropolitana de Salvador. Revista Panamericana de Salud Pública / Pan American Journal of Public Health, Washington D.C., v. 5, n.4-5, p. 268-277, 1999.

POCHMANN, M. **Estrutura social no Brasil - Mudanças Recentes**. Serv. Soc. Soc., n. 104, 2010.

REIS, João José. **A greve negra de 1857 na Bahia**. Revista USP, n. 18, p. 6-29, 1993.

REIS, Vilma. **Atocaiados pelo Estado: as políticas de segurança pública implementados nos bairros populares de Salvador e suas representação, 1991-2001**. 2005. 247 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2005.

SALLES, João Moreira; LUND, Kátia; SALLES, Walter. Notícias de uma guerra particular. Brasil. Rio de Janeiro. **Coleção Videofilmes**, 1999.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Edusp, 2005.

_____. **O centro da cidade do Salvador: estudo de geografia urbana**. EDUSP/EdUFBA, 2012.

SILVA, A. J. L. da. **Tatuagem: desvendando segredos**. Cartilha de Orientação Policial. Salvador: Magic Gráfica, 2012. Disponível em: <<http://www.aopmba.com.br/2012/index.php?menu=artigos&id=31>>. Acesso em: 06 de Fevereiro de 2016.

SILVA, Luiz Antonio Machado da. **Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano**. Sociedade e estado, v. 19, n. 1, p. 53-84, 2004.

SILVA, Naiara Souza da. **Tatuagens: sujeitos e sentidos**. 2014. 153 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2014.

SIQUEIRA, Paula. “**Ser afetado**”, de Jeanne Favret-Saada. Cadernos de Campo (São Paulo, 1991), v. 13, n. 13, p. 155-161, 2005.

SOUZA, Jessé de. **A gramática social da desigualdade brasileira**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 2004, p. 79-96.

TORRES, Juan; RODRIGUES, Rafael. Mapa deixa clara a concentração de homicídios em bairros pobres. Correio, Salvador, 2012. Disponível: <<<http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/mapa-deixa-clara-a-concentracao-de-homicidios-em-bairros-pobres>>>. Acessado em 31 de março de 2015>

UNIFEM/IPEA/SEPPPIR. **Retrato das desigualdades de gênero e raça** – 3ª Edição. Brasília. 2008.

VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela: do mito de origem a favela**. com. FGV, 2013.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. **Pobreza urbana e a formação de bairros populares em Salvador na longa duração**. GEOUSP: espaço e tempo, n. 20, p. 19-30, 2011.

VELHO, Gilberto. **O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia. O desafio da cidade**. Novas perspectivas da Antropologia Brasileira. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

WACQUANT, Loic. *As Prisões da miséria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. (77 – 153 pp.)

_____. **As duas faces do Gueto**. São Paulo: BoiTempo, 2008. 156 p.

_____. **Os condenados da cidade: estudo da marginalidade avançada**. Rio de Janeiro: Revan: Fase, 2001.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2012: Os novos padrões da violência homicida no Brasil**. 1ª Edição, EUROPEANINSTITUTEFOR R. C Ministério da Justiça, 2012.

_____. **Mapa da Violência 2013**: homicídios e juventude no Brasil. 2013.

_____. **Mapa da Violência 2014**: Os jovens do Brasil.

WIEVIORKA, Michel. O novo paradigma da violência. In: **Tempo Social**, vol.9, nº1, maio, 1997.

YOUNG, Jock. **A sociedade excludente**: exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente. Rio de Janeiro: Revan, 2002.